

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Fabiana Pinheiro de Souza

**A IMAGEM FOTOGRÁFICA PRODUZIDA PELO CIDADÃO COMUM COMO
INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA: um estudo do aplicativo “Na Rua”, da GloboNews**

Belo Horizonte
2019

Fabiana Pinheiro de Souza

**A IMAGEM FOTOGRÁFICA PRODUZIDA PELO CIDADÃO COMUM COMO
INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA: um estudo do aplicativo “Na Rua”, da GloboNews**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Serelle
Área de Concentração: Mediação, imagens e narrativas

Belo Horizonte
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S729i Souza, Fabiana Pinheiro de
A imagem fotográfica produzida pelo cidadão comum como informação jornalística: um estudo do aplicativo “Na Rua”, da GloboNews / Fabiana Pinheiro de Souza. Belo Horizonte, 2019.
147 f. : il.

Orientador: Márcio de Vasconcellos Serelle
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

1. Fotojornalismo. 2. Jornalismo cidadão. 3. Aplicativos móveis - Estudo de casos. 4. Internet - Aspectos sociais. 5. WhatsApp (Aplicativo de mensagens). 6. Comunicação na arte. I. Serelle, Márcio de Vasconcellos. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 77.044

Fabiana Pinheiro de Souza

**A IMAGEM FOTOGRÁFICA PRODUZIDA PELO CIDADÃO COMUM COMO
INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA: um estudo do aplicativo “Na Rua”, da GloboNews**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Prof. Dr. Marcio Serelle (Orientador) – PUC Minas

Prof. Dr. Ércio Sena – PUC Minas

Prof. Dr. Rodrigo Fonseca – FUMEC

Belo Horizonte, 22 de outubro de 2019.

*À minha família, por todo o incentivo –
em especial, ao meu marido, pela atenção,
carinho e fonte de inspiração.*

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar onde chegou sem o valioso apoio de várias pessoas.

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador, Marcio Serelle, pelo suporte, correções, incentivos e paciência no pouco tempo que lhe coube. A palavra mestre nunca fará justiça a um professor como você, não somente por ter me ensinado, mas por ter feito com que eu realmente aprendesse. A você, Serelle, meus eternos agradecimentos.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela a qual hoje vislumbro, um horizonte superior, após tantos anos de aprendizado e confiança.

Aos meus pais, que, mesmo ausentes, tenho a certeza, me acompanham iluminando e dando forças para superar todas as dificuldades. Isso me fortalece e, para mim, é muito importante.

Agradeço ao meu marido, por todo o apoio, paciência e amor durante o desenvolvimento da dissertação.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos; e, em especial, Rafael Cota, pelo carinho e disposição na revisão de texto.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada.

E, por último, mas não menos importante, pois ele é o cerne de tudo, agradeço a Deus, quem permitiu que tudo acontecesse ao longo da minha vida, além dos anos como discente de mestrado. Em todos os momentos, é o maior mestre que alguém pode conhecer...

*A fotografia sempre me espanta, com um espanto que dura e se renova,
inesgotavelmente. (Roland Barthes)*

RESUMO

A visibilidade e o acesso quase que imediato ao conteúdo fotojornalístico de acontecimentos distantes do local onde nos encontramos têm se tornado uma constante na contemporaneidade. Esta dissertação aborda os conceitos relacionados ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação e suas implicações, produção, reprodução e transmissão de informação, particularmente de imagens, e a prática do jornalismo/fotojornalismo colaborativo. Para compreender algumas questões que surgem do novo cenário comunicacional, foram mesclados conceitos teóricos sobre o desenvolvimento do jornalismo/fotojornalismo desde seu início até o modelo participativo atual. Esta pesquisa busca compreender como se dão a participação do cidadão comum como produtor de informação fotográfica, a apropriação e os usos de imagens pelos meios dominantes, suas possibilidades e limitações. Para ampliarmos nossa percepção no intuito de compreender essa participação, resgatou-se brevemente a história da fotografia no intuito de identificar os usos da imagem como fonte de informação pela imprensa. Em seguida, ainda a fim de compreender essa participação, conceituaram-se os novos formatos de jornalismo (participativo/colaborativo, cidadão e *open-source*), que surgem em decorrência das novas tecnologias de informação. Não menos importante, analisou-se a condição da mídia tradicional como legitimadora da informação fotográfica produzida pelo cidadão comum. Para tanto, selecionamos algumas imagens produzidas pelo cidadão comum e utilizadas pela imprensa. Ao final, para compreendermos a participação, apropriação e utilização das imagens fotográficas produzidas pelo cidadão comum como fonte de informação pela mídia tradicional, analisou-se o canal colaborativo intitulado “Na Rua”, da GloboNews.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Jornalismo participativo/colaborativo. Aplicativo “Na Rua GloboNews”.

ABSTRACT

Visibility and almost immediate access to the photo-news content of events far from where we are have become a constant in contemporary times. This dissertation talks about the concepts related to the development of new information technologies and their implications, the production, reproduction and transmission of information, particularly images, and the practice of collaborative journalism / photojournalism. To understand some issues that arise from the new communicational scenario, theoretical concepts about the development of journalism / photojournalism were merged from its inception to the current participatory model. This research seeks to understand how the participation of ordinary citizens as photographic information producers, the appropriation and uses of images by the dominant media, their possibilities and limitations. To broaden our perception in order to understand this participation, the history of photography was briefly rescued in order to identify the uses of image as a source of information for the press. Then, in order to understand this participation, the new formats of journalism (participatory / collaborative, citizen and open-source), which arise as a result of new information technologies, were conceptualized. Not least, the condition of traditional media as legitimizing the photographic information produced by ordinary citizens was analyzed. To do so, we selected some images produced by the common citizen and used by the press. Finally, in order to understand the participation, appropriation and use of photographic images produced by ordinary citizens as a source of information by traditional media, we analyzed the collaborative channel entitled “Na Rua”, by GloboNews.

Keywords: Photojournalism. Participatory / collaborative journalism. “Na Rua” GloboNews app.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia de Che Guevara comparada com <i>O Cristo morto</i> (1506), de Mantegna	31
Figura 2 – <i>Lição de anatomia do professor Tulp</i> , de Rembrandt, comparada à fotografia de Che Guevara	32
Figura 3 – Fotomontagem de Abraham Lincoln	36
Figura 4 – <i>The Illustrated London News</i>	38
Figura 5 – <i>Photographic Van</i> , de Roger Fenton	40
Figura 6 – Guerra da Crimeia, 1855, Roger Fenton.....	41
Figura 7 – Prisioneiros do campo de concentração para soldados nortistas.....	42
Figura 8 – Dilma Rousseff parece transpassada por espada de militar em cerimônia oficial	46
Figura 9 – Suspeitos do ataque à Maratona de Boston.....	50
Figura 10 – Suspeito do ataque à Maratona de Boston é encontrado.....	50
Figura 11 – Fotomontagem a partir de ilustrações e fotografias de 1965 e 2009 da cidade do Rio de Janeiro	51
Figura 12 – Fotomontagem a partir de fotografia e computação gráfica	52
Figura 13 – Fotografia que se tornou viral de menina síria que confundiu máquina de fotógrafo com arma.....	54
Figura 14 – Página principal do <i>Overmundo</i>	57
Figura 15 – Chamada na matéria de principal/capa para a galeria de fotos da cobertura do alagamento em São Paulo em 19/03/2015	60
Figura 16 – Estímulo à participação do cidadão na produção/envio de imagens	62
Figura 17 – Estímulo via Facebook à produção/envio de fotografias para o jornal pelo WhatsApp.....	62
Figura 18 – Imagem de protesto enviada por WhatsApp	63
Figura 19 – Conflito em Myanmar.....	66
Figura 20 – Kenji Nagay assassinado em meio ao tumulto em Myanmar em 2007	67
Figura 21 – Imagens mostram corpo do jornalista Kenji Nagai sendo arrastado pela polícia	68
Figura 22 – Imagem mostra os irmãos Tsarnaev no local onde foram deixadas as bombas	69
Figura 23 – Momento da explosão da segunda bomba na Maratona de Boston.....	70
Figura 24 – Crianças mortas pelo gás Sarin em Arbeen, Síria	70
Figura 25 – Idealizadores do GloboNews.....	75
Figura 26 – Primeira logo da GloboNews	77
Figura 27 – Primeira grade de programação da GloboNews	79
Figura 28 – Primeiros jornalistas da GloboNews	80
Figura 29 – Primeiro <i>switcher</i> GloboNews	81

Figura 30 – Primeira redação GloboNews.....	81
Figura 31 – Estímulo à interação via WhatsApp (1).....	83
Figura 32 – Estímulo à interação via WhatsApp (2).....	84
Figura 33 – Estímulo à interação via WhatsApp (3).....	84
Figura 34 – Estímulo à interação pelas redes sociais (1).....	85
Figura 35 – Estímulo à interação pelas redes sociais (2).....	85
Figura 36 – Estímulo à interação pelas redes sociais (3).....	86
Figura 37 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”	88
Figura 38 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”	90
Figura 39 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”	90
Figura 40 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”	91
Figura 41 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”	91
Figura 42 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”	92
Figura 43 – Captura de tela inicial do aplicativo “Na Rua”	92
Figura 44 – Conteúdos ou materiais enviados e quantidade de usuários do aplicativo “Na Rua” (set./2016 a jan./2018)	93
Figura 45 – Perfil de usuários do aplicativo “Na Rua” (set./2016 a jan./2018).....	94
Figura 46 – Gráfico de apropriações (2016 a 2019).....	96
Figura 47 – Gráfico de apropriações (2016).....	96
Figura 48 – Gráfico de apropriações (2017).....	97
Figura 49 – Gráfico de apropriações (2018).....	97
Figura 50 – Captura de tela indicando o campo “Buscar” do portal <i>GI</i>	98
Figura 51 – Captura de tela indicando busca feita em navegador da <i>web</i>	99
Figura 52 – Captura de tela indicando <i>link</i> para o “cardápio de vídeos” das colaborações exibidas pelo canal..	100
Figura 53 – Captura de tela indicando “cardápio de vídeos” das colaborações exibidas pelo canal	101
Figura 54 – Captura de tela indicando opção por assistir aos vídeos contendo as colaborações mais vistas e acesso ao “ <i>lead</i> ” das matérias	102
Figura 55 – Captura de tela indicando exibição de vídeo de colaboração apropriada pela GloboNews	103
Figura 56 – Gráfico de colaborações apropriadas por tema	112
Figura 57 – Gráfico de termos usados nas matérias	113
Figura 58 – Gráfico de horários de exibição das matérias por jornal.....	114
Figura 59 – Gráfico de fotografias apropriadas por gênero	115

Figura 60 – Gráfico de fotografias apropriadas por tipo	115
Figura 61 – Gráfico de fotografias apropriadas por número de fotos em matéria	116
Figura 62 – Captura de tela (1 de 2) indicando foto de matéria sobre crise de segurança no Estado do Espírito Santo (06/02/2017)	117
Figura 63 – Captura de tela (2 de 2) indicando foto de matéria sobre crise de segurança no Estado do Espírito Santo (06/02/2017)	118
Figura 64 – Assalto ao Banco do Brasil (Centro, São Paulo)	119
Figura 65 – Assalto ao Banco do Brasil (Mooca, São Paulo)	119
Figura 66 – Acidente do jogador Richarlyson	120
Figura 67 – Captura de tela (1 de 2) indicando foto de matéria sobre telespectadores no Carnaval, Brasil e mundo (10/02/2018)	121
Figura 68 – Captura de tela (2 de 2) indicando foto de matéria sobre telespectadores no Carnaval, Brasil e mundo (10/02/2018)	121
Figura 69 – Jornal GloboNews – Edição da Meia-noite. O que foi destaque ao longo do dia e o que será manchete amanhã	143
Figura 70 – Jornal GloboNews – Edição de 01h. As principais notícias do Brasil e do Mundo	143
Figura 71 – Jornal GloboNews Em Ponto. Notícias e análises de alta qualidade, no início da manhã. Um telejornal que prepara o assinante para começar o dia e tomar as decisões acertadas	144
Figura 72 – Jornal GloboNews – Edição das 10h. Notícias da manhã, debates interativos, previsão do tempo, prestação de serviços e colunas: consumidor, tecnologia, profissões, cultura e as datas marcantes	144
Figura 73 – Estúdio i. Entretenimento. Artistas e comentaristas discutem as principais notícias do dia. Interatividade com o público	145
Figura 74 – Jornal GloboNews – Edição das 16h. As principais notícias do Brasil e do mundo	145
Figura 75 – Jornal GloboNews – Edição das 18h. Cobertura completa de tudo o que foi destaque ao longo do dia, no Brasil e no Mundo	146
Figura 76 – GloboNews Em Pauta. Telejornal diário, com comentaristas que aprofundam as notícias do dia, com um convidado no estúdio. Destaque para a política, cenário internacional e cultura	146
Figura 77 – Jornal das Dez. Os bastidores e a[s] informações exclusivas da política, economia e do noticiário internacional. O jornal traz análises do seu time de comentaristas e repórteres	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matérias que se apropriaram de vídeos e fotos.....	104
Quadro 2 – Matérias que se apropriaram de fotos	107

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
2	A FOTOGRAFIA E O FOTOJORNALISMO	29
2.1	Realidades fotográficas	29
2.2	A fotografia como fonte de informação: primórdios do fotojornalismo	34
2.3	A fotografia nos jornais: questões de imagem e texto	44
3	O FOTOJORNALISMO EM CONTEXTO PARTICIPATIVO	49
3.1	Jornalismo participativo/colaborativo ≠ Jornalismo cidadão – open-source/pauta aberta.....	55
3.2	A fotografia colaborativa no jornalismo on-line.....	59
3.3	Fotojornalista participativo/colaborativo ou apenas produtor de informação fotográfica?	64
3.4	Testemunho, intencionalidade e credibilidade.....	71
4	A PRÁTICA COLABORATIVA NA GLOBONEWS	75
4.1	Práticas colaborativas do canal.....	82
4.2	O aplicativo “Na Rua”, da GloboNews”	86
4.3	Descrição e análise do corpus.....	94
4.3.1	Graus de participação	116
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	127
	APÊNDICE 1 – Transcrição de entrevista	131
	APÊNDICE 2 – Jornais ativos em 2019 e suas temáticas	143

1 INTRODUÇÃO

Quanto aos fatos da guerra, considerei meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. O empenho em apurar os fatos se constituiu numa tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória.

Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*.

Onze de setembro de 2001, atentado terrorista ao World Trade Center, mais conhecido como as Torres Gêmeas, em Nova York (EUA). Nesse exato momento histórico, começou meu interesse pelo estudo de coberturas fotográficas de acontecimentos distantes.

Aluna de graduação, estava no centro acadêmico (C.A.) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais esperando atendimento; era hora do intervalo, e usei desse tempo para resolver uma questão, uma vez que, após a aula, eu precisava correr ao trabalho. Em pé, aguardando por minha vez para falar com a assistente social, via pela televisão a repetição de imagem que parecia ser a reprodução de um filme *blockbuster* hollywoodiano. Vez ou outra, aparecia o jornalista Carlos Nascimento narrando e tentando compreender junto ao telespectador o que acontecia. Os fatos se desenrolavam ao vivo! Ele narrava o fato como se a colisão contra a primeira torre fosse um acidente; tudo mudou diante de nossos olhos quando inacreditavelmente um segundo avião se espatifou contra a outra torre! Surreal!

Como disse, ninguém (nem os jornalistas da emissora) sabia o que acontecia. Fiquei estática, absorvendo cada detalhe daquela transmissão, cada palavra dos jornalistas. Depois, o próprio Nascimento descreveria o fato, sua atuação e percepção da cobertura:

Veio uma imagem do primeiro plantão da CNN e era um buraco no meio de um prédio, mas a gente não sabia o tamanho do prédio, nem do buraco e nem do avião. Entramos em um primeiro plantão, depois demos um segundo e do terceiro em diante não saímos mais. Nós começamos a falar por volta das 10h da manhã e eu me levantei da cadeira eram 3h da tarde. Nem pra fazer xixi foi possível. Uma confusão terrível instalou-se na redação da TV Globo. Jornalistas jogavam papéis com informações na bancada do telejornal, outros gritavam. E o mais interessante daquele dia é que nós não tínhamos a menor noção do que estava acontecendo. Somente aos poucos, com a evolução dos fatos, é que nós fomos nos inteirando de que estávamos diante de um fato que certamente transformaria a vida da humanidade (NASCIMENTO, 2011).

Nos dias seguintes ao ataque ao World Trade Center, já se tinha maior noção do acontecimento no que tange a motivação, envolvidos, dinâmica do fato, estratégias criadas para a realização do atentado por parte dos autores etc. Mas meu interesse pela cobertura

fotográfica desse atentado crescia, pois eu via surgir na cobertura fotográfica do jornalismo impresso registros impressionantes, tais como: flagrantes ou cenas do “instante decisivo” feitos por cidadãos comuns. Por indivíduos que estavam ali a trabalho, transeuntes ou turistas com uma câmera em mãos a capturar o momento trágico e histórico em fotografias, as quais ganharam o mundo. Daí por diante, desenvolvi estudos, em nível de graduação e pós-graduação, sobre fotografias de conflitos sociais, o que permitiu novas questões surgirem e se imbricarem: novas tecnologias de comunicação; novos modelos de produção, transmissão e circulação de fotografias, com o surgimento de celulares com câmeras fotográficas embutidas.

Nesta pesquisa de mestrado, busca-se compreender como se dão a participação do cidadão comum como produtor de informação fotográfica, a apropriação e os usos de imagens pelos meios dominantes, suas possibilidades e limitações. Para isso, escolhemos como objeto empírico o aplicativo para telefone celular (*smartphone*) “Na Rua”, da GloboNews. Lançado em junho de 2016 com os bordões “Você traz os fatos. E nós publicamos a notícia” e “Baixe o aplicativo ‘Na Rua’ e mostre ao mundo o que só você viu”, o aplicativo (*app*) reúne uma série de ferramentas que facilitam o envio de informações pelo cidadão comum, que posteriormente podem ser apropriadas, publicadas e divulgadas em *site* oficial e telejornais da emissora. Abaixo, a descrição institucional do aplicativo:

Com o aplicativo ‘Na Rua GloboNews’ é possível enviar conteúdo em vídeo, áudio, foto e textos, que podem ser exibidos nos telejornais do canal. Após baixar o aplicativo, disponível para iOS e Android, é importante que o usuário ative a geolocalização do celular e as notificações por push, para que os jornalistas da GloboNews possam entrar em contato, com o objetivo de apurar melhor as sugestões e também para que os usuários sejam notificados, pelo celular, caso as notícias sugeridas sejam selecionadas ou aprovadas. A notícia acontece quando menos se espera e onde menos se espera. Seja um evento totalmente novo ou a atualização de algo que já esteja em curso, ela precisa ser registrada para então ser contada e fazer com que as informações cheguem a todos. E para possibilitar que as pessoas compartilhem seus olhares com milhares de outros brasileiros, a GloboNews lançou, em junho, o aplicativo ‘Na Rua GloboNews’. Exemplos como um salvamento, uma enchente ou uma manifestação, entre outros, trazem a ideia de que, na rua, tudo pode acontecer e que com o aplicativo, se uma pessoa viu, todas as pessoas podem ver. Os vídeos gravados devem ter até dois minutos e os áudios, até cinco minutos. Não há limitação para o número de fotos. Para usar o aplicativo, é preciso que o usuário tenha iOS com versão acima de 7 ou sistema operacional Android com versão a partir de 4.1. A conexão com a internet é fundamental para envio de colaborações (GLOBO, 2017).

Atemo-nos, nesta pesquisa, às imagens fotográficas enviadas pelo cidadão comum, apropriadas e publicadas pela GloboNews em seus telejornais. Consideraremos como “Cidadão Comum” todo indivíduo/sujeito que não seja ator dentro da prática jornalística; e entendemos que a produção de referidas imagens informativas, as apropriações e seus usos merecem observação mais aprofundada. Somente mediante pesquisas sistemáticas será possível colher dados e analisar a produção e veiculação dessas imagens no jornalismo

tradicional, bem como atuais possibilidades e limitações advindas desse modo de participação.

Estudos que contemplam o tema contribuem para a compreensão da participação do cidadão comum como produtor e fonte de informação e de processos comunicacionais contemporâneos que emergem de novas formas de interação/participação em canais de comunicação de grupos midiáticos estabelecidos. Assim sendo, pesquisas como a que realizamos podem atestar mudanças funcionais, estruturais e estéticas.

O principal ponto da discussão é mostrar que a fotografia aliada às novas tecnologias de informação articula-se, na modernidade, a novos formatos de jornalismo; conseqüentemente, temos uma nova perspectiva, nova forma de enxergar, perceber, retratar, informar e de nos informarmos sobre os diversos assuntos que o mundo comporta. São essas as razões por que se propõe analisar a participação do cidadão comum como produtor de informação fotográfica de cunho jornalístico no canal colaborativo da GloboNews – consideradas as suas limitações e possibilidades. A escolha pelo aplicativo “Na Rua”, da GloboNews, deve-se ao fato de atualmente grande parcela de indivíduos possuir câmera capaz de registrar acontecimentos no exato momento em que acontecem, podendo os registros serem enviados diretamente, e quase que imediatamente, a uma instituição tradicional jornalística.

De maneira abrangente, a pesquisa buscou compreender como se dá a participação do cidadão comum no cenário midiático estabelecido e em que medida ela produz fonte de informação fotográfica, tenciona e/ou altera a face do jornalismo contemporâneo.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: identificar historicamente os usos da fotografia como informação pela imprensa desde os primórdios até o jornalismo *on-line* (testemunho, intencionalidade, credibilidade); caracterizar os tipos de jornalismo (participativo, colaborativo, cívico etc.); identificar o que é notícia para o canal colaborativo *app* “Na Rua”, da GloboNews, as quantidades de imagens recebidas diariamente, utilizadas/apropriadas e veiculadas, e o que é selecionado para aparecer (os principais temas registrados); identificar os graus de participação/colaboração do cidadão comum na produção da notícia no canal colaborativo “Na Rua”, da GloboNews.

Uma vez definidos os objetivos, algumas hipóteses surgiram, as quais foram úteis para que pudéssemos balizar os caminhos da pesquisa. São elas: a abertura dada pelas instituições tradicionais jornalísticas transforma, mesmo que modestamente, o cidadão comum em ator no cenário midiático da produção de notícia; a mídia tradicional ainda tem forte importância como instância legitimadora da informação produzida pelo cidadão comum; e as novas

tecnologias da informação propiciam e potencializam a participação do cidadão comum como produtor de informação.

Para compreender e buscar respostas às questões propostas nesta pesquisa, foi necessário ao longo dela revisitarmos algumas questões pertinentes à criação e o desenvolvimento da fotografia em seus aspectos técnico e filosófico. Fizemos esse percurso ao longo do capítulo 2, onde abordamos brevemente o período histórico de sua invenção, o início da percepção da fotografia como documento/informação e também como ferramenta de manipulação ideológica.

No terceiro capítulo, abordamos a questão do desenvolvimento de novas tecnologias na produção e captação da fotografia, o que criou novas formas e possibilidades para a imagem e também o desenvolvimento de novas tecnologias de produção da informação, como um dos fatores propulsores do crescimento de novos modelos de jornalismo, tais como: jornalismo participativo/colaborativo, jornalismo *open-source* e jornalismo cívico.

No quarto capítulo, abordamos o nosso objeto empírico de pesquisa, o *app* “Na Rua”, da GloboNews. Para tanto, pesquisamos o histórico da criação desse canal de TV por assinatura, seus objetivos e proposta enquanto emissora de televisão. Em seguida, abordamos histórico de criação, objetivos e finalidade do canal colaborativo aberto da emissora em questão. Por fim, fizemos um recorte, definindo nosso *corpus de pesquisa*, e analisamos 36 reportagens exibidas na emissora, que se apropriaram de fotografias enviadas através do aplicativo colaborativo “Na Rua”.

Sobre a metodologia, destaca-se ser esta uma pesquisa de *abordagem qualitativa e quantitativa* buscando-se quantificar dados percebidos, o que se julgou interessante para pesquisas futuras e apreciação de leitores do trabalho, e de *natureza exploratória*, pela comparação de exemplos e uso de entrevistas realizadas. Adotamos ainda a *entrevista focalizada*, a *pesquisa bibliográfica* e a *pesquisa de levantamento* (de amostras de usos de materiais produzidos pelo cidadão comum e apropriados pelas mídias tradicionais, especialmente a GloboNews). Foram analisadas 36 reportagens.

2 A FOTOGRAFIA E O FOTOJORNALISMO

A fim de considerar a relação da fotografia com o fotojornalismo, a seguir, têm-se em tópicos distintos estas questões: as realidades fotográficas; a fotografia como fonte de informação: primórdios do fotojornalismo; e a fotografia nos jornais: questões de imagem e texto.

2.1 Realidades fotográficas

Neste capítulo, identificamos o uso da fotografia como documento e informação pela imprensa, desde os primórdios até os dias atuais. Refletimos sobre seus usos e limitações e analisamos exemplos que sinalizam questões delicadas relacionadas ao fazer fotográfico, tais como manipulação, intencionalidade e credibilidade. Essas são questões que persistem desde a invenção da fotografia e, ainda hoje, crescem exponencialmente com o desenvolvimento tecnológico. Para tanto, optamos por fazer uma abordagem histórica restrita.

A criação da fotografia não pode ser creditada a apenas uma pessoa. Ela é resultado de muitas pesquisas realizadas por vários cientistas, seja na França, considerando-se Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) e Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851); na Inglaterra, de William Henry Fox-Talbot (1800-1877); ou mesmo no Brasil, com Antoine Hercules Romuald Florence (1804-1879) (VANNUCHI; DUARTE; PAES, 2000, p. 12).

A fotografia, desenvolvida nos meados do século XIX num ambiente positivista em que proliferavam novas invenções tecnológicas e científicas, denotava o processo de industrialização que estava em curso e resultou de diversas pesquisas individuais que convergiram para a busca de soluções para um mesmo desafio, simultaneamente, em diversos lugares do mundo (MUNHOZ, 2005, p. 29).

A nova invenção, que propiciava a ilusão de uma relação direta com a realidade, alterou a forma com que o mundo cultural e artístico àquela época (meados do século XIX) percebia as formas tradicionais de representação. O debate em torno da discussão para decidir se a fotografia era ou não objeto artístico demandou muito tempo, mas, preliminarmente, ainda não se perguntava se tal descoberta transformaria a natureza geral da arte e da cultura. É essa a principal contribuição do filósofo alemão Walter Benjamin (1996) sobre o tema. Em seu texto “A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica”, Benjamin (1996) analisou os princípios que definem a arte e as transformações sofridas por ela durante a Revolução

Industrial. Além disso, o autor discutiu se um objeto só poderia ser considerado obra de arte quando criado como único.

Porém, a obra de arte foi desde sempre suscetível à reprodução, e é tendência marcante da arte contemporânea fazer da fotografia um dos seus elementos constitutivos. O que sempre mudou foram as técnicas que se desenvolveram ao longo da história: a fundição e o relevo por pressão eram usados pelos gregos; a gravura em madeira foi responsável por permitir que um desenho pudesse ser reproduzido já no século XIX; a litografia, por sua vez, trouxe grande avanço às técnicas de impressão; e a fotografia, posteriormente, chegou para substituir esse processo, permitindo maior rapidez na reprodução de imagens.

Como dissemos, a fotografia nasceu na metade do século XIX, num ambiente positivista, e, desde os primeiros tempos, sua existência causou tensionamentos na forma de percepção e representação do real, da reprodutibilidade e da circulação do objeto representado. Sendo percebida, nos primórdios, quase que unicamente como registro visual da realidade, foi adotada pelo jornalismo.

Em seu livro *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*, José Pedro Sousa (2000) cita Wilson Hicks como defensor da ideia de os primeiros fotojornalistas terem suas referências estéticas na pintura. “Provavelmente, a associação da fotografia à pintura e, portanto, à arte, terá sido também uma das razões que levaram ao enquadramento das imagens fotográficas publicadas na imprensa por floreados e outros motivos, como se tratasse da representação da moldura” (SOUSA, 2000, p. 17).

Os novos fotógrafos, na tentativa de integrar a fotografia às artes visuais, se deixavam influenciar por técnicas pictóricas.

Nos primeiros tempos, a utilização da fotografia prendeu-se, principalmente, com demonstrações técnicas, mas, pouco a pouco, por influência dos primeiros fotógrafos, em muitos casos também pintores, foram surgindo determinados cânones estético-expressivos para o *medium* (SOUSA, 1998, p. 18).

Estavam criadas as primeiras convenções profissionais, muito semelhantes às da pintura, e o pictorialismo era visto, assim, como a primeira grande tendência a desenhar-se em torno da fotografia (SOUSA, 2000, p. 24).

Os cenários e as poses forçadas das pinturas foram copiados pela fotografia de retrato, bem como a técnica de retocar e pintar a imagem. E o temor de que a fotografia pudesse substituir a pintura não se concretizou. A fotografia, conforme escreve Sousa (2000), na realidade, contribuiu para que pintores migrassem a uma nova era e se libertassem das amarras da realidade. Nessa mesma linha de pensamento, Sontag (2000) comenta o fato de a

fotografia ter tido reputação pouco atraente. Contudo, a intelectual afirma que a fotografia é arte – e, apesar das ameaças e desfeitas sofridas durante um século, conseguiu sobreviver: “De fato, é a arte que conseguiu levar a cabo as ameaças bombásticas, datadas de um século, de domínio surrealista sobre a sensibilidade moderna” (SONTAG, 2004, p. 65).

Sontag (2004) faz ainda uma relação entre fotografia e arte ao mencionar a possibilidade de o fotógrafo se utilizar do discurso da arte para transmitir determinada mensagem. E a representação de pinturas famosas pode ser encontrada diariamente no cotidiano das pessoas comuns, inclusive.

A foto que as autoridades bolivianas transmitiram à imprensa do mundo, em outubro de 1967, do corpo de Che Guevara estirado no interior de um estábulo, sobre uma padiola, em cima de uma cuba de cimento, cercado por um coronel boliviano, um agente do serviço secreto americano e diversos jornalistas e soldados, não só resumia a amarga realidade da história contemporânea da América Latina como tinha uma inadvertida semelhança, como assinalou John Berger, com as pinturas *O Cristo morto*, de Mantegna e *Lição de anatomia do professor Tulp*, de Rembrandt. O que há de impressionante na foto decorre, em parte, do que ela partilha, em termos de composição, com essas pinturas (SONTAG, 2004, p. 123).

Figura 1 – Fotografia de Che Guevara comparada com *O Cristo morto* (1506), de Mantegna



Fonte: SAMIZDATA, 2014.

Figura 2 – *Lição de anatomia do professor Tulp*, de Rembrandt, comparada à fotografia de Che Guevara



Fonte: MACROHISTORY: Worldhistory, 2014.

Um autor que também abordou o uso da fotografia como mensagem foi Roland Barthes. Em seu ensaio escrito em 1961, *A mensagem fotográfica*, Barthes refletiu sobre esse tema e ponderou que embora a fotografia, de maneira geral, e, especificamente, a fotografia jornalística possam ser consideradas análogas do real, ela, a fotografia jornalística, ao menos, também traz consigo mensagens construídas. Logo, concordamos com Barthes que a imagem:

[...] traz uma mensagem primeira que, de certo modo, preenche plenamente sua substância e não deixa lugar ao desenvolvimento de uma mensagem segunda. Em suma, de todas as estruturas de informação, a fotografia seria a única a ser exclusivamente constituída por uma mensagem “denotada” que esgotaria totalmente seu ser; diante de uma fotografia, o sentimento de “denotação”, ou de plenitude analógica é tão forte, que a descrição de uma fotografia é, ao pé da letra, impossível: pois que descrever consiste precisamente em acrescentar à mensagem denotada um *relais* ou uma segunda mensagem, extraída de um código que é a língua, e que constitui, fatalmente, qualquer que seja o cuidado que se tenha para ser exato, uma conotação em relação ao análogo fotográfico [...] (BARTHES, 1990, p. 13).

Entretanto, para o autor, esse entendimento de que a fotografia só possui uma mensagem “denotada”, tendo em vista a sua característica intrínseca de representação do real, ou seja, de que a fotografia é um *análogon* perfeito, pode ser apenas um mito:

[...] pois há, de fato, uma grande probabilidade (e isto será uma hipótese de trabalho) de que a mensagem fotográfica (pelo menos a mensagem jornalística) seja, ela também, conotada. A conotação não se deixa apreender imediatamente ao nível da própria mensagem (é, ao mesmo tempo, invisível e ativa, clara e implícita), mas já podemos atribuir-lhe certos fenômenos que se passam ao nível da produção e da recepção da mensagem: por um lado, uma fotografia jornalística é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos fatores de conotação [...] (BARTHES, 1990, p. 14).

A fotografia, mesmo sob escrutínio da sociedade artística e teórica do século XIX, enfrentando discussões sobre seus aspectos constitutivos, suas possibilidades e temas, evoluiu,

ganhou espaço no que tange à sua utilização, e foi acompanhada por conquistas técnicas: “Entre elas avulta a diminuição dos tempos de exposição, ligada à melhoria da qualidade das lentes e à adoção de novos processos, como o do colódio úmido” (SOUSA, 2000, p. 29), que ocorreu por volta de 1851.

Com a chegada da nova técnica (processo negativo-positivo) da fotografia, que desbancou o antigo processo, a daguerreotíпия, e a difusão de variadas imagens, iniciou-se um processo de desmistificação da noção de unicidade da imagem, pois, a partir daquele momento, ela poderia ser reproduzida quantas vezes fossem necessárias.

Com o fim do reinado do daguerreótipo e com a disseminação dos processos negativo-positivo, vão produzir-se mudanças na cultura, nas rotinas e convenções profissionais. Na fotografia, vai abandonar-se a ideia da obra de arte única, chegando-se a noção de arte-obra-múltipla (SOUSA, 2000, p. 29).

Como dissemos, por volta de 1851, deu-se início à discussão sobre a fotografia ser a representação do real ou a própria realidade capturada pela máquina. Barthes dizia que a fotografia nada mais é do que o *análogon* perfeito do objeto capturado; ele, em seu artigo “A mensagem fotográfica”, nos diz que, embora haja uma perda de cores, de proporção e perspectiva do objeto à imagem capturada pela câmera, ainda assim ela, a imagem, não é uma transformação para o real, e sim uma redução. “Qual o conteúdo da mensagem fotográfica? O que transmite a fotografia? Por definição, a própria cena, o literalmente real” (BARTHES, 1990, p. 12).

Corroborando com o pensamento de Barthes (1990), mas indo um pouco além, o teórico Philippe Dubois, em seu livro *O ato fotográfico e outros ensaios*, discute o entendimento de que a fotografia é o “espelho do real” ou a “transformação do real”, compreendida como uma redução, pensamento vigente no final do século XIX e no século XX. Para Dubois, a fotografia nada mais seria que um índice, pois, teoricamente, há na imagem um elo com o objeto fotografado.

Já para Susan Sontag, a imagem feita com a máquina fotográfica chega a ser mais bem percebida do que a que advém da própria visão natural, a fotografia chegaria a ser prova incontestável de um acontecimento, mesmo que a imagem possua distorções ou limitações técnicas. O objeto registrado pode ser reconhecido na imagem reproduzida; “Uma foto – qualquer foto – parece ter uma relação mais inocente e, portanto, mais acurada, com a realidade visível do que outros objetos miméticos” (SONTAG, 2004, p. 16).

Assim como Sontag, André Rouillé percebe a fotografia por outra ótica, outro prisma. Segundo Rouillé, autores como Roland Barthes e Phillippe Dubois, entre outros, que

defendem em seus textos a “teoria do índice” e discussões sobre se a fotografia é a representação do real ou não, contribuem para uma visão reducionista acerca da imagem. Para o autor, devemos nos interessar não só pelo dispositivo, mas, também, pelas imagens e práticas sociais.

Pode-se perceber que a discussão acerca do “real” fotográfico começou a se tornar importante à época da evolução técnica do processo do colódio úmido. Essa técnica de captação e fixação da imagem possibilitou o que antes parecia impossível tanto no daguerreotipo quanto no colotipo: se, anteriormente, para a obtenção de uma imagem nítida de um objeto ou de uma pessoa, era necessária a exposição da química por horas a fio, com a técnica do colódio úmido, passou a ser possível obter uma imagem nítida e em movimento. Era possível fixar a ação de forma nítida: “congelar” a ação. Para o fotojornalismo, esse avanço tecnológico foi de extrema valia.

A conquista adquirida pela evolução técnica do processo químico revelou-se de grande importância, uma vez que permitiu capturar de forma nítida o movimento e fixá-lo numa “imagem quase em tempo real, capturar o imprevisto, chegar ao instantâneo e, com ele, *acenar com a ideia de verdade*: o que é assim capturado seria verdadeiro; a imagem não mentiria” (SOUSA, 2000, p. 30, grifo do autor). Porém, para o próprio Sousa (2000), as fotografias são representações do real, e não o próprio real, por mais “sinceras” que as representações fotográficas sejam.

2.2 A fotografia como fonte de informação: primórdios do fotojornalismo

Ao observarmos uma fotografia, tendemos à percepção de que compartilhamos das experiências dos outros. Através dela, o mundo, antes vasto e inatingível, tornou-se próximo. A fotografia pode ser compreendida como uma fonte de informação, uma “janela para o mundo”; e, observando-a, temos a ilusão de participação dos acontecimentos.

A fotografia começa a ser vista, cada vez mais, como uma força atuante capaz de persuadir devido ao seu “realismo” e mostra que tem uma autonomia própria, revelando-se eficaz como uma nova linguagem informativa, disputando com o texto um lugar de destaque na transmissão das notícias (MUNHOZ, 2005, p. 29).

A troca de informações e de conteúdo simbólico entre os indivíduos sempre existiu; contudo, antes da fotografia, era atividade de alcance mais restrito. Com o desenvolvimento das mídias comunicacionais ao longo dos últimos 150 anos, cada vez mais um número maior de indivíduos tem acesso a acontecimentos distantes no espaço e no tempo. O nascimento da

indústria gráfica na Europa, entre os séculos XV e XVI, e o desenvolvimento das inúmeras mídias criadas para a plataforma digital, nos séculos XX e XXI, trouxeram significativa alteração à vida social. Conforme Thompson (2008), “cada vez mais os indivíduos são capazes de captar informações e conteúdos simbólicos de fontes outras que não as pessoas com quem interagem diretamente no decurso de suas vidas cotidianas; cada vez mais elas têm acesso a um conhecimento não-local” (THOMPSON, 2008, p. 21).

O desenvolvimento das mídias comunicacionais propiciou novas formas de o indivíduo se relacionar e interagir. Surgiu uma grande quantidade de canais descentralizados e autônomos de informações que produzem conteúdo simbólico (palavras e imagens) impossível de ser controlado e de ter aferida credibilidade à publicação.

Estamos vivendo no meio do maior aumento de capacidade expressiva na história da raça humana. Mais pessoas podem comunicar mais coisas para mais pessoas do que jamais foi possível no passado, tendo o tamanho e a velocidade desse aumento passado de menos de 1 milhão de participantes para mais de 1 bilhão de pessoas em uma geração. Isso torna a mudança algo sem precedentes, mesmo se for analisada no contexto de revoluções de ferramentas de comunicação anteriores (SHIRKY *apud* CORRÊA; MADUREIRA, 2010, p. 106 – tradução nossa).¹

Embora dúvidas sobre a credibilidade da imagem fotográfica como fonte de informação existissem desde a época de sua criação, como poderemos ver no exemplo adiante (FIGURA 3), o crescente desenvolvimento dos meios de produção, reprodução e difusão do dispositivo fotográfico ampliou a possibilidade de alterações, deixando múltiplas aberturas para a interferência e a manipulação das imagens.

A evolução das máquinas digitais já se torna quase impossível de catalogar, tamanha a rapidez com que a tecnologia avança nessa área, mas traz em seu bojo um novo problema para a fotografia jornalística: a questão das manipulações digitais produzidas em programas de edições como *PhotoShop* e que são, praticamente (em alguns casos), impossíveis de serem detectadas. A manipulação da imagem é algo inerente à fotografia (MUNHOZ, 2005, p. 56).

A Figura 3, retrato amplamente difundido do presidente americano Abraham Lincoln, nada mais é que uma montagem em que se utilizou a cabeça de Lincoln noutra fotografia (do político sulista John Calhoun – à esquerda), para se compor a imagem final.

¹ “We are living in the middle of the largest increase in expressive capability in the history of the human race.

Figura 3 – Fotomontagem de Abraham Lincoln



Fonte: *A portrait of President Abraham Lincoln*. Estados Unidos, cerca de 1865.²

Essa impressão é uma composição: a cabeça de Abraham Lincoln é sobreposta à figura e ao fundo de uma impressão de John C. Calhoun de 1852, por A. H. Ritchie. Alguns acreditam que essa impressão foi feita porque não havia nenhuma imagem de Lincoln retratado em “estilo-heróico” durante a sua vida. Na imagem de Calhoun, os artigos sobre a mesa dizem “constituição criteriosa”, “livre comércio” e “a soberania dos estados”. Na imagem de Lincoln, essas palavras foram alteradas para “constituição”, “união” e “proclamação da liberdade”. A impressão foi erroneamente identificada como uma foto na década de 1980, e continuou a ser reproduzida com a identificação incorreta. A impressão é uma gravura desenhada à mão e baseada em fotografias. (BRONX DOCUMENTARY CENTER – tradução nossa).³

Embora, a rigor, as primeiras fotografias usadas de forma noticiosa (*news photo*) tenham sido produzidas em 1842 por daguerreótipo, tais imagens não podem ser consideradas fotojornalísticas, pois conceitualmente o fotojornalismo somente passou a existir depois do desenvolvimento dos meios de reprodução da imagem fotográfica, que se desenvolveram a partir do final do século XIX.

Podemos tomar como exemplo do crescente interesse na utilização de uma imagem como informação o daguerreótipo obtido por Carl F. Stelzner e Herman Biow,⁴ logo depois do

² BRONX DOCUMENTARY CENTER. Representation: a portrait of President Abraham Lincoln. Disponível em:

http://www.alteredimagesbdc.org/?fbclid=IwAR2b64D1ndLOSm_DZbsGZMW6fXNqhWWkTXLzdUUnQdh04nWsviDQkvVa8Q#/lincoln/. Acesso em: 8 mar. 2019.

³ “This print is a composite; the head of Abraham Lincoln is superimposed on the figure and background of an 1852 print of John C. Calhoun by A.H. Ritchie. Some believe this print was made because there were not enough ‘heroic-style’ portraits of Lincoln made during his life. In the Calhoun image, the papers on the table say ‘strict constitution,’ ‘free trade,’ and ‘the sovereignty of the states.’ In the Lincoln image, these words have been changed to read, ‘constitution,’ ‘union,’ and ‘proclamation of freedom.’ This print was mistakenly identified as a photo in the 1980s, and has continued to be reproduced with this incorrect identification. The print is a hand-drawn engraving based on photographs.”

⁴ No livro *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*, Jorge Pedro Sousa credita a autoria da foto do incêndio de Hamburgo a apenas Carl Fiedrich Stelzner, porém a imagem foi realizada em parceria com o

grande incêndio de Hamburgo (Alemanha), em 1842. Embora tenha sido utilizada de forma noticiosa, ainda que sem recursos técnicos para reprodução minimamente fiel, a imagem obtida pelos fotógrafos apenas foi modelo para o desenho utilizado como gravura na revista *The Illustrated London News*.

As primeiras manifestações do que viria a ser o fotojornalismo notam-se quando os primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal (SOUSA, 2000, p. 25).

também fotógrafo Hermann Biow. Pode-se observar que há uma variação no nome do fotógrafo “Carl”: em pesquisas, por vezes, encontramos o nome Carl Ferdinand Stelzner ou, como no livro de Sousa (2000), Carl Fiedrich Stelzner.

Figura 4 – *The Illustrated London News*⁵



Fonte: *The Illustrated London News* 1842.

⁵ Revista semanal londrina tida como vanguardista em relação à utilização da imagem como ferramenta de comunicação e informação visual – JOHN WEEDY'S COLLECTION OF ILLUSTRATED LONDON NEWS. *The Illustrated London News* 1842. Disponível em: https://www.iln.org.uk/iln_years/year/1842.htm. Acesso em: 8 mar. 2019; e GREAT FIRE OF HAMBURG. In: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Great_fire_of_Hamburg. Acesso em: 8 mar. 2019.

Já as primeiras coberturas efetivamente fotojornalísticas⁶ de que se têm notícia foram as da Guerra da Crimeia⁷ (1854-1855) e, mais particularmente, da Guerra de Secessão nos EUA (1861-1865).

O crescente interesse popular pelas novas características documentais que apontavam para a fotografia faz com que a revista inglesa *The Illustrated London News* publique, sob forma de gravuras, o que pode ser chamado de primeira guerra feita por um fotógrafo, Roger Fenton, encarregado de registrar cenas da Guerra da Crimeia em 1855. Em menos de três meses, acompanhado por quatro ajudantes e um pesado carroção equipado, Fenton produz cerca de trezentas e sessenta chapas dos bastidores da guerra sem, contudo, nenhum “instantâneo”. Apesar dos registros da guerra da Crimeia terem sido os primeiros registros fotográficos de um conflito de proporções mundiais, estes não passaram de amplas paisagens de campos de batalha e de retratos do oficialato em poses garbosas. Sem qualquer vestígio de contenda (MUNHOZ, 2005, p. 29).

⁶ O fotojornalismo se distingue das outras formas de fotografia por: a) oportunidade – as imagens têm significado no contexto de um registro cronológico de eventos; b) objetividade – a mensagem carregada pelas imagens é uma representação justa e precisa dos eventos que ela descrevem; c) narrativa – as imagens podem ser combinadas com outros elementos gráficos e de notícias para melhor informar o leitor.

⁷ A Guerra da Crimeia foi um conflito que se estendeu de 1853 a 1856, na península da Crimeia (no mar Negro), no sul da Rússia e nos Bálcãs. Envolveu, de um lado, o Império Russo e, de outro, uma coligação integrada pelo Reino Unido, a França, o Reino da Sardenha – formando a Aliança Anglo-Franco-Sarda – e o Império Otomano (atual Turquia). Essa coligação, que contou ainda com o apoio do Império Austríaco, foi formada como reação às pretensões expansionistas da Rússia.

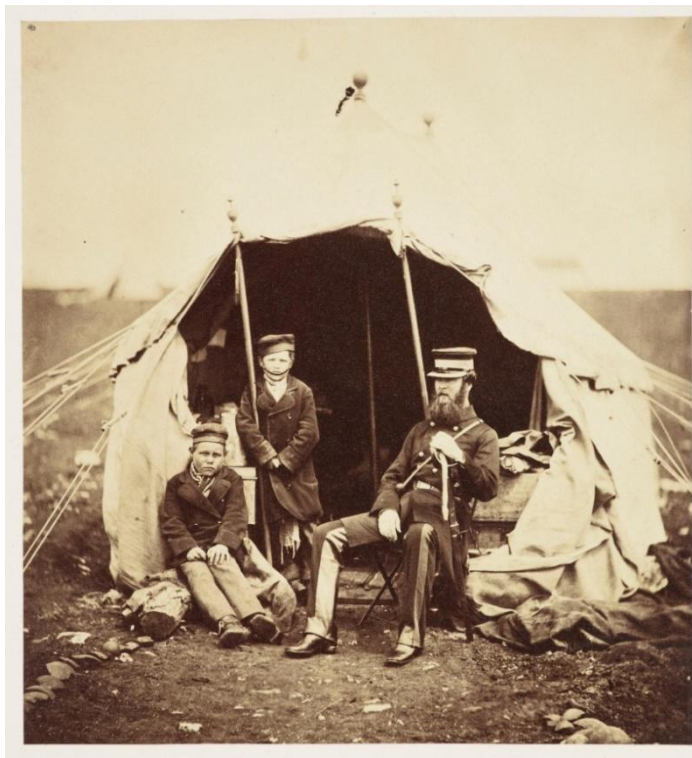
Figura 5 – *Photographic Van*, de Roger Fenton⁸



Fonte: CONSERVATION JOURNAL, 1993.

⁸ A carroça carregava todo o equipamento de Fenton e também servia como laboratório fotográfico (SHENTON, Helen. The conservation of Roger Fenton's album of Crimean photographs. Disponível em: <http://www.vam.ac.uk/content/journals/conservation-journal/issue-06/the-conservation-of-roger-fentons-album-of-crimean-photographs/>. Acesso em: 11 mar. 2019).

Figura 6 – Guerra da Crimeia, 1855, Roger Fenton



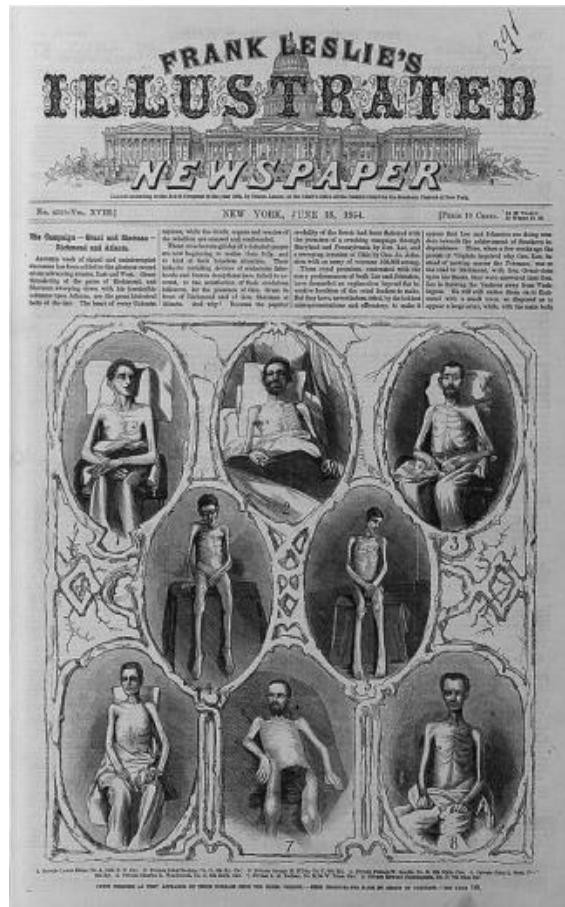
Fonte: THE NEW YORK TIMES, 2018.⁹

Na mesma época (1854-1855), por conta da cobertura crescente de temas relacionados à guerra (SOUSA, 2000) e de considerável produção de imagens posteriormente publicadas em revistas ilustradas, questões sobre intencionalidade, uso político, censura, autocensura, poder de persuasão e estética passaram a figurar na pauta das discussões dos fotógrafos, como Roger Fenton, Alexandre Gardner, Mathew Brady, e Don McCullin.

Sousa (2000) menciona que as revistas ilustradas da época (1854-1864) já possuíam noções de importância das imagens no que tange à capacidade de informação, persuasão e, sobretudo, desejo explícito por parte de leitores de visualizar relatos detalhados em páginas das publicações.

⁹ A Guerra da Crimeia (1853 a 1856). Península da Crimeia. Na imagem, combatente e crianças convivendo no acampamento de guerra (ESTRIN, James. Roger Fenton: the First Great War Photographer. *The New York Times*, 18 jan. 2018. Disponível em: <https://lens.blogs.nytimes.com/2018/01/18/roger-fenton-the-first-great-war-photographer/>. Acesso em: 11 mar. 2019).

Figura 7 – Prisioneiros do campo de concentração para soldados nortistas



Fonte: PINTEREST,¹⁰ 2015.

A fotografia era utilizada mais frequentemente nas revistas ilustradas (em revistas semanais, a partir de 1880); nos jornais, a utilização da imagem como informação não era habitualmente explorada. Apenas em 1904, no jornal diário inglês *Daily Mirror*, a fotografia foi incorporada à produção da notícia; e, nos Estados Unidos, somente em 1919, com o surgimento do *Illustrated Daily News*, de Nova York.

A publicação de clichês pelo *Daily Mirror*, a partir de 1904, é sintomática da mudança cultural operada na imprensa: nas rotinas produtivas da alvorada do século insere-se o elemento fotográfico informativo, a informação “fotovisual”, pese embora a redundância (SOUSA, 2000, p. 23).

Há, portanto, nessa época, um desejo maior por parte dos leitores de consumo da informação visual nas reportagens dos veículos de comunicação diários. E, nesse sentido,

¹⁰ Pinterest (<http://pinterest.com>) é uma rede social que permite que o usuário crie e compartilhe “quadros virtuais de fotos e vídeos”. *Pinterest*, neologismo inglês, vem da ação *pin it* (prender com um alfinete no quadro) mais *interest* (interesse).

Jorge Pedro Sousa afirma que “O público pede. As empresas adaptam-se. A procura cresce. E, como a necessidade aguça o engenho”, a técnica avança (SOUSA, 2000, p. 69).

A primeira grande revista ilustrada, como dissemos, nasceu em maio de 1842, em Londres, Inglaterra. *The Illustrated London News*, fundada por Herbert Ingran, prometeu aos leitores trazer informações mundiais e nacionais com a preferência “por imagens caras, variadas e realistas” (SOUSA, 2000, p. 27). Entre 1855 e 1860, a tiragem da revista cresceu de 200 mil para 300 mil exemplares, o que indica emergente apetite social pela imagem (SOUSA, 2000, p. 27).

Paris também criou sua revista ilustrada no século XIX: em 1843, surgiu a *Illustration*. E foi justamente nesse ano que um funcionário de referida revista registrou a imagem da assinatura do Tratado de Paz entre China e França em daguerreótipo. Segundo Souza, aquele pode ser considerado o primeiro fotorrepórter.

As fotografias de um incêndio (o de Hamburgo) e de uma cerimônia protocolar ficam, assim, para a história, como indícios daquilo que mais tarde conformaria como alguns dos temas configuradores de rotinas produtivas e convenções no fotojornalismo (SOUSA, 2000, p. 27).

Ansiosos por fornecerem imagens a leitores de jornais e revistas que privilegiavam as ilustrações, os fotógrafos se lançavam pelo mundo para capturar cenas que fossem ao encontro das expectativas do novo público de informação. Nessa época, “os fotógrafos aventuraram-se por vários caminhos. O gosto pelo exótico e a curiosidade pelo diferente, por exemplo, vão promover a produção e difusão de fotografias de intenção documental de locais distantes e de paisagens” (SOUSA, 2000).

Fotógrafos empreendiam expedições para colher imagens de regiões longínquas e que representassem para o leitor ocidental verdadeira janela para o mundo. O único problema é que a publicação dessas imagens nos jornais dependia da intermediação de gravuristas e pintores, que, muitas vezes, interferiam em fotografias originais modificando-as de acordo com a sua própria vontade ao elaborar ilustrações a partir de originais fotográficos. Tanto os fotógrafos quanto os leitores estavam ansiosos por imagens que fossem mais próximas do real. E esse desejo impulsionou os avanços tecnológicos que permitiram melhor nitidez de imagens.

Após a criação de revistas que usavam a fotografia como elemento de destaque – porém, somente de cunho ilustrativo –, surgiu, em 1904, conforme Ken Bynes (SOUSA, 2000, p. 18), o primeiro tabloide fotográfico. Ele introduziu um novo conceito: a fotografia não era simplesmente o complemento do texto, passava a possuir conteúdo tão importante

quanto a palavra. Surgia, no início do século XX, o embrião da linguagem fotojornalística; e a crescente necessidade de rapidez da informação acelerou o desenvolvimento de equipamentos fotográficos e processos químicos, impulsionado também pela competição entre veículos de comunicação da época, que iniciaram uma busca por novos leitores. Esse evento fez com que a quantidade de exemplares vendidos aumentasse. Consequentemente, maior número de anúncios publicitários teve espaço dentro dos jornais, e o resultado desse incremento foi a necessidade de rapidez na cobertura dos fatos jornalísticos.

2.3 A fotografia nos jornais: questões de imagem e texto

Para Sontag (2004), a fotografia retrata a impaciência humana com realidade, “o gosto por atividades cujo instrumento é uma máquina”. Reforçando a ideia, a filósofa cita Hart Crane, para quem “na base de tudo está a velocidade, um centésimo de segundo captado de forma tão precisa que o movimento continua, indefinidamente, a partir da foto: o momento convertido no eterno” (CRANE *apud* SONTAG, 2004, p. 80).

Embora a técnica¹¹ tenha evoluído bastante, os fotógrafos do início do século usavam *flashes* de magnésio, o que os obrigava a tirar apenas uma chapa de cada assunto. Seja pelo cheiro de magnésio queimado, que afastava as pessoas ou pela impossibilidade técnica de rapidez, essa particularidade criou a convenção da foto única.

A limitação técnica do equipamento obrigava os fotógrafos a serem breves na obtenção da imagem e levava-os a conjugar numa única imagem os diversos elementos significativos de um acontecimento. A partir do início do século XX, passou-se a valorizar a “imagem única”, a “fotografia como signo condensado de forma a que fossem facilmente identificáveis e lidas” (FERREIRA, 2009, p. 2), como mensagem.

Defensor da ideia de a fotografia jornalística ser uma mensagem com emissor, canal de transmissão (o próprio jornal) e receptor, Barthes (1982) acreditava que ela não deveria ser compreendida como estrutura isolada, mas, sim, estrutura que acompanha outra, o texto, seja ele título, legenda ou artigo. Segundo o autor, a informação jornalística não estará completa se um dos dois elementos faltar, e os elementos são concorrentes, pois são duas unidades (uma constituída por palavras, e outra constituída por linhas, superfícies e matizes) informativas diferentes que, porém, se apoiam uma à outra (BARTHES, 1982). Assim, embora não haja fotografia jornalística sem comentário escrito, a análise deve focalizar, em primeiro lugar,

¹¹ No início do século, as imagens eram mais valorizadas pela nitidez e reprodutibilidade do que pelo seu valor noticioso intrínseco (SOUSA, 2000, p. 18).

cada estrutura isolada; e, somente após esgotado o estudo de cada estrutura, se poderá compreender a maneira como elas se completam (BARTHES, 1982, p. 12).

Sontag também se preocupa tanto com a fotografia quanto com a legenda. Para ela, o que os estúdios e os “moralistas exigem de uma foto é que ela faça o que nenhuma foto é capaz de fazer – falar” (SONTAG, 2004). Para a legenda, a exigência também é feita: ela deve ser a voz que faltou, “espera-se que ela fale a verdade” (SONTAG, 2004). A filósofa lembra que, por mais que uma legenda contenha todas as informações, “não passa de uma interpretação, necessariamente limitadora, da foto à qual está ligada. E a legenda é uma luva que se veste e se retira muito facilmente” (SONTAG, 2004, p. 125).

Sylvia Moretzsohn, em *Jornalismo em tempo “real”*, recorre a Barthes para obter apoio teórico necessário à análise da composição da mensagem nos principais jornais brasileiros. A autora registra que nenhum dos jornais estudados por ela “se deu ao trabalho de mencionar como a imagem deve se relacionar com o texto”. A única menção foi feita pela *Folha de S. Paulo*, em seu manual lançado em 2001, no qual há recomendação para que exista “equilíbrio entre o texto e a imagem”. Na edição anterior, datada do ano de 1992, o manual de redação do mesmo veículo chamava a atenção para a importância da fotografia jornalística, que deveria ser priorizada.

[...] como vitrine do jornal, ela expõe os principais assuntos da edição. Deve ser representativa de todas as editoriais. O texto precisa ser exemplar em qualidade, concisão e clareza. Fotos e artes (de preferência em cores) têm prioridade (FOLHA DE S. PAULO, 1992 *apud* MORETZSOHN, 2004, p. 87).

A autora comenta que em referido manual há orientação quanto às qualidades essenciais da fotografia jornalística:

A foto editada com destaque é a primeira coisa – muitas vezes a única – que o leitor vê na página. Se a foto e a legenda tiverem qualidade, o leitor poderá passar a dar a atenção aos títulos e outros elementos da página. São qualidades essenciais do fotojornalismo o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade (FOLHA DE S. PAULO, 1992 *apud* MORETZSOHN, 2004, p. 87).

Na análise dos jornais brasileiros, Moretzsohn percebe que há intenção de reforçar o conteúdo do texto através da fotografia. Pode-se afirmar que esse recurso se torna pouco inocente quando utilizado para a ironia ou produzir opiniões, pois, como diz Sontag, “Fotos não podem criar uma posição moral, mas podem reforçá-la – e podem ajudar a desenvolver uma posição ainda embrionária” (SONTAG, 2003, p. 28).

Vejamos adiante, no fotojornalismo contemporâneo brasileiro, a relação entre imagem e o texto jornalístico de uma forma pouco inocente. A foto foi feita pelo fotógrafo Wilton de

Sousa Jr. (Agência Estado), e publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 21 de agosto de 2011.

O registro foi feito durante a cerimônia de entrega de espadas a 441 cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, no sul fluminense, dias depois de Dilma ter perdido seu quinto ministério em menos de oito meses de Governo, quatro deles envolvidos em acusações de corrupção. A imagem foi vencedora do Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha na categoria Fotografia. Wilton Júnior explicou à agência EFE, uma das organizadoras do prêmio, que pretendia fazer uma fotografia da espada antes da cerimônia da Academia Militar, acreditando que a imagem poderia traduzir uma “imagem política muito forte”.¹²

Figura 8 – Dilma Rousseff parece transpassada por espada de militar em cerimônia oficial

ESTADO - BR - 7 - 21/08/11

O ESTADO DE S. PAULO

Desconfiado de Dilma, PMDB faz plano para 2014

Descontentes com tratamento do PT e receosos sobre empenho da presidente para manter aliança, dirigentes preparam candidaturas

João Domingos | BRASÍLIA

Nas reuniões com dirigentes estaduais e municipais do PMDB Brasil afora, o presidente interino do partido, senador Valdir Raupp (RO), insiste em dizer que todos devem estar preparados para a possibilidade de trabalhar por um candidato da legenda à sucessão da presidente Dilma Rousseff.

“Nós temos de construir nomes para a sucessão em 2014”, disse Raupp ao *Estado*. “Temos vários, mas outros podem surgir.” Os peemedebistas, que já se movimentam para 2014, têm três nomes neste momento. Um deles é o do vice Michel Temer (SP). Os outros são os do ex-ministro Nelson Jobim (Defesa) e do governador do Rio, Sérgio Cabral.

Por trás dessa defesa da candidatura própria há dois recados do PMDB. Um, dirigido aos peemedebistas descontentes com a forma como julgam estar sendo tratados pelo PT na aliança, com denúncias de corrupção nos ministérios em que atuam. O outro recado é destinado à presidente Dilma Rousseff, uma esfinge que o partido não consegue decifrar.

te, para influenciar no dia a dia do governo. Mas não conseguiu. Quis a divisão do governo em partes iguais. O PT não aceitou.

Números. Para mostrar sua im-

dência, mas o apego a coligações predominou. Em 2002, fez aliança com o tucano José Serra e a deputada Rita Camata (PMDB-ES) entrou como vice. Dois anos depois, aderiu ao governo Lula,

Recebida em solenidade de gala, na Academia de Agulhas Negras, a presidente Dilma Rousseff assistiu ontem à entrega de espadas a 441 cadetes que cursam o primeiro dos quatro anos da escola de formação de oficiais.

Honras militares



WILTON JUNIOR/IAE

Fonte: G1, 2012.

¹² G1. Foto de Dilma ‘transpassada’ por espada vence prêmio internacional. 13 jan. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/foto-de-dilma-transpassada-por-espada-vence-premio-internacional.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Alguns autores, como Sousa (2004), Mauad (2005), Baeza (2001) e Lima (1989), discutem possibilidades para se analisar e interpretar as fotografias publicadas em jornais. No Brasil, destaca-se, Mauad foi a primeira teórica a propor uma metodologia de análise para interpretação de imagens fotojornalísticas e compreensão de seu poder na construção de significados sociais.

O fotojornalismo é a construção de uma narrativa em imagens pela conjugação de fotografias e textos no mosaico da diagramação da página da revista ou do jornal. O significado é produzido através do diálogo entre estas duas linguagens, fotografia e textos (manchete, legenda, lead, créditos), numa estrutura complexa e dinâmica (MONTEIRO, 2016, p. 76).

Exatamente dentro da abordagem descrita acima é que Monteiro (2016) relaciona a fotografia com a escrita. Para o autor, esse diálogo se dá em três níveis: fotografia-legenda, fotografia-manchete e fotografia-texto. Monteiro entende que:

A legenda é um elemento de ligação entre a fotografia e o texto da reportagem, ela tanto pode ampliar quanto restringir os significados de uma imagem. A segunda alternativa é a mais comum na imprensa diária, pois a necessidade de objetividade, clareza e rapidez de informação incitam a reduzir a polissemia e a ambiguidade própria das imagens. Nesse caso, o repórter ou o editor indica ao leitor o que ele deveria ver naquela imagem. Numa fotografia de guerra, por exemplo, em que vemos soldados e tanques, caberia esclarecer ao leitor de que guerra se trata, quem está lutando contra quem e por quê (MONTEIRO, 2016, p. 76).

E o pesquisador complementa:

As manchetes, títulos e subtítulos ocupam um lugar de destaque na página do jornal ou da revista e cumprem um papel semelhante às legendas ao proporem uma primeira leitura e significação do evento pelo leitor. Ao observar a página de um periódico, a atenção é atraída pelas manchetes e pelas imagens devido ao espaço privilegiado que elas ocupam no ordenamento e na hierarquia da página em relação a outros elementos. Entre imagem e texto há uma relação de complementariedade e um diálogo na construção dos sentidos e significados que o veículo quer propor ao seu leitor. Às vezes é a imagem que cumpre a função de manchete, tornando-se uma imagem-manchete, que visa capturar a atenção do leitor e cumprir o papel de síntese visual da matéria (MONTEIRO, 2016, p. 77).

Na Figura 8, pôde-se perceber a imagem cumprindo a função de manchete e visando capturar a atenção do leitor; nela vemos uma fotografia de Dilma Rousseff, no ano de 2014, “trespassada” por uma espada em cerimônia oficial do governo. O conteúdo da matéria abordava a crise que vivia no governo do PT à época.

Neste capítulo, mediante abordagem histórica restrita e resumida, pudemos relembrar o surgimento da fotografia como documento e informação, o surgimento do fotojornalismo, e a utilização/apropriação da fotografia pela imprensa. Refletimos brevemente sobre os usos e limitações da imagem fotográfica e pudemos analisar alguns exemplos que apontam para questões delicadas relacionadas ao fotográfico, tais como verdade, manipulação,

intencionalidade e credibilidade. São questões reais que persistem desde a era do daguerreotipo e crescem exponencialmente com o desenvolvimento social e tecnológico da era digital.

3 O FOTOJORNALISMO EM CONTEXTO PARTICIPATIVO

Como vimos, a fotografia jornalística surgiu e se desenvolveu durante os séculos XX e XXI com a função primária de ilustrar notícias veiculadas na imprensa. Em decorrência das alterações em seus modos de produção, pós-produção, publicação, circulação e armazenamento advindas tanto das mudanças na sociedade, economia e cultura quanto da evolução tecnológica, podemos observar, hoje, uma reconfiguração significativa no fotojornalismo.

Para compreender o fotojornalismo, é preciso entender que ele é composto de amplas funções, técnicas e significados. Sousa (2002) entende, de modo amplo, que o fotodocumentarismo se inclui no fotojornalismo, uma vez que suas fotos comumente são utilizadas pela imprensa com a finalidade básica de informar sobre a realidade. Considerando a sua amplitude conceitual, percebemos o fotojornalismo ligado ao caráter da informação e, portanto, ao fato jornalístico.

[...] entendemos por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através de fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes (SOUSA, 2004, p. 11-12).

Entendemos também como Sousa que:

O fotojornalismo é uma actividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação (SOUSA, 2002, p. 5).

No que tange os modos de produção fotojornalística da contemporaneidade, o desenvolvimento de novas tecnologias de captação de imagens possibilitou diversos registros da informação fotográfica: *frames* de vídeo ou imagens de dispositivos de segurança/vigilância, fotografias compostas de gráficos, fotografias alterando o passado e projetando o futuro, fotografias com fins publicitários, apropriação/publicação/circulação das mesmas em reportagens jornalísticas etc. Novos modos de produção de imagem fotográfica trazem novas possibilidades para a informação; e o surgimento da tecnologia digital amplia o leque de criação, produção e utilização da imagem informativa. A seguir, veremos algumas

possibilidades de imagens utilizadas com o intuito informativo na contemporaneidade pela mídia.

Figura 9 – Suspeitos do ataque à Maratona de Boston



Fonte: FBI – retirada de *frame* de vídeo feito por câmera de segurança.

A imagem fotográfica (FIGURA 9), retirada a partir de vídeo de câmera de vigilância, e divulgada pelo FBI, mostra os dois irmãos Tsarnaev, com mochila, na calçada ao lado da pista da maratona. Após sua divulgação pelo FBI, foi apropriada e utilizada em larga escala pelas mídias tradicionais e alternativas.

Figura 10 – Suspeito do ataque à Maratona de Boston é encontrado



Fonte: Reuters/Massachusetts State Police.

Podemos ver nas duas fotos aéreas feitas pela polícia do Estado de Massachusetts (FIGURA 10) o efeito de câmera que capta imagens noturnas e em infravermelho,¹³ e ambas

¹³ A aplicação da radiação infravermelha ou termografia é o uso de uma câmera infravermelha para “ver” ou “medir” a energia térmica emitida por todo objeto ou material existente na natureza. A energia térmica, ou

retratam o barco onde estava Tsarnaev (um dos responsáveis por ter explodido bombas que mataram três pessoas na Maratona de Boston), no exato momento em que a polícia o encontra, depois de exaustiva caçada seguida ao atentado. O barco estava estacionado no quintal de uma casa na cidade de Watertown (Massachusetts, EUA), e o suspeito foi encontrado na noite de sexta-feira (19/04/2013) graças à precisão do sistema utilizado pelos policiais. As imagens, feitas com câmera térmica, foram, portanto, eficazes ao mostrar com exatidão a posição de Tsarnaev na embarcação de fuga (esconderijo durante a noite). A tecnologia dessas câmeras termogênicas identificou o suspeito sob a lona de proteção da embarcação, tendo captado e evidenciado o calor humano. As duas fotos foram amplamente utilizadas pela mídia mundial para ilustrar o fato jornalístico em questão.

Figura 11 – Fotomontagem a partir de ilustrações e fotografias de 1965 e 2009 da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: *O Globo*, 11/04/2009.

infravermelha, é uma luz não visível, já que seu comprimento de onda é muito longo para ser detectado pelo olho humano, faz parte do espectro eletromagnético, e é percebida pela pele como sensação de calor. Ao contrário da luz visível, no mundo infravermelho, todos os materiais com temperatura acima de zero absoluto emitem calor. Mesmo objetos muito frios, como cubos de gelo, emitem luz infravermelha, e quanto mais alta a temperatura do objeto, maior será a radiação infravermelha emitida. A radiação infravermelha permite ver o que os olhos não veem, e as câmeras de termografia infravermelha produzem imagens visuais da radiação infravermelha e calculam medições precisas de temperatura sem contato com o objeto.

A dupla imagem (FIGURA 11) foi publicada no jornal *O Globo*, no dia 11/04/2009, sob o título “Remoções salvaram a paisagem da Lagoa”. Trata-se de manipulação digital utilizada como recurso de apoio e estratégia de informação pelo jornal.

A imagem de baixo mostra a paisagem da lagoa hoje, sem favela à vista. A imagem de cima mostra, por meio de uma fotografia de 1965, como seria hoje a mesma paisagem caso a favela da catacumba não tivesse sido removida naquela época: às casas da fotografia original foram acrescentadas digitalmente muitas outras de modo a sugerir que o Morro dos Cabritos seria “tomado por um mar de barracos”. Não se trata, pois de uma manipulação de um fato que aconteceu (uma alteração do passado) e sim de uma simulação do que poderia ter acontecido (uma projeção no futuro) por meio de fotomontagem com suas possibilidades de acréscimos e subtrações (SZANIECKI, 2013, p. 114-115).

Figura 12 – Fotomontagem a partir de fotografia e computação gráfica



Fotos: *O Globo* – caderno “O Globo Projetos de Marketing”.

Nas duas últimas imagens (FIGURA 12), é mais difícil perceber a interferência da tecnologia digital/computação gráfica na criação da fotografia final, diferentemente da Figura 11, onde podemos visualizar a intervenção da imagem a partir de gráfico e ilustrações.

No caderno “O Globo Projetos de Marketing”,¹⁴ o “Novo Centro do Rio de Janeiro” é apresentado como um projeto de reforma urbanística de infraestrutura e serviços financiado pelo setor imobiliário e destinado a atrair novos investimentos corporativos, comerciais e hoteleiros e tudo isso coroado por uma atenção com o patrimônio cultural local. A imagem que ilustra a primeira página do caderno sob o título “Porto Maravilha – Expresso do Futuro sai da Zona Portuária” é uma colagem de fotografia com computação gráfica, o plano logo atrás mistura o centro histórico (representado pelo mosteiro São Bento) com o centro moderno (marcado pelo primeiro arranha-céu da cidade, o *A Noite*, e pelo primeiro edifício inteligente, o Rio Branco), misturando por sua vez fotografia com computação gráfica e, por fim, o plano de fundo traz os morros cariocas com ênfase no corcovado [...] (SZANIECKI, 2013, p. 125).

Percebe-se que alterações na produção e pós-produção da imagem na era digital trouxeram ao fotojornalismo nova percepção sobre o mito do “real” na fotografia, que é também um alargamento da percepção sobre o campo espaço-temporal.

¹⁴ Caderno “O Globo Projetos de Marketing” com o tema “Novo Centro do Rio de Janeiro”, em 19 de outubro de 2012.

Barthes (1990), como dito no capítulo anterior, defendia que a fotografia é o *análogon* perfeito da realidade, mesmo que sofrendo redução no que tange a proporção, perspectiva e cor. Logo, para Barthes, a fotografia não é o real, mas pode ser percebida com uma representação perfeita do objeto retratado. Já Dubois (1993) vai um pouco além desses conceitos tratados por Barthes, pois defende a fotografia não dever ser percebida como “espelho do real” e muito menos como “transformação do real” – para o teórico, a fotografia “é” um índice do objeto retratado.

Exemplo dessa nova forma de percepção é larga utilização da Figura 9, como imagens informativas por veículos de comunicação, imagens estas que fogem ao conceito/mito de objetividade da fotografia; já em casos como o das imagens da Figura 11, tem-se o agenciamento do passado, presente e futuro a partir de tecnologias digitais.

Este tipo de agenciamento cada vez mais comum e que certamente não é “puro fotográfico” promove efetivamente uma outra relação com o espaço e o tempo que deixa de ser continuidade e linearidade e passa a ser aleatoriedade e instantaneidade, como nos diz Ritchin (SZANIECKI, 2013, p. 125).

Embora, atualmente, com o desenvolvimento de tecnologias digitais de produção de imagem e de comunicação, tenhamos uma rotina produtiva fotojornalística mais adaptada ao conceito costumeiramente relacionado ao jornalismo – o do “fetiche da velocidade” (MORETZONH, 2002) –, a busca pela rapidez na publicação/circulação do fato noticioso já se fazia presente no século passado.

Nos primeiros anos do século passado, novos desenvolvimentos colaboraram decisivamente para transformar as rotinas produtivas fotojornalísticas, que passam a valorizar o espontâneo, a “foto única”, vinculada à retórica da velocidade e a noticiabilidade mudando assim radicalmente o modus operandi da construção imagética em vigor até então e sistematizando a informação jornalística (MUNHOZ, 2005, p. 37).

Contudo, somente no final do século XX, quando se instaurou o que podemos chamar de “era digital do fotojornalismo mundial”, ampliou-se o regime de velocidade na circulação da informação fotográfica. Nessa época, surgiram as primeiras câmeras portáteis que utilizam filmes fotográficos feitos a partir de celuloide para captação de imagens. Importantes veículos de comunicação do jornalismo mundial, preocupados em atualizar suas redações, abriram espaço para imagens produzidas de forma digital. Àquela época, acreditava-se, teoricamente, que essas imagens eram limpas, de fácil armazenamento e instantâneas.

É o começo da popularização da fotografia digital e da participação cada vez mais atuante do cidadão comum na cobertura dos fatos. Em 1999 as máquinas digitais já tinham quebrado a barreira dos 2 megapixels, com preço baixo de US\$300 (PREUSS, 2004). Em 1994 a Kodak, ainda utilizando um corpo de máquina Nikon,

em conjunto com a Associated Press, desenvolve a primeira máquina digital voltada especialmente para fotojornalistas, a Kodak NC2000, com 1.3 megapixels. No ano seguinte o jornal canadense VANCOUVERSUN torna-se o primeiro jornal totalmente baseado em fotos digitais e, em 1996, a Associated Press, pela primeira vez na história, cobre um evento totalmente em fotografia digital, foi o SUPERBOWL XXX, marcando assim uma nova etapa para a fotografia jornalística. [...] A fotografia jornalística entra no século XXI dotada de um extremo potencial técnico na captura de imagens e na velocidade da transmissão e disponibilização. A internet associada à funcionalidade cada vez maior dos computadores, celulares, PDAs, laptops, gera um novo e dinâmico espaço de veiculação das fotografias jornalísticas, que abastecem esse mercado on-line 24 horas por dia (MUNHOZ, 2005, p. 55).

A contemporaneidade, segundo Gonçalves (2009), é marcada pelo consumo, espetáculo, redes comunicativas e informativas. É marcada também por um modo de estar no mundo, uma configuração nova de sujeitos que têm na revolução tecnológica um novo paradigma de comunicação.

Estar no mundo, hoje, é uma experiência atordoante. Somos atravessados por fluxos divergentes, fragmentados e ao mesmo tempo totalizantes. Como ponto fixo, temos as “telas” como imagens espetaculares, informações, infinidades de serviços. A ciência, a tecnologia e a informação são os três pilares que sustentam o mundo contemporâneo – a profusão de objetos materiais e imaginários, suas trocas em alta velocidade (fluxos) configuram uma nova relação espaço-tempo entre os homens e o mundo; instaura-se um tempo universal imediato (GONÇALVES, 2009, p. 6).

Figura 13 – Fotografia que se tornou viral de menina síria que confundiu máquina de fotógrafo com arma



Fonte: METROJORNAL, 2015.

A imagem de uma menina síria imortalizada pelo fotojornalista do *Huffington Post* Osman Sagirli, retratando uma guerra que já deixou 14 milhões de crianças afetadas, foi *tweetada/publicada* pela jornalista Nadia Abu Shaban. Entre a sua publicação, no dia 29/03/2015, e o dia 31/03/2015, foi *retweetada* 11 mil vezes. A imagem também foi compartilhada no Reddit, onde recebeu mais de 5 mil votos positivos e 1,6 mil comentários. É nesse sentido que entendemos que a produção da imagem fotográfica, em conjunto com as novas tecnologias de comunicação, contribui para o desejo do leitor de consumir imagens e informações cada vez mais em tempo real.

3.1 Jornalismo participativo/colaborativo ≠ Jornalismo cidadão – *open-source*/pauta aberta

Em seu livro de 1995, *Being Digital*, Nicholas Negroponte (1995) teorizou que as notícias publicadas de forma *on-line* permitiriam aos leitores escolherem somente temas e fontes que lhes interessassem. Negroponte nomeou o novo modo de acessar informações noticiosas de *The Daily Me* e concluiu que o resultado da participação ativa do leitor, no que tange a seleção apenas do conteúdo informativo que lhe interessasse, poderia minar alguns dos fundamentos da mídia tradicional, tais como: quem determina o que é notícia; e o que deve ser publicado. Segundo Sallet (2012), um dos principais aspectos das mídias tradicionais é

[...] sua função de reguladora da tematização do que vai ser noticiado, seu cuidado com as fontes, com os processos de enunciação (lugar de fala); também cabe à mídia (e falamos da tradicional) a centralidade no processo produtivo e a gestão da relação com os campos sociais diversos, onde e quando eles entram no/em debate (SALLET, 2012, p. 6).

No entanto, com as mídias digitais essa dinâmica, antes vertical, ou seja, onde havia a percepção de que o domínio do processo comunicacional estava nas mãos do emissor (mídias tradicionais), mudou: passou a se dar de forma horizontal, de todos para todos. Todos agora, caso queiram, podem ser emissores de informação e receptores; e o que soava futurologia, há 25 anos, agora parece estar se transformando em realidade, com a criação de organizações midiáticas que utilizam modelos participativos/colaborativos na produção de seus conteúdos informativos.

O desenvolvimento das novas tecnologias de informação criou possibilidades de participação do cidadão na produção da informação. Dá-se a essa prática o nome de jornalismo cidadão, colaborativo, participativo ou, ainda, jornalismo *open-source*. É

importante salientar que jornalismo colaborativo/participativo não é a mesma coisa que jornalismo cívico. O primeiro se caracteriza por ter como produtor da informação, quer seja de texto, quer seja de imagem, o cidadão comum. Outra característica de referida atividade é o indivíduo não ser necessariamente jornalista ou fotojornalista. Já o jornalismo cívico se caracteriza como movimento que busca inserir jornalista e leitores em processos políticos e sociais de uma comunidade.

Alguns *sites* baseados no colaborativismo e participação de leitores na produção e envio de material informativo existem há mais de 20 anos. Um deles é o *site* de notícias *OhmyNews*; com o lema “Cada cidadão é um repórter”, o veículo foi o primeiro a aceitar, editar e publicar artigos de seus leitores em estilo aberto de reportar notícias. A agência de notícias foi criada no ano 2000, na Coreia do Sul, e se diz a primeira a aceitar material colaborativo/participativo de leitores. Aliás, possui número estimado de 2 milhões de leitores por dia e, com a ajuda de mais de 26.000 jornalistas cidadãos registrados, surgiu como desafio direto aos meios de comunicação estabelecidos.

Outro exemplo de *website* colaborativo de relevância, por sua vez, brasileiro, é o *Overmundo*, lançado em março de 2006. A apresentação institucional afirma que o

[...] Overmundo é um site colaborativo voltado para a cultura brasileira e a cultura produzida por brasileiros em todo o mundo, em especial as práticas, manifestações e a produção cultural que não têm a devida expressão nos meios de comunicação tradicionais. **O Overmundo é feito pela sua própria comunidade.** Aqui, você pode encontrar textos, dicas e obras que apontam para um vasto panorama da diversidade cultural do Brasil. E o melhor: você pode não apenas ler, mas participar das discussões, selecionar os destaques do site e principalmente publicar os seus próprios conteúdos. O convite está feito: o que na produção artística de sua cidade nunca teve visibilidade nacional? Por que não tornar tudo isso visível aqui no Overmundo? (OVERMUNDO, 2019).

O *site* permite a usuários que enviem suas produções, e, após o envio, o conteúdo informativo permanece por 48 horas “em edição”, tempo necessário para que outros usuários possam fazer sugestões relativas ao material. Outras 48 horas são utilizadas para que o conteúdo entre em votação, de modo que a comunidade do *site* decidirá se será publicado ou não. Atualmente, o *Overmundo* conta com mais de 1 milhão de visitantes por mês.¹⁵

¹⁵ Todo o conteúdo publicado usa obrigatoriamente uma licença Creative Commons; e o *site* recebeu o prêmio Golden Nica, principal premiação do festival Ars Eletrônica, na categoria Digital Communities.

Figura 14 – Página principal do *Overmundo*



Fonte: OVERMUNDO, 2019.

Bowman e Willis (2003), em pesquisa intitulada *We Media: how audiences are shaping the future of news and information*, realizada para o Instituto Americano de Imprensa, conceituam a prática do jornalismo colaborativo/participativo como:

O ato de um cidadão, ou grupo de cidadãos, desempenhando papel ativo no processo da coleta de dados, da cobertura, análise e divulgação das notícias e informações. A intenção desta participação é fornecer informação de forma independente, confiável, precisa e abrangente que uma democracia exige.¹⁶

Outra definição que segue em consonância com as anteriores é a defendida por Fonseca e Lindeman ao conceituarem tal prática na internet como:

[...] hipertexto cooperativo de interação mútua: não há apenas um produtor, como nas mídias de massa, mas todos os usuários podem vir a ser produtores de notícia, influenciando no produto final. Este tipo de interação ainda é pouco explorado e, por suas características, gera questões intrigantes [...] (FONSECA; LINDEMAN, 2006, p. 155).

Sabe-se que as revoluções tecnológicas, de maneira geral, afetam as formas de produção da indústria jornalística e as levam a repensar seus mecanismos de produzir, difundir e receber informação. Segundo Marcondes Filho (2000), estamos vivenciando a

¹⁶ “The act of a citizen, or group of citizens, playing an active role in the process of collecting, reporting, analyzing and disseminating news and information. The intent of this participation is to provide independent, reliable, accurate, wide-ranging and relevant information that a democracy requires” (BOWMAN; WILLIS, 2003, p. 9 – tradução nossa).

quinta fase do jornalismo, que se iniciou nos anos 1970, e é marcada pela segunda grande revolução tecnológica. Estamos participando do remodelamento do jornalismo, portanto.

No artigo “Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas”, Fonseca e Lindeman corroboram com a teoria de uma nova configuração do jornalismo e citam Lemos:

A internet rompe com o processo comunicacional vertical, de formato um-todos, que até então vinha sendo praticado no jornalismo. As novas tecnologias da comunicação, ao contrário, permitem a relação horizontal todos-todos, de domínio público e caráter colaborativo. O que leva Pool a dizer que os novos media eletrônicos são tecnologias da liberdade, ou seja, aquelas que “não se pode controlar o conteúdo, que colocam em questão hierarquias, que proporcionam agregações sociais e que multiplicam o pólo de emissão não-centralizada” (LE MOS *apud* FONSECA; LINDEMAN, 2007, p. 88).

Ainda no artigo mencionado, as autoras concluem que tal liberdade favorece o aparecimento de novas formas de interação entre os indivíduos e de novas práticas sociais. A técnica é, nessa perspectiva, uma invenção humana que se insere no mundo social, em suas relações políticas, econômicas e culturais, transformando o homem, a cultura e a sociedade.

Em seu livro intitulado *Internet e depois?: uma teoria crítica das novas mídias*, Wolton (2003) também discute e questiona o remodelamento da comunicação a partir das novas tecnologias da informação e faz um contraponto:

Do ponto de vista de uma teoria da comunicação, isto é, da ligação entre técnica, modelo cultural e projeto social, a questão é então a seguinte: existe uma real ruptura entre as mídias de massa e a Internet? A inovação das novas tecnologias está relacionada com uma mudança cultural nos modelos individuais e coletivos? Existe por ocasião desta nova geração técnica um outro projeto de organização da comunicação e uma outra visão sobre o seu papel em uma sociedade aberta? Esta é uma questão importante e não aquela da performance técnica (WOLTON, 2003, p. 13).

A preocupação em não tomar a técnica como fator determinante para o progresso da humanidade está presente também nos estudos de Castells (1999), Lemos (2004) e Rudiger (2003). Thompson, em artigo intitulado “Nova visibilidade”, prefere adotar postura de análise das mídias comunicacionais pelo viés interacional, e, com isso, sua perspectiva ganha tom sociológico. Segundo ele, “o desenvolvimento das mídias comunicacionais trouxe, desse modo, uma nova forma de visibilidade cujas características específicas variam de meio para o outro – que se diferencia em aspectos essenciais da visibilidade situada da co-presença” (THOMPSON, 2008, p. 21).

Para a compreensão do objeto de pesquisa, que trata das possibilidades e limitações da imagem produzida pelo cidadão enquanto fonte de informação, é necessário caminhar na trilha que nos leva a entender como o desenvolvimento técnico e eletrônico alterou de forma

progressiva e significativa os processos de produção da informação e, conseqüentemente, possibilitou o surgimento de novos produtos midiáticos e de novas práticas jornalísticas e formas de interação e de visibilidade.

3.2 A fotografia colaborativa no jornalismo on-line

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação, começaram a surgir novos formatos e *modos*¹⁷ de fazer jornalismo e, em decorrência disso, possibilidades de uso da imagem como suporte da informação. Inicialmente, o webjornalismo comungou da lógica e da linguagem do modelo tradicional impresso; contudo, algum tempo depois, já se podia observar veículos que buscavam a criação de linguagem e padrões próprios. Atualmente, com o desenvolvimento e amadurecimento do novo modelo, é possível perceber veículos de comunicação *on-line* que possuem identidade própria.

Para a melhor compreensão de novos *modos* de fazer jornalismo, autores como Bardoel e Deuze (2001), Lima Jr. (2005; 2007), Lemos (1997), Palácios (2002) e Canavilhas (2014) têm voltado suas pesquisas à *caracterização básica* do modelo jornalístico *on-line*. Bardoel e Deuze (2001) apontam quatro características básicas que podem ser atribuídas ao jornalismo *on-line*: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia; e Palácios (1999) define a quinta: memória.

Dentro da perspectiva de interatividade, multiplicidade e convergência de conteúdo informativo produzido e disponibilizado pelo jornalismo *on-line*, se encaixam as novas e múltiplas possibilidades de utilização da imagem fotográfica no webjornalismo. Com o progressivo desenvolvimento da linguagem do jornalismo digital, desde a época de criação até os dias atuais, foi possível perceber o aumento progressivo da utilização de imagens fotográficas e em movimento (vídeos) nas telas de abertura, matérias principais e até mesmo em pequenos textos informativos. Podemos observar esse comportamento principalmente em cobertura de eventos jornalísticos relevantes, tais como fenômenos naturais de gravidade, manifestações sociais de abrangência nacional e internacional, greves, entre outros. Importantes veículos *on-line* de jornalismo, como *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, além de apresentarem ao lado da chamada da matéria a fotografia principal de capa, criam um *link* que direciona o leitor a um espaço normalmente denominado “galeria”, onde

¹⁷ Conforme Palácios (2001), é importante frisar que o advento de mídias que usam como suporte a internet não vem de forma alguma a se opor ou superar os formatos midiáticos anteriores.

existem inúmeras outras fotos realizadas por fotógrafos contratados pelo veículo midiático e também cidadãos comuns.

Figura 15 – Chamada na matéria de principal/capa para a galeria de fotos da cobertura do alagamento em São Paulo em 19/03/2015

The image is a screenshot of the Rádío Estadão website. At the top, there is a navigation bar with the site's logo and various menu options like 'ACERVO', 'PME', 'Jornal do Carro', 'paladar', 'link', 'Radio Eldorado', and 'Radio Estadão'. Below the navigation bar, there are social media icons and a search bar. The main content area features a large headline: 'Temporal causa alagamentos em SP e fecha aeroporto'. To the right of the headline is a photograph of a car partially submerged in floodwaters. Below the headline, there is a sub-headline and a short paragraph of text. Further down, there is a section for 'FUTEBOL' (Football) with a match between Inter de Milão and Wolfsburg. The match score is 1-1. The website also has a 'CRISE NO GOVERNO' section and a 'BLOGS' section.

Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 2015.

Assim como no jornalismo impresso, no jornalismo *on-line* a fotografia é utilizada para a construção da narrativa jornalística do acontecimento e dar-lhe credibilidade. Não podemos dizer que existam diferenças radicais na utilização da fotografia no modelo impresso e no modelo *on-line* de jornalismo, uma vez que ambos utilizam a imagem fotográfica para reforçar e contextualizar o acontecimento jornalístico, e neles é imprescindível a utilização de legenda ou texto escrito.

A grande diferença entre os dois formatos reside na rapidez e na quantidade de imagens que o webjornalismo pode lançar na hora de reforçar veracidade e objetividade na construção e publicização da reportagem, seja ela produzida por jornalista do veículo midiático responsável pela cobertura fotográfica ou por cidadão comum. Segundo Canavilhas (1999), “A verdade da imagem recolhida no local empresta à notícia uma veracidade e uma objectividade maior que a simples descrição do acontecimento”; e aí está o campo de todas as

possibilidades e limitações da produção e utilização das imagens informativas feitas pelo cidadão comum.

A produção de imagem pelo cidadão comum como fonte de informação e a apropriação de fotografias pelas mídias podem ser vistas como uma nova forma de interação da contemporaneidade. Esse fenômeno possui aspectos positivos, pois insere, ainda que modestamente, a audiência dentro do processo comunicacional, tencionando a face do jornalismo. Por interesses mercadológicos e com o intuito de reforçar sua imagem de onipotência e onipresença, rapidamente as empresas midiáticas sem nenhum indício de altruísmo ou dever cívico incorporaram imagens/testemunhos feitos pelo cidadão comum em suas coberturas. Conforme Sallet (2012, p. 12), “são eles, os veículos mediáticos, que definem as pré-condições de como se inscrevem os receptores/leitores como produtores e coprodutores das agendas jornalísticas e fotojornalísticas”.

A mídia não ignora este apelo e explicitamente estimula e acolhe esta produção. A partir do surto de imagens amadoras que só fez aumentar desde o lançamento do primeiro celular com câmera em 2002, instalou-se no território privilegiado da mídia oficial um padrão repetitivo no qual essas imagens tornaram-se gradativamente associadas à evidência [...] (MARTINS, 2013, p. 148).

Percebemos que conferir credibilidade no que tange a imagem/testemunho produzido pelo cidadão comum é fundamental tanto para o interesse de quem dela se apropria quanto para a audiência. Exemplos disso são os inúmeros canais colaborativos que os grandes veículos de comunicação em geral disponibilizam para que leitores/usuários participem enviando suas fotografias.

Embora tenha havido outros acontecimentos sociais relevantes nos quais a sociedade foi chamada a enviar suas impressões acerca do fato jornalístico, foi durante as manifestações de 12/04/2015 contra o governo Dilma que pudemos perceber o crescente estímulo à participação do cidadão na produção e envio de imagens às redações dos principais jornais brasileiros.

Figura 16 – Estímulo à participação do cidadão na produção/envio de imagens



Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 2015.

Figura 17 – Estímulo via Facebook à produção/envio de fotografias para o jornal pelo WhatsApp



Fonte: FACEBOOK, 2015.

Pelo exemplo da Figura 17 percebemos que veículos de comunicação de massa passam a utilizar as mídias sociais como ferramenta de interação com seus leitores e como instrumento de estímulo à participação de produção de imagens de conteúdo informativo. “As mídias sociais são capazes de estimular o diálogo, entre os criadores e os observadores das imagens” (RITCHIN, 2014, p. 149).

Figura 18 – Imagem de protesto enviada por WhatsApp



Fonte: ESTADO DE S. PAULO, 2015.

Podemos vislumbrar, em análise prévia, três tipos de participação do cidadão comum na produção de fotografias de cunho noticioso.

O primeiro tipo é a *participação espontânea/engajada*, tal como pudemos perceber na participação do cidadão comum na cobertura fotojornalística ao ataque sofrido às torres gêmeas no 11/09/2001; em Mianmar, em 2008; e nas cidades de Arbeen e Douma na Síria, em ataque com gás Sarin, em 2013. No caso da participação espontânea/engajada, Ritchin alerta para os perigos de a participação do cidadão comum redundar em ativismo:

Na primavera árabe, por exemplo, os amadores podem se limitar a mostrar a violência da polícia contra os manifestantes e não o contrário. Ainda assim, é mais fácil entender quais são os interesses dos jornalistas cidadãos do que compreender o ponto de vista da mídia tradicional (RITCHIN, 2014, p. 149).

O segundo tipo, que chamaremos aqui de *participação induzida*, pode ser percebido em veículos tradicionais de comunicação que disponibilizam e mantêm canais colaborativos

de postagem de fotografias de cunho noticioso de forma remunerada, por exemplo: *Estado de S. Paulo* e o portal de informação *GI*, das organizações Globo.

Por meio de concursos e convites à interação sempre mais frequentes, o jornal O GLOBO tem procurado capturar a produção fotográfica dos seus leitores – produção profissional, amadora ou ainda por definir – ampliando deste modo sua visibilidade nas redes sociais. Em *Au-delà photographie – le nouvel âge*, Fred Ritchin anuncia essa articulação da fotografia digital com a mídia contemporânea e, em particular com os meios digitais, como uma nova era (SZANIECKI, 2003, p. 118)

E o terceiro tipo é a *participação estimulada/convocada*, a qual é feita a partir da convocação à participação do cidadão pelos veículos midiáticos, como ocorreu após o atentado de 11 de setembro, a explosão da espaçonave Challenger, o ataque à Maratona de Boston, as manifestações contra o governo Dilma em 12/04/2015, entre outras.

Para evitar que a participação do cidadão redunde na produção de imagens partidárias, Ritchin enfatiza que os amadores necessitam de curadoria:

O desafio atual é entender quais pessoas seriam as organizadoras ou os filtros. Como podemos fazer o ponto de vista desses novos diretores ser o mais transparente possível e ter um prestígio equivalente aos dos autores das imagens (RITCHIN, 2014, p. 149).

O referido autor intitula os curadores de metafotógrafos e diz que eles “podem ser tanto estudantes universitários como profissionais consagrados, capazes de oferecer um contexto à produção dos amadores ou dos jornalistas cidadãos” (RITCHIN, 2014, p. 149).

3.3 Fotojornalista participativo/colaborativo ou apenas produtor de informação fotográfica?

Hoje, com as novas tecnologias de produção e veiculação da informação, a mais antiga vocação da fotografia, a de ser testemunho dos acontecimentos, foi ampliada, e, através do desenvolvimento cultural, social e tecnológico, o cidadão comum tem se engajado progressivamente na produção de imagens informativas que, ao serem apropriadas e legitimadas pelas instituições midiáticas, passam a possuir valor-notícia.¹⁸

No âmbito do fotojornalismo, os receptores/leitores se inscrevem, mais diretamente ainda, como produtores, pois protagonizam fotografias com valor de notícia e acabam agendando os jornalistas repórteres para realizarem matérias que pautam suas fotos (GONÇALVES, 2009, p. 7).

¹⁸ Valor-notícia é um valor subjetivo que determina a importância que um fato ou acontecimento tem para ser noticiado, e, por esse motivo, é também designado como critério de noticiabilidade. Os fatores ou critérios que dão a um fato valor-notícia coincidem na maior parte das redações dos meios de comunicação social (GALTUNG; RUGE *apud* TRAQUINA, 1999).

Conforme Bowman e Willis (2003), no artigo “How audiences are shaping the future of news and information”, publicado pelo American Press Institute, o atentado terrorista de 11 de setembro às torres gêmeas nos Estados Unidos desencadeou o processo de produção de conteúdo informativo pelo cidadão comum.¹⁹

A respeitável profissão do jornalismo encontra-se em um raro momento na história em que, pela primeira vez, sua hegemonia como guardiã das notícias é ameaçada por não apenas novas tecnologias e concorrentes, mas, potencialmente, pelo público que ela serve. Armado com ferramentas de publicação na Web fáceis de usar, de conexão permanente e cada vez mais dispositivos móveis poderosos, o público online tem os meios para se tornar um participante ativo na criação e divulgação de notícias e informações. E está fazendo exatamente isso na internet: [...] Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, geraram o maior tráfego a sites tradicionais de notícias na história da web. Muitos grandes sites de notícias travaram sob a imensa demanda e as pessoas se voltaram para o e-mail, blogs e fóruns “como canais de informação, e para obter comentários sobre as ações relacionadas aos eventos do 9/11”. A resposta e participação das pessoas afetadas pelo evento terrorista na Internet deu origem a uma nova proliferação de “do-it-yourself jornalismo”. Tudo se deu a partir de relatos de testemunhas oculares e galerias de fotos para comentários e narração de histórias pessoais que surgiram no intuito de ajudar as pessoas a compreender coletivamente a confusão, raiva e perda de sentido posteriormente à tragédia (BOWMAN; WILLIS, 2003, p. 7).

Em artigo publicado pelo centro de pesquisas Pew Research Center²⁰ (FOX; RAINIE; MADDEN, 2002), tem-se o resultado de uma equipe de pesquisadores liderados por Steven M. Schneider (Universidade Estadual de Tecnologia de Nova York) e Kirten Foot (Universidade de Washington). De acordo com o texto mencionado, o estudo liderado por Schneider foi o primeiro esforço sistemático para compreender como conteúdo e estrutura da *web* mudaram após os ataques de 11 de setembro. O estudo aponta que o rápido desenvolvimento das funcionalidades da *web* criou estruturas que possibilitaram ao cidadão americano obter e compartilhar informações. *Sites* se adaptaram rapidamente à crise; e *sites* de governo foram reequipados rapidamente para permitir a indivíduos que fornecessem dicas às investigações sobre terrorismo e que ajudassem pessoas a darem assistência a vítimas e famílias.

O episódio de desintegração da espaçonave Columbia, nos EUA, também evidenciou a importância e a credibilidade que já se depositavam na participação do cidadão no que tange a produção de informação. Diferentemente do atentado às torres gêmeas em Nova York, em 11

¹⁹ De acordo com o *Pew Internet Project*, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 geraram imenso tráfego nos *sites* de notícias tradicionais, considerada toda a história da *web*.

²⁰ “O Pew Research Center é um centro de informações apartidário que informa o público sobre questões, atitudes e tendências que moldam a América e o mundo. O centro de pesquisas realiza pesquisa de opinião pública, pesquisa demográfica, análise de conteúdo midiático e outras pesquisas sociais científicas empíricas. Não defendemos posições políticas” (PEW RESEARCH CENTER. About Pew Research Center. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/about/>. Acesso em: 11 mar. 2019. Tradução nossa).

de setembro de 2001, quando cidadãos se engajaram espontaneamente no processo produtivo da informação, o episódio da desintegração da espaçonave Columbia foi caracterizado pela convocação à participação popular por parte da mídia e organizações governamentais, particularmente o jornal *The Dallas Morning News* e a NASA. Nesse caso, houve pedido explícito para que cidadãos enviassem testemunhos oculares e fotografias que fornecessem pistas à causa da desintegração da espaçonave. Desde então, temos nos surpreendido cada vez mais com fatos e fotos noticiosos trazidos ao cenário midiático através de cidadãos comuns.

Exemplos mais contundentes da nova prática foram as imagens do conflito em Myanmar em 2007, quando o regime ditatorial do país ordenou ataque contra monges budistas e simpatizantes. Em reportagem publicada no *site* de notícias *Uol*, Mydans relatou a importância da participação do cidadão comum na produção de informação sobre o conflito ocorrido em Myanmar:

[...] a junta militar do país se viu face a face com uma revolução na tecnologia da resistência, na qual um exército guerrilheiro de cidadãos repórteres estava transmitindo vídeos, fotos e notícias pela Internet enquanto os eventos se desenrolavam (MYDANS, 2007).

Figura 19 – Conflito em Myanmar



Fonte: GO ERIN GO, 2012.

Na mesma reportagem, Mydans entrevistou dois estudiosos da história da tecnologia da comunicação que evidenciaram a importância do episódio para um novo formato de jornalismo: o jornalismo participativo.

“Para aqueles de nós que estudam a história da tecnologia da comunicação, isto é de importância igual ao telégrafo, que foi o primeiro meio que separou comunicações e transporte”, disse Frank Moretti, diretor executivo do Centro Colúmbia para Ensino e Aprendizado de Nova Mídia, em Nova York. E isto é apenas o início da revolução, disse Mitchell Stephens, um professor de jornalismo da Universidade de Nova York e autor de “A History of News”. “Há cada vez menos eventos dos quais não temos imagens filmadas. O mundo está cheio de Zapruders” (STEPHENS, ele disse, se referindo a Abraham Zapruder, um espectador que foi a única pessoa que filmou o assassinato de John Kennedy em 1963. “Hoje, todo cidadão é um correspondente de guerra”, disse Phillip Knightley, autor de “The First Casualty” [...] (MYDANS, 2007).

Figura 20 – Kenji Nagay assassinado em meio ao tumulto em Myanmar em 2007



Fonte: GLOBO.COM, 2007.

Figura 21 – Imagens mostram corpo do jornalista Kenji Nagai sendo arrastado pela polícia

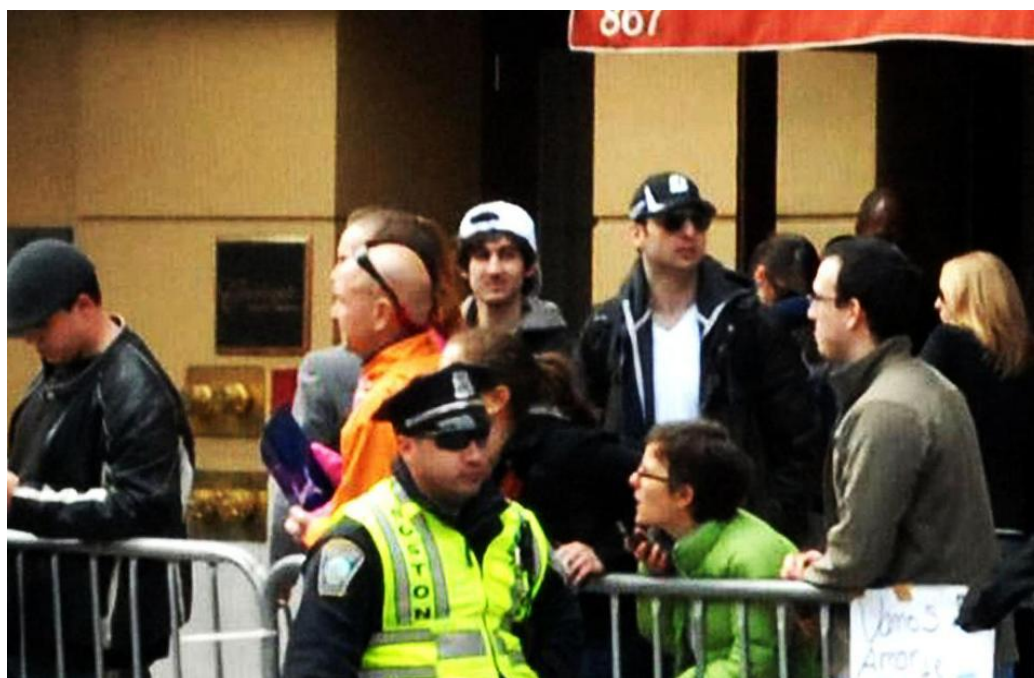


Fonte: UOL, 2007.

Outro episódio que envolveu a participação do cidadão comum na produção de fotografias de cunho noticioso e a apropriação destas por veículos midiáticos estabelecidos foi o atentado à Maratona de Boston, em 2013. Mesmo com exaustiva cobertura jornalística de canais midiáticos dominantes e a investigação de órgãos competentes americanos (CIA, FBI, polícia de Boston), um dia após o atentado ainda eram desconhecidos os terroristas e, principalmente, a motivação do ataque. Somente 48 horas depois, através das câmeras de dois anônimos, cidadãos comuns, é que milhares ou milhões de pessoas mundo afora receberam imagens dos irmãos Tsarnaev no ponto onde a mochila com as duas bombas foi deixada e de pessoas correndo após a explosão.

Em uma sequência de 20 fotos feitas com uma câmera Nikon, Bob Leonard, que foi à maratona como espectador, produziu aleatoriamente imagens com boa definição e efetivo potencial informativo.

Figura 22 – Imagem mostra os irmãos Tsarnaev no local onde foram deixadas as bombas



Fonte: BOB LEONARD; REUTERS, 2014.

A outra imagem utilizada largamente, por veículos de comunicação convencionais e autoridades no processo de investigação, foi a fotografia única feita pelo corredor David Green. Esse cidadão comum, que participou como inscrito da Maratona de Boston, ao cruzar a linha de chegada, posicionou-se próximo ao final do circuito. Green resolveu fotografar o que acontecia ao ouvir a segunda bomba explodir e, ao contrário de Bob Leonard, que utilizou câmera semiprofissional, o maratonista usou a câmera fotográfica de seu iPhone. Mesmo não obtendo boa definição, a imagem produzida por David Green foi apropriada e publicada, depois de avaliada e atestada sua veracidade, pois foi considerada fotonoticiosa, possuidora de credibilidade e valor-notícia.

Figura 23 – Momento da explosão da segunda bomba na Maratona de Boston



Fonte: DAVID GREEN; ASSOCIATED PRESS, 2014.

No ano de 2013, exatamente no dia 21/08/2013, a comunidade de Arbeen, cidade próxima a Damasco (Síria), se viu envolta numa tragédia. Por meio de fotografias, vídeos e relatos produzidos e posteriormente publicados por cidadãos pertencentes ao Comitê Local de Arbeen e ao Gabinete de Comunicação Social da cidade de Douma, o mundo tomou conhecimento de bombardeio contendo o gás químico Sarin realizado naquela cidade. Em primeiro momento, por se tratar de informação advinda de fontes locais e pertencentes a um grupo ativista da região, seu teor foi recebido pelas comunidades jornalística e mundial com ressalva. Uma vez comprovada e atestada a veracidade das fotografias, vídeos e relatos por jornalistas da mídia convencional que se deslocaram posteriormente ao local, os materiais foram apropriados e divulgados por inúmeros jornais. Imagens produzidas por ativistas cidadãos do Comitê Local de Arbeen (Síria):

Figura 24 – Crianças mortas pelo gás Sarin em Arbeen, Síria



Fonte: AP PHOTO; COMITÊ LOCAL DE ARBEEN (SÍRIA).

As imagens foram autenticadas com base em seu conteúdo e outros relatórios da *Associated Press*,²¹ e mostram cidadãos sírios tentando identificar corpos, depois de suposto ataque de gás venenoso disparado por forças do regime nacional, de acordo com ativistas de Arbeen. Vê-se também a foto de crianças mortas pelo ataque em Damasco, na Síria, em 21 de agosto de 2013.

Desde a percepção do surgimento do movimento chamado “jornalismo participativo/colaborativo” até os dias de hoje, notamos a criação e a evolução do que chamaremos de *graus de participação do cidadão comum como produtor da informação fotográfica*, que serão tratados em profundidade no Capítulo 4.

3.4 Testemunho, intencionalidade e credibilidade

O que caracteriza ou significa a palavra *testemunha*? Qual é o seu conceito? E simbolicamente qual é a responsabilidade da testemunha que registra fato ocorrido?

Segundo Agambem,

Em latim, há dois termos para representar testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (**terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *supertes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso (AGAMBEM, 2008, p. 26).

Em língua portuguesa, o conceito de testemunha assume diversas nuances, tais como podemos ver nos dicionários *Aurélio* e *Michaelis*:

- *Aurélio*: “Testemunho de. Confirmar, atestar, afirmar; declarar ter visto, ouvido ou conhecido. Manifestar, revelar. Dar provas ou aparências de. Ver, presenciar, verificar”.

- *Michaelis*:

Pessoa que assiste a determinado fato contestado, ou dele tem conhecimento, e é chamada a juízo a fim de depor sobre o que souber a respeito desse fato. Coisa que atesta a verdade de algum fato. Pessoa que assiste a certos atos para os tornar autênticos e valiosos. Pessoa que presencia um fato qualquer; espectador. Ser testemunha: assistir, presenciar, ser presente.

Segundo Agambem (2008, p. 34), “no grego, testemunha é *martis*, mártir. Os primeiros padres da igreja derivaram daí o termo *martirium*, a fim de indicar a morte de cristãos perseguidos que, assim, davam o testemunho de sua fé”.

²¹ *Associated Press* é uma agência de notícias americana fundada em maio de 1846 – possivelmente, a mais antiga e maior do mundo.

Podemos, então, apontar que a testemunha de um fato possui a capacidade de recordar, de recontar o vivido. Por *dar o testemunho de algo*, o presente estudo entende que o evento não precisa ser de proporção fatal, que o indivíduo não precisa ter sido levado a cabo. Entendemos que todo indivíduo que viu e/ou acompanhou *in loco* o desenrolar de um acontecimento tem vocação de memória e, se assim desejar, pode recordar e/ou publicizar o vivido.

Corroborando com o que dissemos, Fred Ritchin (2014) declara que, em princípio, quem possui a experiência direta saberia mais sobre o assunto vivido. Contudo, mesmo acreditando na importância e na relevância do relato, testemunho, do cidadão como fonte de informação, percebemos em sua estrutura algumas lacunas, as quais problematizaremos, a seguir.

As imagens-testemunho produzidas pelos cidadãos comuns apresentadas neste capítulo, por possuírem valor-notícia, foram imediatamente legitimadas e apropriadas por veículos de comunicação de massa tradicionais. De acordo com Bruck (2004), o valor-notícia funciona como critério de análise eficiente dentro da chamada Teoria do Jornalismo, e a análise desse critério busca compreensão de motivações que levam jornalistas à inclusão de determinadas pautas em seu veículo. Para o referido autor, o jornalismo vive em eterno embate entre dever de oferecer informação formativa e necessidade de conteúdo espetacular expresso por discurso envolvente e sedutor.

Durante a construção deste capítulo, pudemos observar o processo de legitimação e de apropriação de algumas fotografias produzidas pelo cidadão comum pela mídia tradicional, e a questão instigante sobre uma das reais intenções das empresas jornalísticas tradicionais ficou evidenciada: a de tornar o cidadão comum um braço estendido da mídia, abrir canais para que as informações de cunho jornalístico cheguem às redações sem a necessidade de mover seu corpo técnico para a cobertura de fatos reportados. Sabemos que a abertura para que o cidadão comum reporte acontecimento não é nova, mas a produção de imagens no contexto contemporâneo colaborativo atual possui aspectos positivos e negativos. Em princípio, podemos dizer que a possibilidade da produção instantânea de uma imagem aliada aos novos regimes de publicização, visibilidade e de acessibilidade, em curtos espaços de tempo, faz frente a algumas precariedades relacionadas à confiabilidade de informações produzidas dentro desse modelo. A prática do fotojornalismo colaborativo, novas tecnologias da informação e novas formas de produção fotográfica trazem a reboque a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre possibilidades e limitações da produção de imagem de cunho jornalístico dentro da prática colaborativa.

A seguir, abordaremos aspectos positivos e negativos do colaborativismo nas mídias tradicionais a partir da análise do aplicativo “Na Rua” do canal de TV a cabo GloboNews.

É importante também para a compreensão do objeto de pesquisa aqui proposto investigarmos a importância do testemunho fotográfico e sua credibilidade, as formas de autenticação de imagens produzidas pelo cidadão comum, o valor-notícia a elas conferido, e a importância da mídia tradicional como instância legitimadora da informação produzida pelo cidadão. Posto isso, no próximo capítulo, também refletiremos sobre as possibilidades e limitações da prática do fotojornalismo colaborativo.

4 A PRÁTICA COLABORATIVA NA GLOBONEWS

Lançada na TV a cabo no ano de 1996, a GloboNews surgiu com o propósito de ser o primeiro canal televisivo de jornalismo 24 horas por dia no ar. O canal pertence às Organizações Globo e foi concebido por Roberto Irineu Marinho, tendo como colaboradores, na sua fundação, Marluce Dias, então superintendente-executiva da TV Globo, Evandro Carlos de Andrade, jornalista e à época diretor da Central Globo de Jornalismo, Carlos Henrique Schroder, e Alice-Maria Reiniger, quem, em 1969, ajudou a conceber o Jornal Nacional.

Figura 25 – Idealizadores do GloboNews



Alice-Maria Reiniger e Evandro Carlos de Andrade. Globo

Fonte: G1.

A proposta era criar um canal televisivo de jornalismo no qual a notícia se desenrolasse em “tempo real” para quem estivesse diante da tela, transformando o telespectador em testemunha dos fatos. José Roberto Marinho, no prefácio do livro *Globo News: 10 anos, 24 horas no ar*, escreveu:

Em vez de apenas ser informado dos acontecimentos, o cidadão, passa a acompanhar, minuto a minuto, o seu desenrolar, com todas as idas e vindas, com todas as incertezas que um processo em evolução traz consigo. E, com isso, pode formar seu juízo e consolidar sua opinião com mais dados à mão, e também mais independência (MARINHO, 2006, p. 7).

Conforme João Roberto Marinho, desde o seu lançamento, os assinantes da TV a cabo que tinham acesso ao canal buscavam o GloboNews para “assistir, literalmente como testemunha da história, aos fatos que vão moldando a vida do País e do mundo” (MARINHO, 2006).

Inicialmente, o canal classificava o seu público apenas como espectador dos acontecimentos. Esse raciocínio advinha das limitações tecnológicas da época. Contudo, os idealizadores da GloboNews percebiam o movimento em direção ao aumento da interatividade e participação da audiência nos programas de TV, a reboque do desenvolvimento da *web* (páginas mais amigáveis, desenvolvimento do Internet Explorer – navegador da *web* da Microsoft etc.). Devido à rápida expansão e aprimoramento da *web*, celulares/*smartphones* e tecnologias de informação, o espectador do canal, antes visto apenas como testemunha dos fatos transmitidos pela TV, passou a ser cooptado para interagir com comentários e opiniões. Recentemente, de forma mais constante, passou a colaborar com o envio de acontecimentos, por meio do aplicativo analisado nesta dissertação, o “Na Rua”, que permite o envio via celular de fotos e vídeo quase instantaneamente ao fato ocorrido.

Para o vice-presidente das organizações Globo, há uma diferença entre os canais televisivos da TV aberta que possuem em sua grade jornais diários, no que tange a cobertura dos acontecimentos, e os canais de TV aberta ou fechada que se dedicam principalmente ao jornalismo, como é o caso da GloboNews.

Não que o jornalismo televisivo em geral não esteja sempre atento a dar em primeira mão, minutos depois de chegar às redações, as notícias mais importantes, nos chamados plantões. Interromper a programação de uma rede aberta, porém, é sempre algo excepcional e, portanto, raro. A notícia é dada em “edição extraordinária”, e o seu desenrolar noticiado em novos plantões, com uma frequência que depende de sua importância. Em poucos acontecimentos a programação da rede aberta é interrompida por longas horas. O atentado às torres gêmeas é o exemplo mais eloquente, quando a TV Globo cobriu o assunto de nove da manhã às três da tarde, interrompente (MARINHO, 2006, p. 7).

Roberto Marinho, no entanto, pontua que para se fazer “jornalismo em tempo real” não basta apenas ligar a câmera e “deixar que os fatos e os eventos falem por si”. Para o executivo, que também é filho do fundador da Globo:

É preciso que haja jornalistas treinados a contextualizar, de imediato, o que está acontecendo, dar informações complementares que permitam aos assinantes entender melhor a complexidade do que está sendo visto. Neste tipo de cobertura, a realidade está em construção, e, assim, certa dose de imprecisão é inerente ao processo: o fato pode ser primeiramente analisado como uma coisa e ser outra (MARINHO, 2006, p. 7).

Segundo Marinho, exemplo clássico de equívoco sujeito a acontecer na “realidade em construção” advinda do modelo de “jornalismo em tempo real” foi a própria cobertura do atentado às torres gêmeas. O que inicialmente foi noticiado pelos jornalistas da Globo como acidente envolvendo um avião bimotor, a partir de choque e explosão do segundo avião na outra torre, se considerou um atentado contra os EUA.

Anos depois da sua criação, a credibilidade do canal foi reconhecida pelo trabalho de cobertura desenvolvido em trágicos acontecimentos. É o caso do 11 de setembro de 2001. Como a Rede Globo tem uma grade de programação muito rígida, até porque há uma série de contratos publicitários a serem cumpridos, a Globo News foi o único canal brasileiro que não parou de cobrir o incidente, com entradas ao vivo e updates regulares das agências e da própria CNN. O Brasil parou para assistir a cobertura do canal e ver a história acontecer em tempo real. Assim também aconteceu na cobertura da Guerra do Iraque em 2003 e do furacão Katrina em 2004, ou em um exemplo mais recente e em âmbito nacional, o caso da menina Isabella Nardoni, assassinada em março de 2008 (FRÓES, 2008, p. 18).

Figura 26 – Primeira logo da GloboNews



Fonte: G1.

Uma das premissas que orientaram a criação da GloboNews seria atuar como agência de notícias, a exemplo da rede norte-americana CNN, o primeiro canal no mundo a funcionar dentro desse modelo, desde 1980.

Em 1996 a CNN já tem reconhecimento mundial, principalmente porque, cinco anos antes, tinha realizado uma grande cobertura da Guerra do Golfo: seus repórteres e cinegrafistas foram os primeiros a mostrar ao vivo para todo o mundo, as primeiras imagens dos bombardeios aéreos de Bagdá, capital do Iraque. A CNN seria o modelo de referência para a criação da GloboNews, uma vez que, além de partir do zero, seria preciso buscar correspondentes no mundo todo (PATERNOSTRO, 2006, p. 41).

Obedecendo a essa lógica de jornalismo “em tempo real”, foram criadas as primeiras campanhas, vinhetas e *slogans* do novo canal: “GloboNews: a notícia que dá sentido à vida!”, “De Olho, 24 horas, no que acontece... Respira notícia”, “Ouve todas as versões dos fatos. Fala a sua língua”.

Para cuidar do departamento de promoção da GloboNews, Boni resgata um antigo companheiro, Francisco Panessa, que também havia participado do lançamento da Globosat. Com o hábito de repetir inúmeras vezes as frases de que gosta, Panessa cria um bordão ao acaso. Leticia Muhana lembra: “Ele andava pelos corredores e dizia: ‘A vida real em tempo real’, ‘A vida real em tempo real’”. Surge, então, o slogan da estreia da Globo News, alguns anos mais tarde simplificado para “A vida em tempo real” (PATERNOSTRO, 2006, p. 41).

Outra proposta para o canal, desde sua criação, foi oferecer ao público outros formatos de programas voltados à informação, além de telejornais, tais como: entrevistas, debates e documentários. Para seus criadores, essa foi uma forma de proporcionar ao assinante novos olhares sobre o mesmo tema:

[...] a Globo News dá a seus assinantes a oportunidade de confrontar as suas opiniões com outras, de preencher lacunas no conhecimento que têm das coisas, de inserir, num quadro mais abrangente, os acontecimentos dos quais foram testemunhas. Um telejornal noturno, por exemplo, como o *Jornal das Dez*, deve mostrar os acontecimentos de uma maneira lógica e abordar as consequências de forma ampla (MARINHO, 2006, p. 9).

Figura 27 – Primeira grade de programação da GloboNews

**PROGRAMAÇÃO
DE TERÇA A SEXTA**

HORA	PROGRAMA	EDIÇÃO
07:00	MIT / MEIA HORA	I
07:30	VIA BRASIL	R
08:00	MIT / MEIA HORA	I / A
08:30	G CIÊNCIA, G RURAL, G ECOLOGIA, ARQUIVO N	R
09:00	MIT / MEIA HORA	R
09:30	GLOBO ENTREVISTA	R
10:00	MIT / MEIA HORA	I / A
10:20	BOM DIA BRASIL	RRG
11:00	MIT / MEIA HORA	I / A
11:30	FULANO DE TAL, REPÓRTER	R
12:00	MIT / MEIA HORA	I / A
12:30	CONTA CORRENTE	I
13:00	MIT / MEIA HORA	I / A
13:30	ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	I
14:00	MIT / MEIA HORA	I / A
14:30	CONTA CORRENTE	I / A
15:00	MIT / MEIA HORA	I / A
15:30	JORNAL HOJE	RRG
16:00	MIT / MEIA HORA	I / A
16:30	VIA BRASIL	I
17:00	MIT / MEIA HORA	I / A
17:30	ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	I
18:00	MIT / MEIA HORA	I / A
18:30	FULANO DE TAL, REPÓRTER	R
19:00	MIT / MEIA HORA	I / A
19:30	G CIÊNCIA, G ECOLOGIA, G RURAL, ARQUIVO N, P EMPRESAS	I
20:00	JORNAL NACIONAL	RG
20:30	CONTA CORRENTE	I / A
21:00	MIT / MEIA HORA	I / A
21:30	MIT / FULANO DE TAL, REPÓRTER	I
22:00	MIT / NACIONAL NEWS	I
23:00	MIT / GLOBO ENTREVISTA	I / A
23:30	CONTA CORRENTE	I
24:00	MIT / MEIA HORA	I / A
00:30	VIA BRASIL	I
01:00	MIT / ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	R
01:30	FULANO DE TAL, REPÓRTER	R
02:00	MIT / NACIONAL NEWS	I / R
03:00	MIT / GLOBO ENTREVISTA	I / R
03:30	JORNAL DA GLOBO	RRG
04:00	MIT / VIA BRASIL	I / R
04:30	ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	I / R
05:00	MIT / FULANO DE TAL, REPÓRTER	I / R
05:30	G CIÊNCIA, G ECOLOGIA, G RURAL, ARQUIVO N	I / R
06:00	MIT / GLOBO ENTREVISTA	I / R
06:30	CONTA CORRENTE	R

Fonte: GLOBONEWS, 10 anos – 24 horas no ar.

Em 15 de outubro de 1996, exatamente às 08:30 h, o canal de TV paga GoboNews entrou no ar pela primeira vez. Um programa especial de 30 minutos apresentou a programação que os assinantes passariam a ver (FIGURA 27) e os primeiros repórteres da emissora.

“Neste momento, você está vendo surgir a GloboNews. A primeira televisão brasileira só de notícias. Um canal com olhar brasileiro, que fala nossa língua, que

tem a nossa cara. Um desejo do público e um objetivo da Rede Globo” (Transcrição da narração de parte do programa de estreia feita por Eduardo Grillo e Renata Vasconcellos). (PATERNOSTRO, 2006, p. 75).

Figura 28 – Primeiros jornalistas da GloboNews



Fonte: G1.

À época do lançamento do canal, na década de 1990, há quase 30 anos, havia no Brasil, conforme Marinho, apenas 1,6 milhão de telefones celulares, e usuários de internet eram poucos. Porém, os idealizadores do canal apostavam na mudança do cenário em curto prazo.

Nossa aposta era que esse quadro mudaria rapidamente, tornando tecnologicamente possível e com custos razoáveis uma emissora que, por definição, deveria estar em todos os lugares, em todos momentos para entrar no ar sem demora (MARINHO, 2006, p. 9).

Atualmente, o Brasil possui mais de 230 milhões de celulares ativos, segundo Pesquisa Anual realizada pela Fundação Getulio Vargas de São Paulo (FGV-SP). E, segundo última pesquisa do IBGE, divulgada em 20 de dezembro de 2018, a internet chega a 74,9% dos domicílios do Brasil. Destaca-se o celular/*smartphone* (em sua maioria com câmeras fotográficas que realizam vídeos) ainda ser o principal dispositivo de conexão com a internet (responsável por 98% dos acessos); contudo, o dado mais interessante é sobre o número de domicílios que acessam a internet pela TV: de 11%, em 2016, passou-se a 16%, em 2018.

Figura 29 – Primeiro *switcher* GloboNews



Fonte: G1.

Figura 30 – Primeira redação GloboNews



Fonte: G1.

De acordo com Marinho, o desenvolvimento tecnológico superou as expectativas das Organizações Globo, e o canal GloboNews se tornou um veículo de sucesso, tendo alcançado a sua missão, ao colocar à disposição da massa toda a parafernália de comunicação. Segundo o executivo, o público se beneficia de duas formas:

De um lado, uma legião de cidadãos se torna fonte potencial. O fenômeno ainda não tem a frequência desejada, mas é cada vez maior o número de pessoas que, diante do menor acontecimento, alimenta a Globo News com informações, estejam elas onde estiverem. Não demorará muito para que se torne habitual as pessoas comuns enviarem fotos e imagens em movimento produzidas por celulares (MARINHO, 2006, p. 9).

João Roberto Marinho e idealizadores perceberam a tendência da prática colaborativa que iria se desenvolver no mundo e no Brasil, fazendo que, desde o início, a GloboNews se

abrisse à participação do cidadão comum como fonte de informação. Atualmente a referida abertura vem se ampliando através da participação do assinante pelo aplicativo desenvolvido pela própria emissora, o canal colaborativo “Na Rua”, da GloboNews, via aplicativo WhatsApp e outros meios de participação e interação.

4.1 Práticas colaborativas do canal

Uma das primeiras iniciativas de interação com o público assinante da GloboNews se deu com a criação do programa “Entre Aspas”, levado ao ar, em outubro de 2006, como alternativa a um desejo da jornalista Maria Beltrão de apresentar um *talk-show*. A ideia central do programa era propiciar e estimular a participação ativa dos internautas pela *web* aproveitando toda a facilidade e carisma que a jornalista tinha de lidar com o público, no intuito de possibilitar, via *chat*, ao telespectador o envio de perguntas e opiniões sobre os temas propostos no programa:

O programa evoluiu então para muita interatividade. O jornalismo participativo do “Entre Aspas” é o grande diferencial do programa e foi o que fez com que ele criasse uma audiência cativa depois dos problemas iniciais. Por mais que a interatividade estivesse presente desde o começo, foi aos poucos que ela foi ganhando o espaço que tem atualmente dentro do programa. A convergência de mídias, não em um mesmo aparelho, mas a convergência entre TV e Internet, ou seja, a possibilidade de participação via internet na TV, fez com que o programa encontrasse um nicho seu dentro de uma audiência sem tempo, ávida por informações rápidas, e que quer participar do processo de produção jornalístico. A proposta funciona como uma TV 2.0, em uma analogia a Web 2.0. A ideia é que o conteúdo do programa seja ditado pelo público e pela participação desse público, você, audiência, faz o programa, determina a edição, é o gatekeeper do programa. Pela primeira vez, um programa jornalístico, fora a experiência bem-sucedida dentro do jornalismo esportivo, abriu uma porta tímida para a entrada da voz de seu público (FRÓES, 2008, p. 47).

Segundo Fróes (2008), para estimular mais ainda a participação da audiência, ficou decidido que haveria não apenas uma, mas duas interações entre a jornalista Maria Beltrão e os telespectadores da GloboNews. A primeira, sempre antes do programa; a outra, durante o programa, exibido ao vivo durante 30 minutos na programação noturna do canal.

O conceito é mais ou menos “venha participar dessa comunidade” valorizando a ideia de participação, imediata. Não é apenas informar ao telespectador, a intenção é expor a opinião dos telespectadores na hora em que eles a emitem da sua casa e ainda repercuti-la com especialistas. Por isso, muitas pessoas se preparam para participar durante o programa, não são pessoas somente intencionadas a dizer as suas opiniões, são pessoas que querem demonstrar conhecimento para outras pessoas que estão assistindo, para outras pessoas da “comunidade” “Entre Aspas” (FRÓES, 2008, p. 48).

Maria Beltrão esteve à frente do programa “Entre Aspas” até agosto de 2008, quando o jornalista Luiz Cláudio Latgé assumiu a direção da GloboNews e iniciou uma remodelação do canal, visando atingir e conquistar um público maior, “um novo público”. Sob direção de Latgé, foi criado o “Estúdio i”; e para ancorar o programa, que seria um misto de jornalismo, entretenimento e interatividade, foi chamada Maria Beltrão, haja vista sua experiência durante dois anos à frente do “Entre Aspas”.

Podemos dizer que nesses modelos de interação há representatividade, e não de fato prática colaborativa. Silva constata que a representatividade é a forma tradicional com que os programas televisivos possibilitam acesso e interação do público com o programa:

Nesse modelo, os telespectadores participam por meio do envio de perguntas e comentários por e-mail, fax ou telefonema, respondendo a enquetes que são comentadas durante a emissão do programa. Sua voz é representada por um jornalista da emissora, responsável por selecionar as perguntas que devem ir ao ar e lê-las ao vivo. Por vezes, é o próprio apresentador que faz isso (SILVA, 2010, p. 223-224).

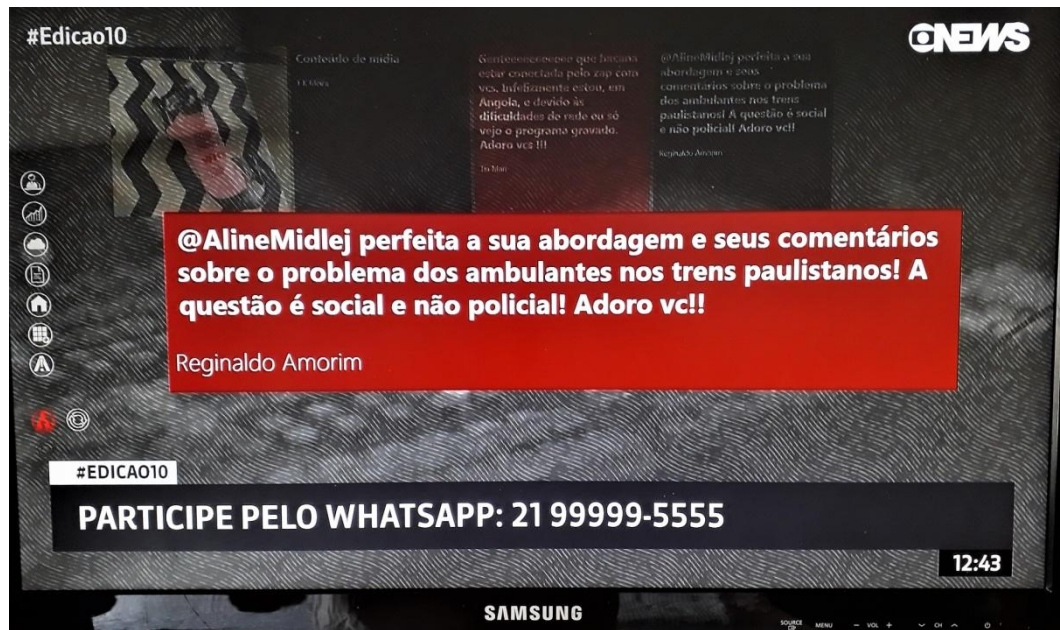
Desde os primeiros programas, a GloboNews estimula interação/representação de assinantes pela *web*, na página do programa no portal *GI* ou em páginas nas redes sociais; e, cada vez mais, se incentiva o envio de perguntas, comentários e opiniões via aplicativo WhatsApp (exemplos atuais de estímulo à interação a seguir).

Figura 31 – Estímulo à interação via WhatsApp (1)



Fonte: a autora.

Figura 32 – Estímulo à interação via WhatsApp (2)



Fonte: a autora.

Figura 33 – Estímulo à interação via WhatsApp (3)



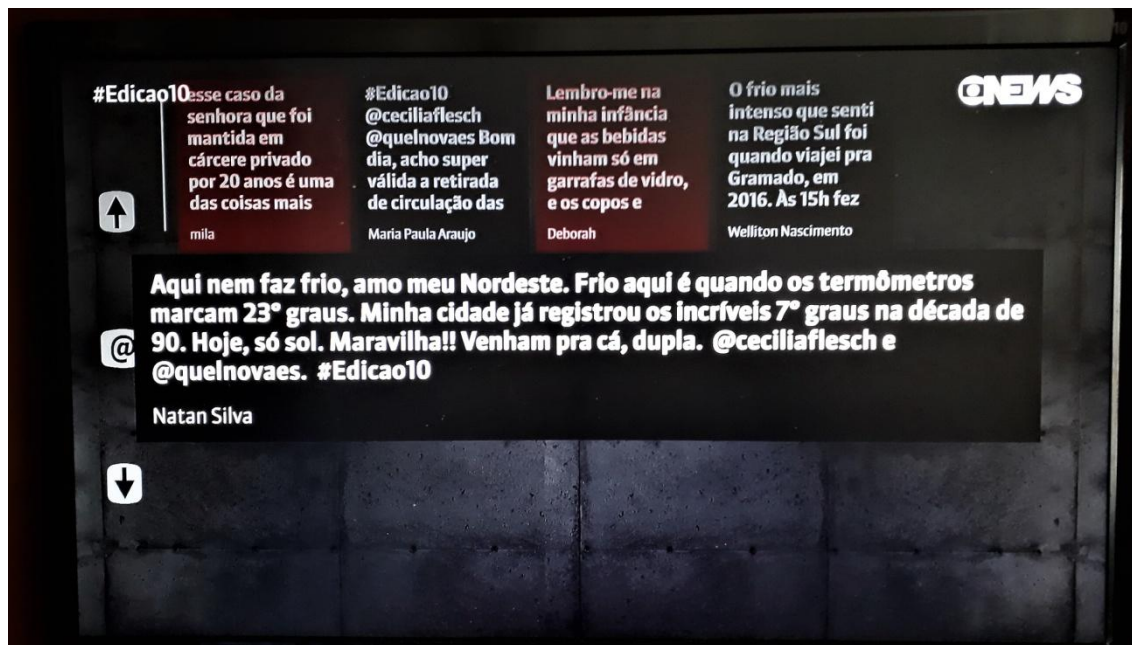
Fonte: autora.

Figura 34 – Estímulo à interação pelas redes sociais (1)



Fonte: a autora.

Figura 35 – Estímulo à interação pelas redes sociais (2)



Fonte: a autora.

Figura 36 – Estímulo à interação pelas redes sociais (3)



Fonte: a autora.

Percebe-se, portanto, que o estímulo à participação da audiência no canal GloboNews atualmente se dá através de dois modelos: modelo de representatividade, sendo o assinante convidado a interagir com os apresentadores e com os assuntos em discussão no momento; e modelo colaborativo (nosso objeto de interesse na presente pesquisa), segundo o qual o cidadão comum é estimulado a enviar fatos e acontecimentos testemunhados na forma de textos, vídeos ou fotos via aplicativo “Na Rua”.

Passamos agora a analisar as informações fotográficas enviadas pelo cidadão comum via o aplicativo mencionado.

4.2 O aplicativo “Na Rua”, da GloboNews”

Lançado em junho de 2016 com os bordões “Você traz os fatos. E nós publicamos a notícia” e “Baixe o aplicativo ‘Na Rua’ e mostre ao mundo o que só você viu”, o *app* para *smartphones* reúne uma série de ferramentas que facilitam o envio de informações pelo cidadão comum, que posteriormente podem ser transmitidas nos jornais da GloboNews e publicadas e divulgadas internamente no portal *GI*. O seu propósito, portanto, é permitir a qualquer pessoa que presencie um acontecimento registrá-lo e, nalguma medida, atuar como

repórter, fornecendo dados e imagens à redação da GloboNews (responsável pela seleção, edição e transmissão da informação/colaboração enviada pelo usuário).

Para utilizar o aplicativo, basta realizar *download* na App Store ou Google Play e posteriormente preencher um cadastro, sendo possível ter as informações enviadas diretamente pela conta do Facebook ou manualmente. Após o cadastro, algumas opções para envio da reportagem aparecem na tela do *smartphone*. Entre as possibilidades previstas pelo aplicativo, está o envio dos acontecimentos por vídeos de até dois minutos, áudios com limite de cinco minutos, fotografias (número de fotos ilimitado) e texto.

Com o aplicativo ‘Na Rua GloboNews’ é possível enviar conteúdo em vídeo, áudio, foto e textos, que podem ser exibidos nos telejornais do canal. Após baixar o aplicativo, disponível para iOS e Android, é importante que o usuário ative a geolocalização do celular e as notificações por push, para que os jornalistas da GloboNews possam entrar em contato, com o objetivo de apurar melhor as sugestões e também para que os usuários sejam notificados, pelo celular, caso as notícias sugeridas sejam selecionadas ou aprovadas. A notícia acontece quando menos se espera e onde menos se espera. Seja um evento totalmente novo ou a atualização de algo que já esteja em curso, ela precisa ser registrada para então ser contada e fazer com que as informações cheguem a todos. E para possibilitar que as pessoas compartilhem seus olhares com milhares de outros brasileiros, a GloboNews lançou, em junho, o aplicativo ‘Na Rua GloboNews’. Exemplos como um salvamento, uma enchente ou uma manifestação, entre outros, trazem a ideia de que, na rua, tudo pode acontecer e que com o aplicativo, se uma pessoa viu, todas as pessoas podem ver.²²

Embora, no texto acima, a própria GloboNews mencione o lançamento do aplicativo ter ocorrido em julho de 2016, a primeira colaboração exibida no canal televisivo (um vídeo) data de 24 de fevereiro de 2016. Nesse vídeo, inclusive, não há menção de que a colaboração tenha se dado através do aplicativo “Na Rua”. Esta é a explicação para o fato: apesar de lançado oficialmente pelo canal em meados de 2016, o projeto esteve em experimentação por seis meses:

[...] teve uns seis meses de projeto piloto, que a gente trabalhou com comunidades, com líderes comunitários do Rio, São Paulo... Líderes comunitários e estudantes. Rio, São Paulo... No Recife... E a gente teve, se você olhar nas primeiras colaborações... Basicamente são estes líderes comunitários, que eram pessoas que já lidavam com mídia, com internet, com conteúdo de informação.²³

“Na Rua” teve apenas uma remodelagem no seu *layout* desde sua criação. Na primeira versão, na tela de abertura, o *app* apresentava duas modalidades de acesso que possibilitavam

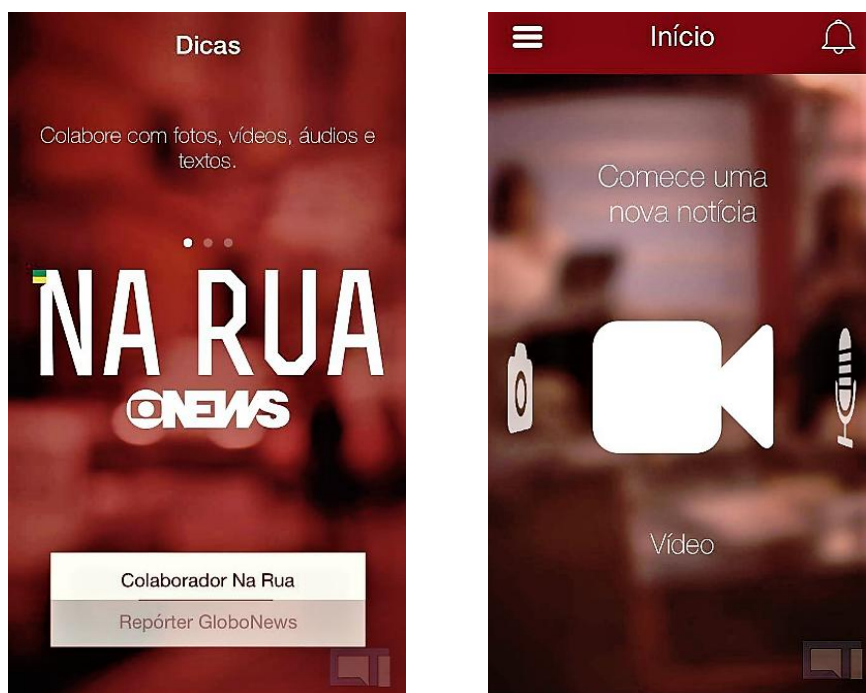
²² GLOBO. Envie vídeos, fotos e textos pelo aplicativo ‘Na Rua GloboNews’. *GI*, 21 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-news/noticia/envie-videos-fotos-e-textos-atraves-do-aplicativo-na-rua-globonews.ghtml>. Acesso em: 7 mar. 2019.

²³ Transcrição de entrevista realizada com Anna Karina Bernardoni (Editora Supervisora Executiva de programas da GloboNews) e Juan Manuel Guadelis Crisafulli (Globo Universidades), em 26/12/2018, às 15:50 h, por telefone – 21m06s de duração. A íntegra se lê no Apêndice desta dissertação.

classificar o usuário: a primeira, entrar no *app* e começar a usá-lo, para o colaborador; e a outra permitia entrada dos repórteres da própria GloboNews. Após ser indicado se os dados/informação estavam sendo enviados por um colaborador ou um repórter, a segunda tela apresentava ícones de possibilidades de envio de informação (fotos, vídeos, áudios ou texto). Para selecioná-los, era necessário rolar a tela com o dedo para a direita ou esquerda. O envio de texto complementar é obrigatório desde a primeira versão.

Ao clicar no ícone no canto superior à esquerda, era possível acessar o perfil do colaborador ou jornalista, as colaborações enviadas e um canal de comunicação que possibilitava o diálogo (*chat*) entre equipe de editores da GloboNews e o usuário do “Na Rua”. O *chat* existe para que curadores do canal televisivo se comuniquem com o colaborador, caso as informações sejam relevantes e selecionadas à apropriação. No canto superior à direita, está o ícone de notificações recebidas (sino). As capturas de tela a seguir são da segunda versão do aplicativo.

Figura 37 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”



Fonte: a autora.

Sobre a possibilidade de comunicação direta com o colaborador, Bernardoni comenta:

Então, você tem que dar quase sua alma para se inscrever... E aí... Eu, jornalista da GloboNews, tenho acesso a quase tudo, porque eu sei, eu consigo falar com você, quase imediatamente, que você me mandou a notícia. Eu consigo falar por *e-mail*, eu

abro um *chat* com você;²⁴ você me responde, você recebe o *post*; então, eu tenho aí, diferentemente do WhatsApp, uma segurança muito maior. Foi por isso que a gente implantou o aplicativo.²⁵

Nota-se por esse experimento que o aplicativo permite mais controle sobre a origem da colaboração e os dados dos colaboradores. Já em segunda versão, disponibilizada em 2019, na tela inicial do aplicativo não há distinção/classificação entre colaborador cidadão e jornalista da GloboNews. A segunda tela, onde ficam os ícones de possibilidades de envio de informação, apresenta quatro símbolos (vídeo, foto, áudio e texto, nesta ordem) sem a necessidade de rolar de um lado a outro com o dedo a fim de selecionar o que se deseja. O aplicativo valeu-se da lógica da hierarquia visual ao desenvolver seu *layout*, pois podemos perceber que os ícones foram dispostos na tela por ordem de importância de cima para baixo e da esquerda para direita.

[...] partindo do princípio que estamos em televisão, o que interessa para a televisão? A imagem. Então, a gente bate muito, apesar de a chamada dizer mande sua informação, sua foto, sua imagem, a gente bate no mande sua imagem... Mande sua *selfie*, seu testemunho... Por quê? Porque na televisão isso tem um peso gigantesco... Porque colocar uma foto de uma enchente ou colocar o vídeo da enchente que o cara fez da janela da casa dele? A força da informação é muito maior, para nós da GloboNews ou de qualquer emissora de TV, é maior a imagem do que a foto. Tá? Daí, como tua proposta é a foto, quando você entra no aplicativo, você vê que ele é totalmente intuitivo: ele vai te induzir a fazer um vídeo ou a subir o teu vídeo. Depois, vem a foto, a informação e tal. O texto obrigatoriamente você vai ter que colocar em qualquer mídia, porque você tem quase que passar o “*lead*” da sua informação ali na hora de preencher o cadastro para mandar, né?²⁶

Percebe-se que, para Bernardoni, os critérios editoriais do canal conferem à imagem em movimento (vídeo) mais importância e peso quando da seleção de colaborações de usuários do aplicativo “Na Rua” que irão ao ar em jornais da GloboNews.

Então, a chance de essa informação entrar, ao invés de a gente usar a foto, e entrar o vídeo, é maior... Quando é que a gente usa muito a foto? Quando é uma coisa absolutamente extraordinária ou quando a gente tá com uma equipe na rua cobrindo aquele fato, e aí tem um olhar de alguém de um lugar que a gente... [Corta bruscamente]. Caiu o viaduto em São Paulo, então, eu tenho uma foto do carro embaixo, e meu repórter está a não sei quantos metros, e descobri que ele não pode “entrar”. Certamente entrará como colaboração do “Na Rua” a foto.²⁷

Outra mudança notada no atual *layout* do aplicativo é não haver mais o ícone no canto esquerdo superior que levava ao perfil do usuário, demonstrativo de colaborações enviadas e *chat* exclusivo do canal; atualmente, referidas possibilidades estão visíveis em ícones na tela

²⁴ Aqui ela menciona o *chat* (a comunicação é feita através do *chat* pelo aplicativo).

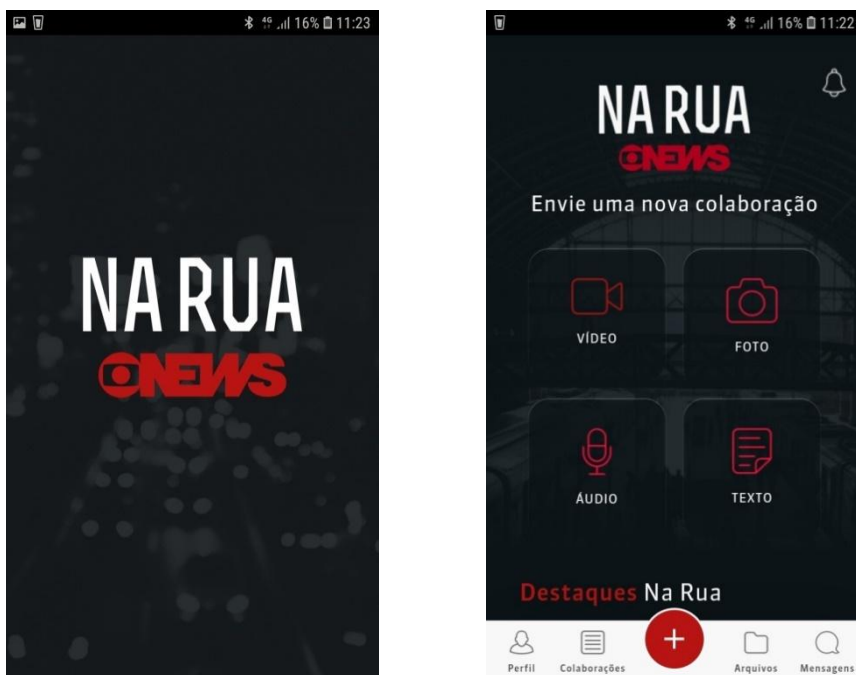
²⁵ Transcrição de entrevista realizada com Anna Karina Bernardoni e Manuel Guadelis Crisafulli.

²⁶ Transcrição de entrevista realizada com Anna Karina Bernardoni e Manuel Guadelis Crisafulli.

²⁷ Transcrição de entrevista realizada com Anna Karina Bernardoni e Manuel Guadelis Crisafulli.

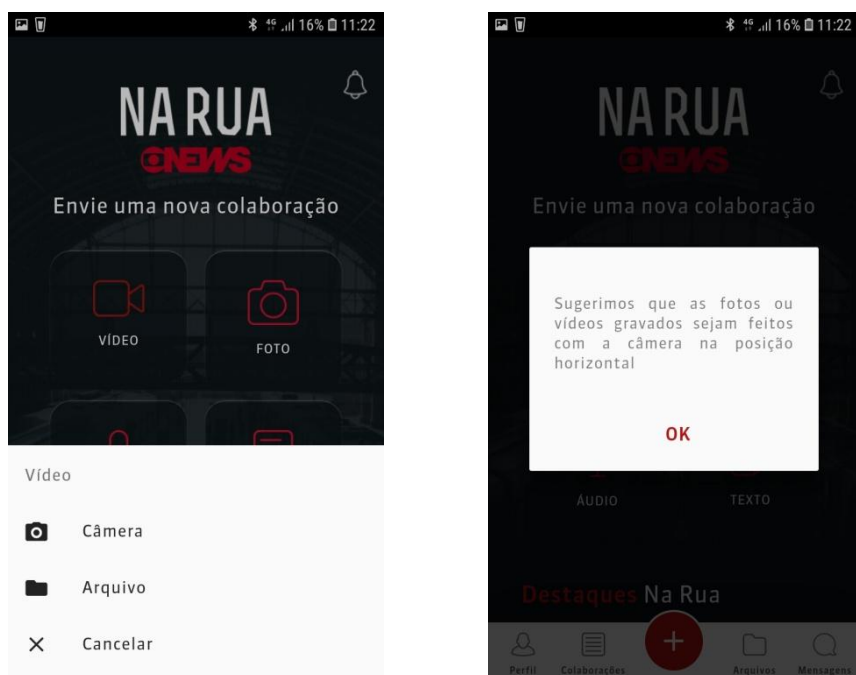
de opções de envio da informação/colaboração. E o ícone de notificação recebida (sino) permanece no canto direito superior.

Figura 38 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”

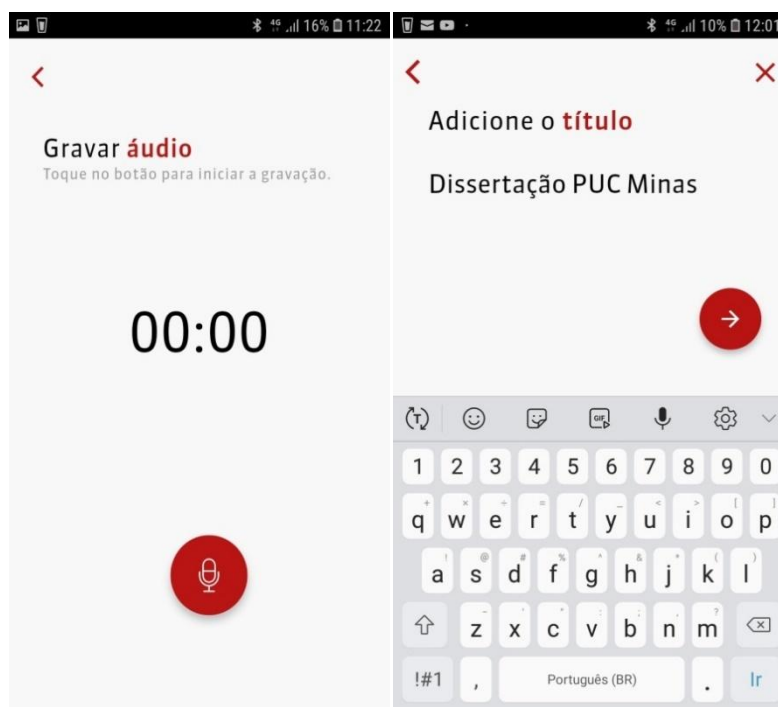


Fonte: a autora.

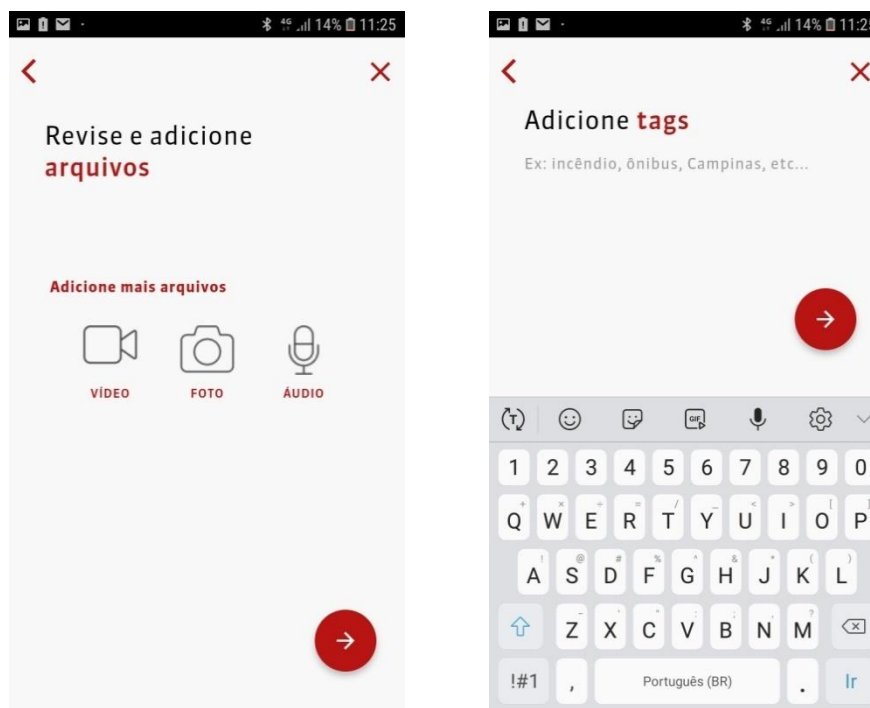
Figura 39 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”



Fonte: a autora.

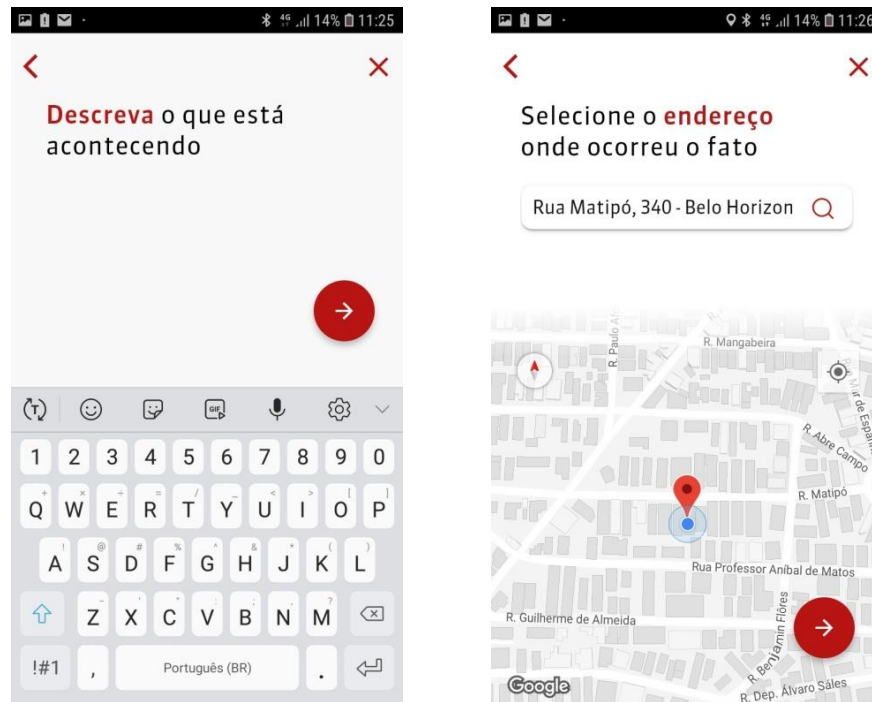
Figura 40 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”

Fonte: a autora.

Figura 41 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”

Fonte: a autora.

Figura 42 – Captura de telas iniciais do aplicativo “Na Rua”



Fonte: a autora.

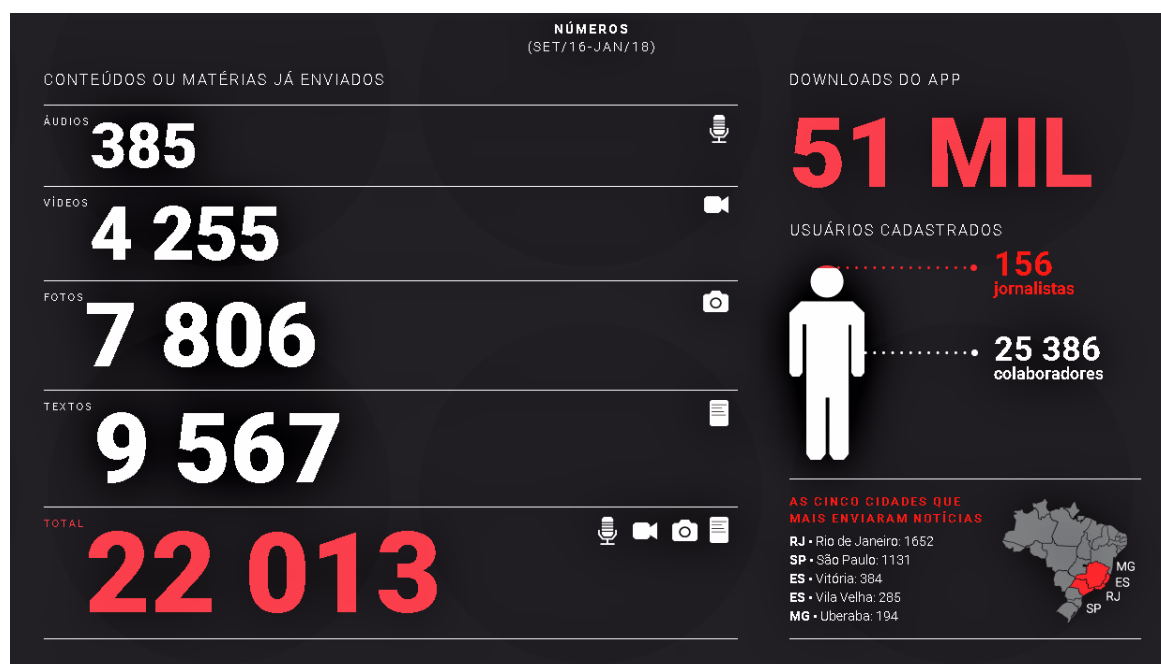
Figura 43 – Captura de tela inicial do aplicativo “Na Rua”



Fonte: a autora.

Segundo dados oficiais (FIGURA 44, a seguir), o aplicativo – criado, então, em 2015, testado por 6 meses por líderes comunitários, e lançado no segundo semestre de 2016 –, até dezembro de 2018, já tinha sido baixado por mais de 51 mil *smartphones*, seja para iPhone, seja para aparelhos com sistema Android. Foram enviados, de setembro de 2016 a janeiro de 2018, 385 áudios, 4.255 vídeos, 7.806 fotos, e 9.567 textos – quase 26 mil colaboradores/cidadãos e 156 jornalistas participantes. Até então, as principais cidades que se engajaram foram: Rio de Janeiro, com 1.652 colaborações; São Paulo, com 1.131; Vitória, com 384; Vila Velha, com 285; e Uberaba, com 194.

Figura 44 – Conteúdos ou materiais enviados e quantidade de usuários do aplicativo “Na Rua” (set./2016 a jan./2018)



Fonte: G1.²⁸

O perfil etário de colaboradores que utilizam o aplicativo não é jovem. Bernardoni comenta, em entrevista realizada para esta dissertação (*vide* APÊNDICE 1 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA), a surpresa da GloboNews ao fazer levantamento e descobrir que grande parte dos colaboradores estaria na faixa dos 50 anos ou mais:

Tanto que os colaboradores, ao contrário daquilo que a gente pensou no começo, eles não são pessoas de 15 a 22 anos, tem aí uma parcela pequena de pessoas que têm esta idade, que aqui eu tenho tipo 10% [...]. Então, e aí, nosso público mais

²⁸ GLOBO. Na Rua GloboNews: empreste seu olhar. *G1*, s.d. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/globo-news/app-na-rua/#sobre>. Acesso em: 7 mar. 2019.

velho, que é o cara que assiste à GloboNews, que é 50 pra cima, é quase a metade – 40%.

Figura 45 – Perfil de usuários do aplicativo “Na Rua” (set./2016 a jan./2018)



Fonte: G1.²⁹

Atemo-nos, nesta pesquisa, às imagens fotográficas enviadas pelo aplicativo “Na Rua”, da GloboNews, pelo cidadão comum, selecionadas pelos editores/curadores, e publicadas no canal de TV GloboNews, em seus telejornais, a fim de desenvolvermos a ideia sobre três tipos/níveis de participação colaborativa possíveis.

O primeiro tipo é a *participação espontânea/engajada*, como a percebida na participação do cidadão comum na cobertura fotojornalística do ataque às torres gêmeas em 11/09/2001; em Mianmar, em 2008; e nas cidades de Arbeen e Douma, na Síria, acerca do ataque com gás Sarin, em 2013, eventos comentados no capítulo 3 desta dissertação

O segundo tipo, *participação induzida*, pode ser percebido em veículos tradicionais de comunicação que disponibilizam e mantêm canais colaborativos de postagem de fotografias noticiosas remunerada, por exemplo: *Estado de S. Paulo*; e o portal de informação *G1*, das organizações Globo.

Por último, o terceiro tipo, a *participação estimulada/convocada*, é realizado pelos veículos midiáticos em face de acontecimentos de grande apelo social, tais como: fenômenos naturais de grande porte, atentados terroristas, acidentes, greves, manifestações etc.

4.3 Descrição e análise do *corpus*

Desde seu lançamento, o aplicativo “Na Rua” se apropriou e publicou mais de 233 colaborações enviadas por usuários. Dentre elas, 12 matérias são compostas de vídeo e fotos;

²⁹ GLOBO. Na Rua GloboNews: empreste seu olhar. *G1*, s.d. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/globo-news/app-na-rua/#sobre>. Acesso em: 7 mar. 2019.

25 matérias possuem apenas apropriações de fotografias; e somente uma matéria utilizou um áudio enviado pelo aplicativo.

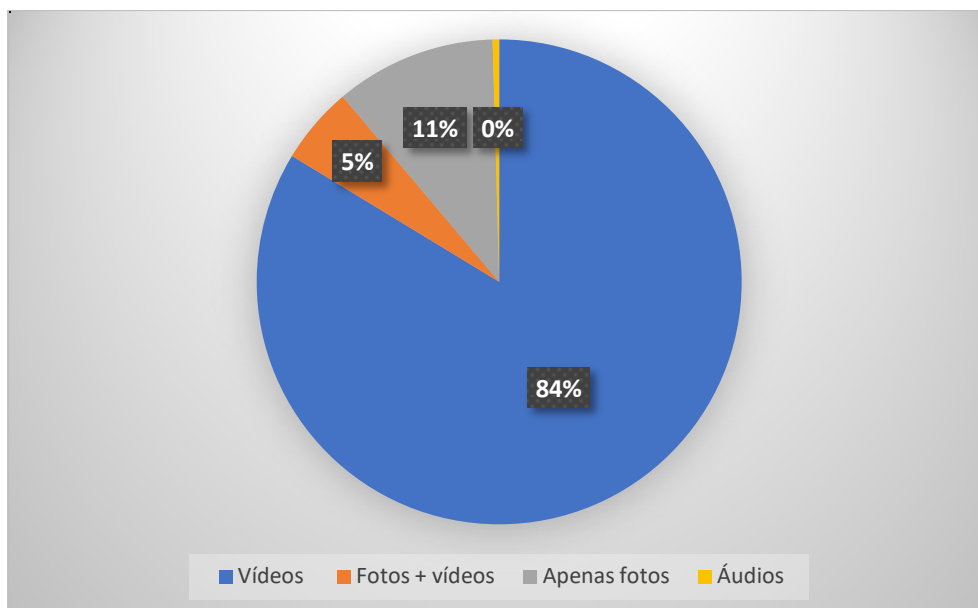
Percebemos, no levantamento das informações e dados do nosso *corpus* de pesquisa, que a apropriação predominante feita pela GloboNews de colaborações enviadas pelos usuários/telespectadores do aplicativo “Na Rua” é a daquelas que possuem formato audiovisual (vídeo). Essa observação corrobora a fala de Bernardoni (APÊNDICE 1 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA).

[...] colocar uma foto [...] de uma enchente ou colocar o vídeo da enchente que o cara fez da janela da casa dele, a força da informação é muito maior para nós da GloboNews ou para qualquer emissora de TV. É maior a força da imagem em movimento do que a da foto.

A seleção das colaborações que serão apropriadas e transformadas em matérias jornalísticas obedece aos critérios editoriais da GloboNews. Bernardoni, curadora do conteúdo do aplicativo “Na Rua”, nos disse em entrevista que apenas seleciona no material enviado as possíveis contribuições que podem ser apropriadas e transformadas em informação e exibidas.

Eu sou uma das curadoras daqui do conteúdo do aplicativo, só do aplicativo. Não sou eu a pessoa que permite, quem dá ok, para entrar no espelho, para ir no ar. Eu faço a curadoria e passo para os editores chefes.

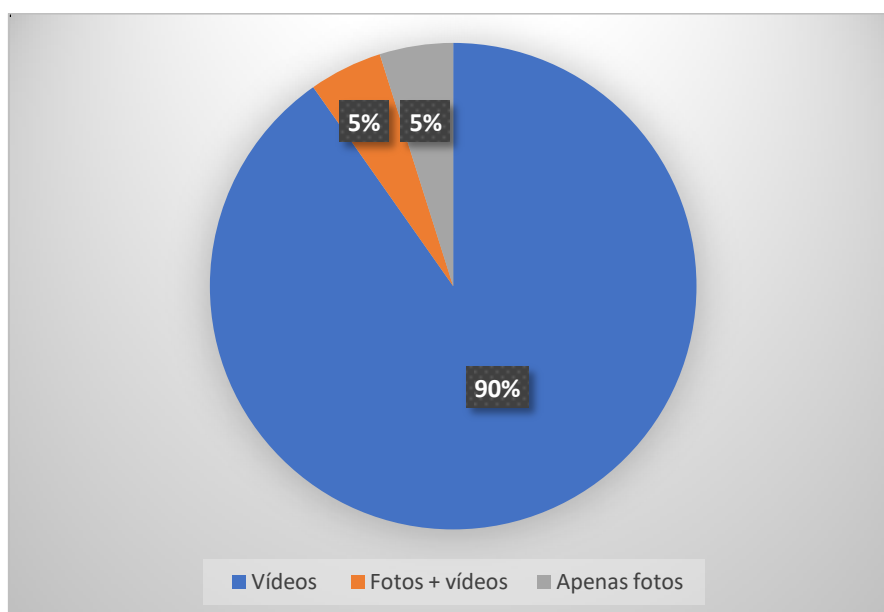
Segundo Bernardoni, não é possível dimensionar numericamente as colaborações fotográficas de cunho informativo recebidas pelo aplicativo, pois muitas das fotografias enviadas não possuem, segundo ela, valor jornalístico/notícia. Isso posto, reafirmamos que nosso *corpus* de pesquisa possui apenas colaborações fotográficas consideradas pela emissora como de valor jornalístico/notícia e apropriadas por ela. Vimos no capítulo anterior que segundo Bruck (2004) e Ruge (*apud* TRAQUINA, 1999), valor-notícia é um critério subjetivo dentro do Jornalismo, que baliza o grau de importância de um acontecimento dentro das redações, conferindo a ele maior ou menor importância para ser incluído na pauta de um determinado jornal, seja impresso, televisivo ou *on-line*.

Figura 46 – Gráfico de apropriações (2016 a 2019)

Obs.: ‘áudios’ apresentou uma ocorrência.

Fonte: a autora.

Notamos, no período, mudança na lógica de apropriação do canal. Em 2016, foram 41 colaborações apropriadas, sendo que apenas quatro matérias continham fotografias enviadas pelos usuários do aplicativo. Duas matérias foram compostas por vídeos mais fotos, e apenas duas matérias continham somente fotos.

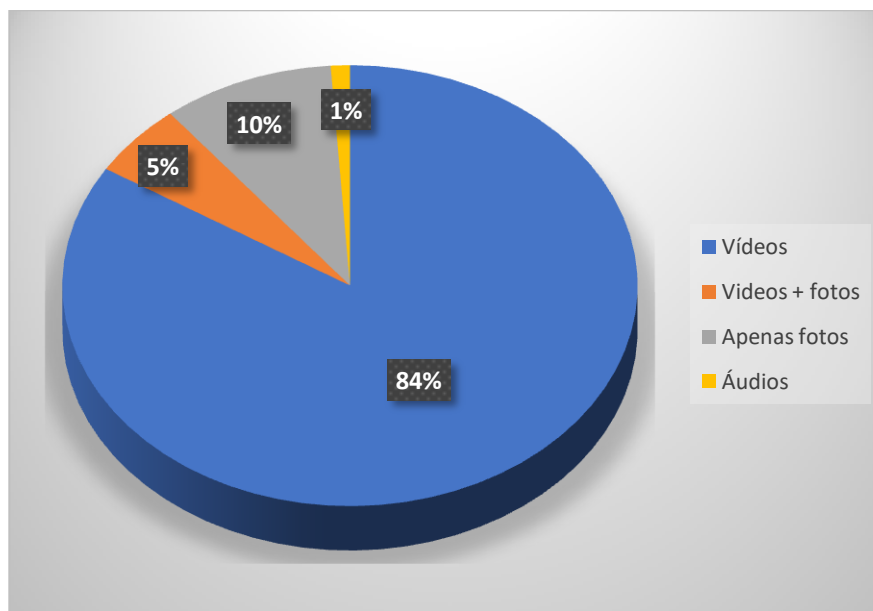
Figura 47 – Gráfico de apropriações (2016)

Obs.: ‘áudios’ não apresentou ocorrência.

Fonte: a autora.

Em 2017, houve aumento: 93 colaborações apropriadas; um áudio; cinco matérias que utilizaram vídeo e fotos; e nove matérias que utilizaram apenas fotografias dos usuários.

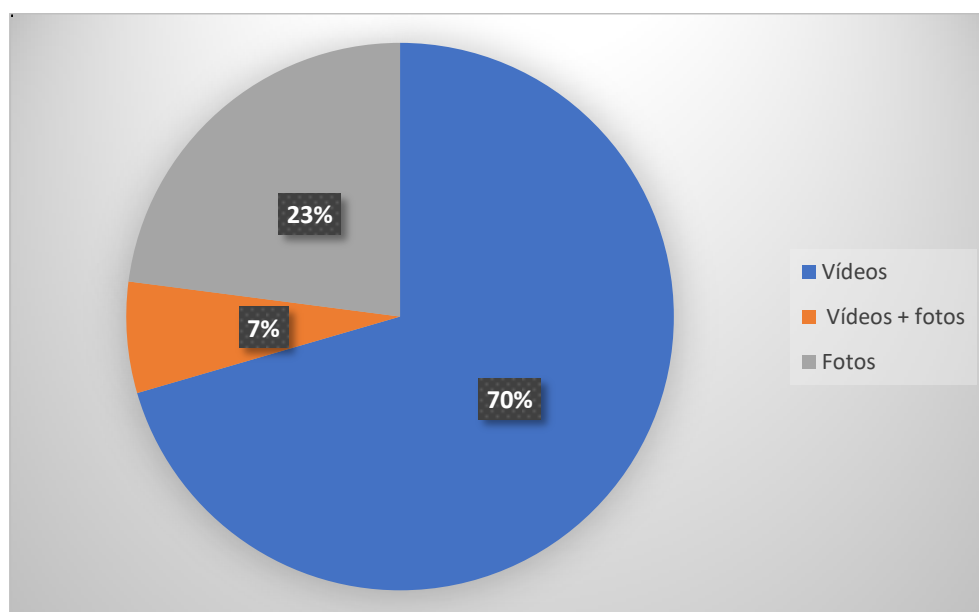
Figura 48 – Gráfico de apropriações (2017)



Fonte: a autora.

E, em 2018, tivemos 61 colaborações apropriadas; quatro matérias que utilizaram vídeo e fotos; e 14 matérias que utilizaram apenas fotografias dos usuários.

Figura 49 – Gráfico de apropriações (2018)



Obs.: 'áudios' não apresentou ocorrência.

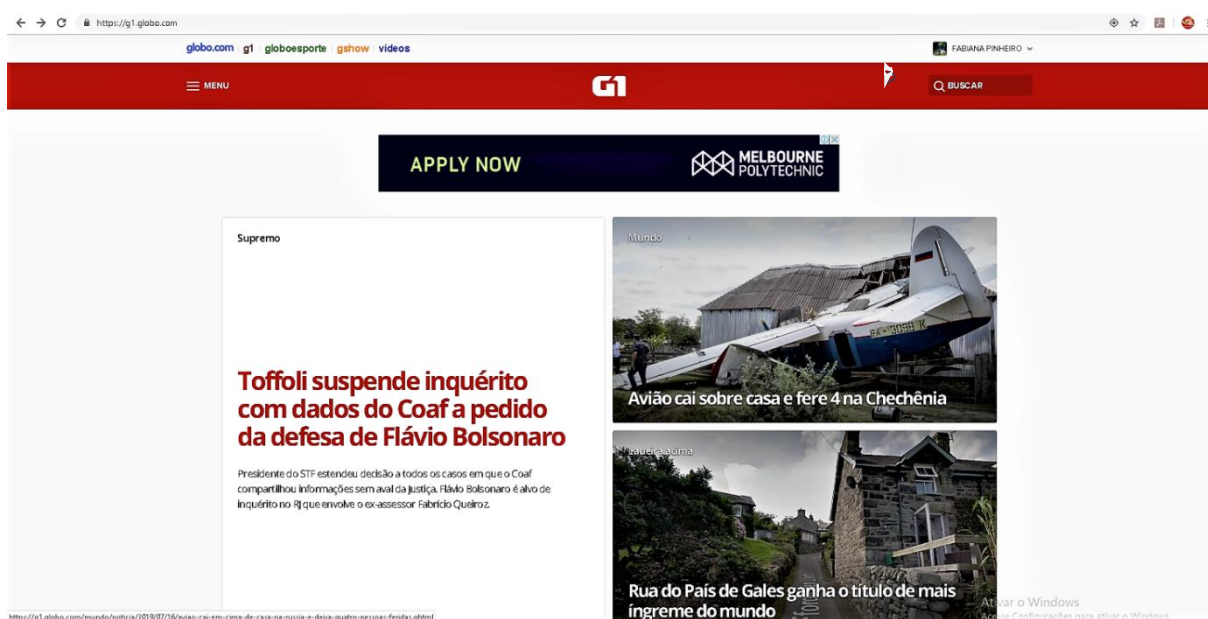
Fonte: a autora.

Em 2019, até o dia 16 do mês de julho, havia apenas duas colaborações apropriadas e exibidas nos jornais da emissora de TV a cabo. Ambas as colaborações contêm apenas vídeos, e foram realizadas no mês de fevereiro deste ano.

Uma vez exibidas no canal, as matérias que se valeram de conteúdos/informações enviados pelos colaboradores/telespectadores ficam em uma página que a GloboNews considera um *blog* – “uma página dentro da página”, conforme a atendente do ‘Fale Conosco’ do canal em questão. A atendente da Central de Atendimento ao Telespectador (CAT), ao nos explicar por qual motivo o acesso ao conteúdo colaborativo apropriado e exibido pelo canal não tinha um caminho fácil para ser acessado, ou seja, um ícone no menu do portal, disse que: “É como se fosse um *blog* do canal, uma vez que já aconteceu, do que já foi exibido no GloboNews”.

Ao acessar o portal *GI*, é necessário ir ao canto superior direito, campo “Buscar” e digitar “Aplicativo Na Rua GloboNews”. Somente dessa forma, através do portal, é possível acessar o local onde estão hospedados os trechos das matérias onde se pode ver os vídeos, fotografias e informações que foram apropriados pelo canal, transformados em notícia e exibidos durante a programação. Não é necessário entrar na página destinada ao canal GloboNews para fazer a busca do *blog*.

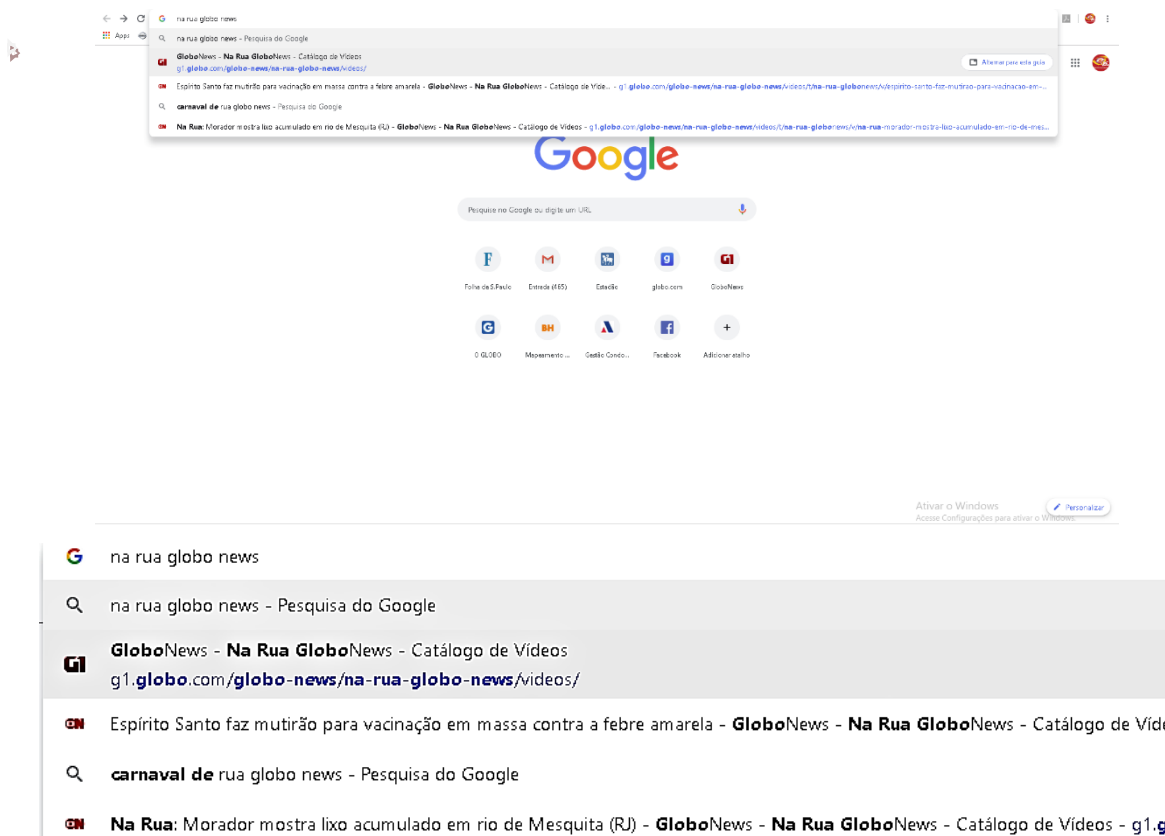
Figura 50 – Captura de tela indicando o campo “Buscar” do portal *GI*



Fonte: a autora.

A outra forma de acesso ao espaço onde ficam hospedadas as colaborações enviadas pelo “Na Rua” e apropriadas pelo canal se dá em pesquisa feita em navegador da *web*. Ao digitar “Aplicativo Na Rua GloboNews”, o *link* de acesso é sugerido na barra de comando do navegador.

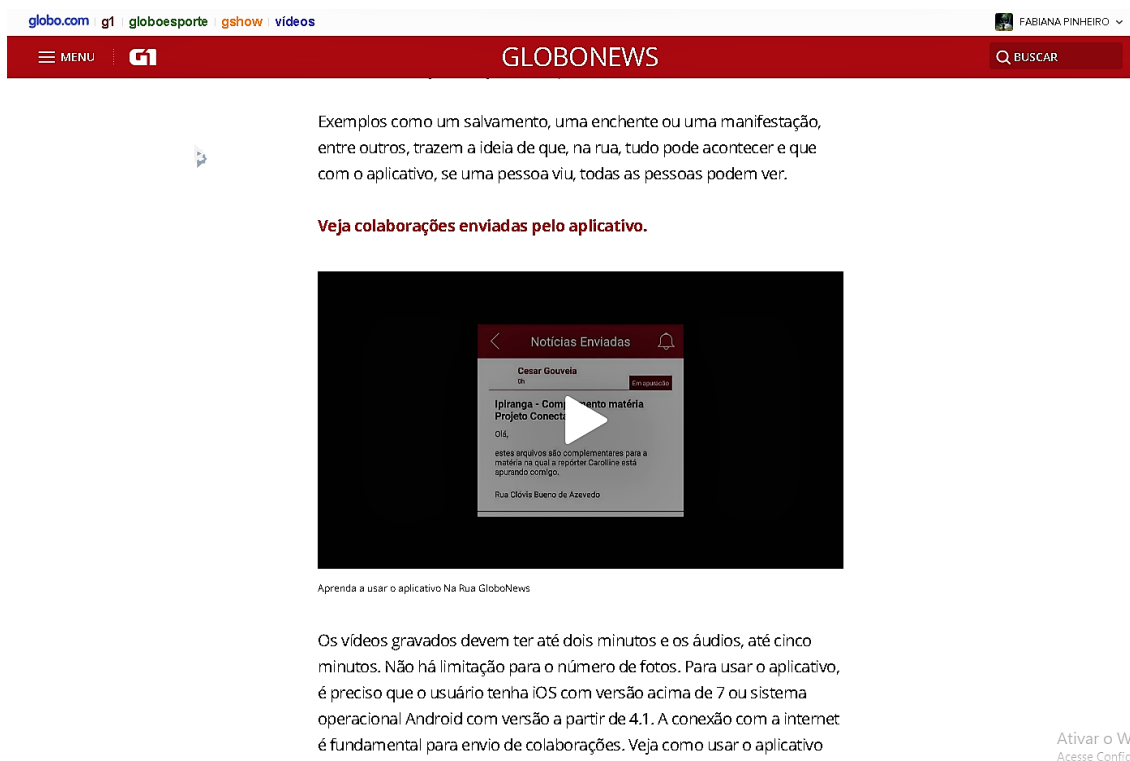
Figura 51 – Captura de tela indicando busca feita em navegador da *web*



Fonte: a autora.

As duas formas descritas dão acesso ao local onde ficam hospedadas as colaborações utilizadas pela TV; entretanto, a página principal do local difere de uma forma de acesso para a outra. Na primeira forma exposta, ao digitarmos “Aplicativo na Rua GloboNews” no espaço de busca do portal *GI*, o *site* nos leva a uma página onde há uma apresentação sobre o funcionamento do aplicativo e uma chamada/convite ao leitor: “Envie vídeos, fotos e textos pelo aplicativo ‘Na Rua GloboNews’. Agora você também pode contribuir com as notícias do canal que nunca desliga. Viu algo interessante e quer divulgar? É só mandar pelo app”. Nessa página, há um convite para assistirmos às colaborações enviadas pelo aplicativo, quando então somos direcionados a todas as colaborações apropriadas e exibidas pela GloboNews.

Figura 52 – Captura de tela indicando *link* para o “cardápio de vídeos” das colaborações exibidas pelo canal



Exemplos como um salvamento, uma enchente ou uma manifestação, entre outros, trazem a ideia de que, na rua, tudo pode acontecer e que com o aplicativo, se uma pessoa viu, todas as pessoas podem ver.

Veja colaborações enviadas pelo aplicativo.

Aprenda a usar o aplicativo Na Rua GloboNews

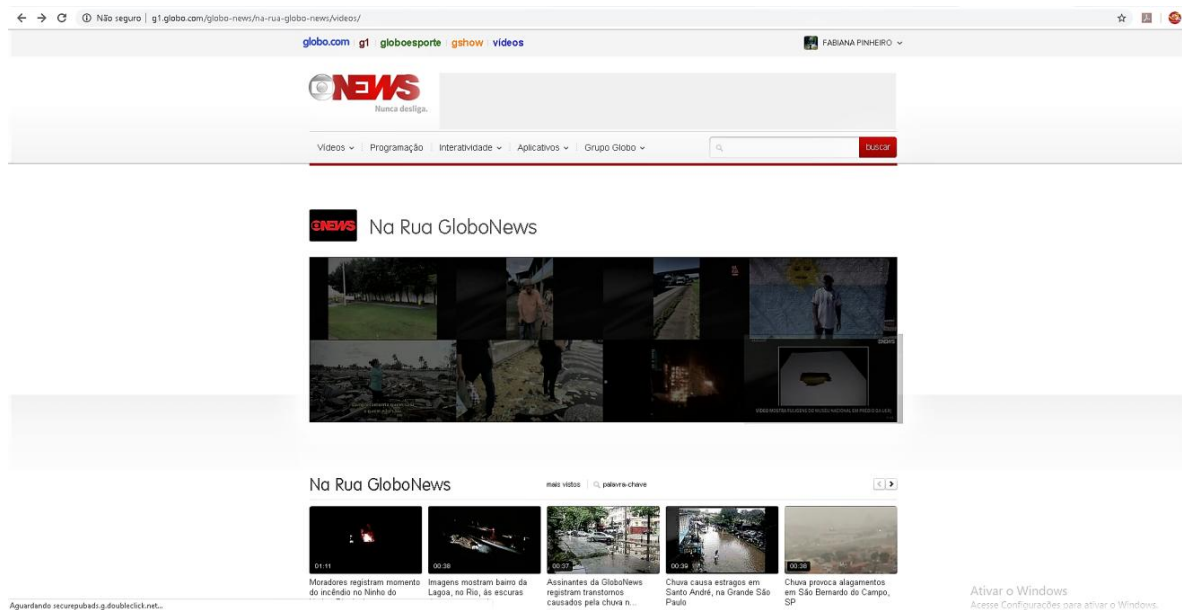
Os vídeos gravados devem ter até dois minutos e os áudios, até cinco minutos. Não há limitação para o número de fotos. Para usar o aplicativo, é preciso que o usuário tenha iOS com versão acima de 7 ou sistema operacional Android com versão a partir de 4.1. A conexão com a internet é fundamental para envio de colaborações. Veja como usar o aplicativo

Ativar o Wir
Acesse Configurar

Fonte: a autora.

Na segunda forma de acesso ao local de hospedagem das colaborações apropriadas e exibidas pelo canal, a busca em navegador da *web*, somos direcionados diretamente ao local onde estão todos os vídeos, sem nenhuma apresentação nem explicação sobre o funcionamento e a utilidade do aplicativo.

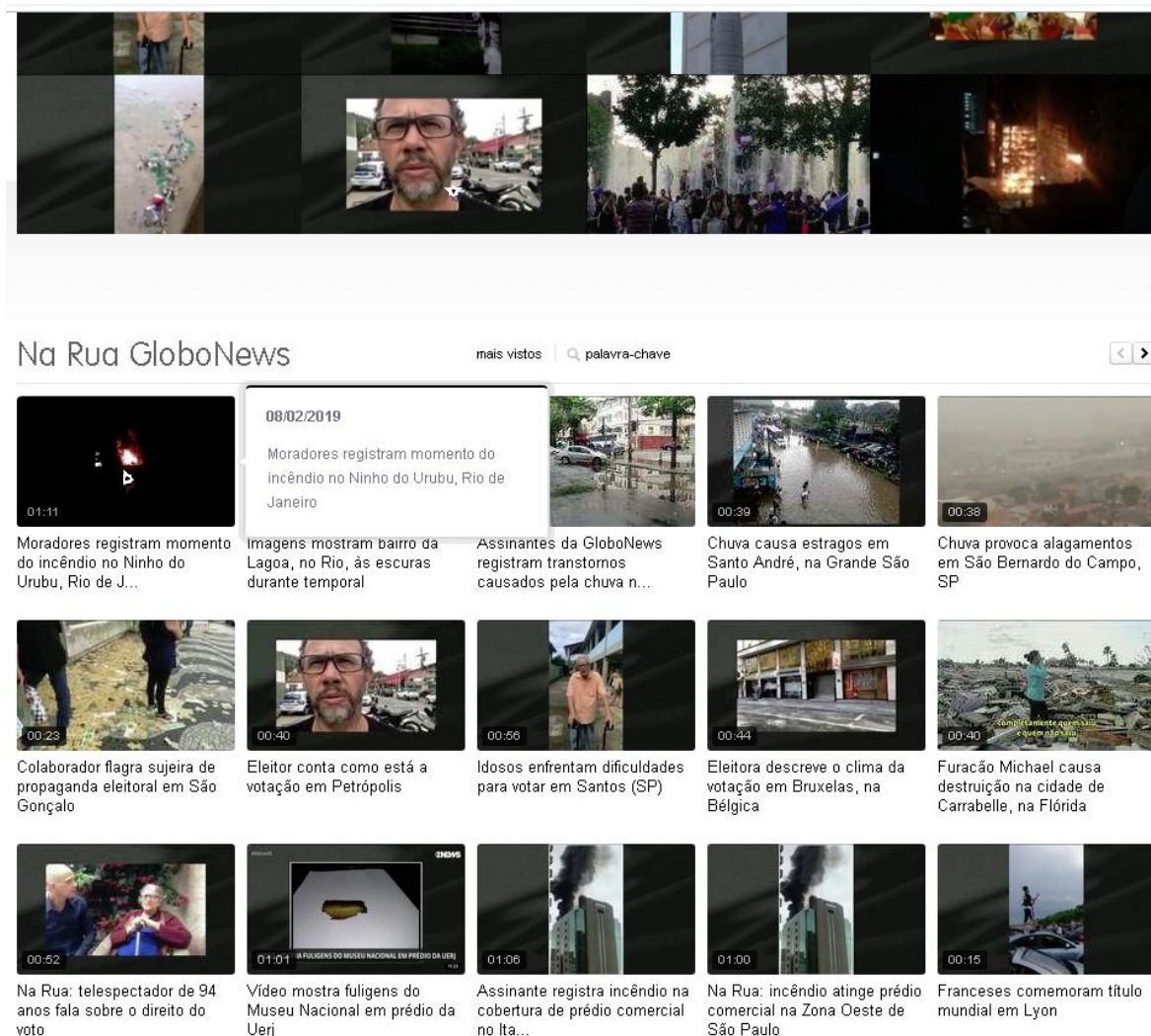
Figura 53 – Captura de tela indicando “cardápio de vídeos” das colaborações exibidas pelo canal



Fonte: a autora.

Na página onde ficam hospedadas as colaborações apropriadas e exibidas dentro dos jornais do canal, os vídeos ficam expostos de forma decrescente, isto é, o primeiro vídeo, no topo e à esquerda da tela, é o mais recente, e os outros anteriores possuem datas de exibição anteriores. É possível escolher o vídeo a que se quer assistir no “catálogo” geral, na opção “mais vistos” ou escolher o vídeo que se deseja mediante busca de palavra-chave. Ao posicionarmos o cursor no texto, logo abaixo à imagem do vídeo onde está inserida a colaboração do telespectador apropriada pela GloboNews, temos acesso ao título da reportagem; e, posicionando o cursor em cima da imagem, podemos ler a data de exibição da matéria e o seu “lead”.

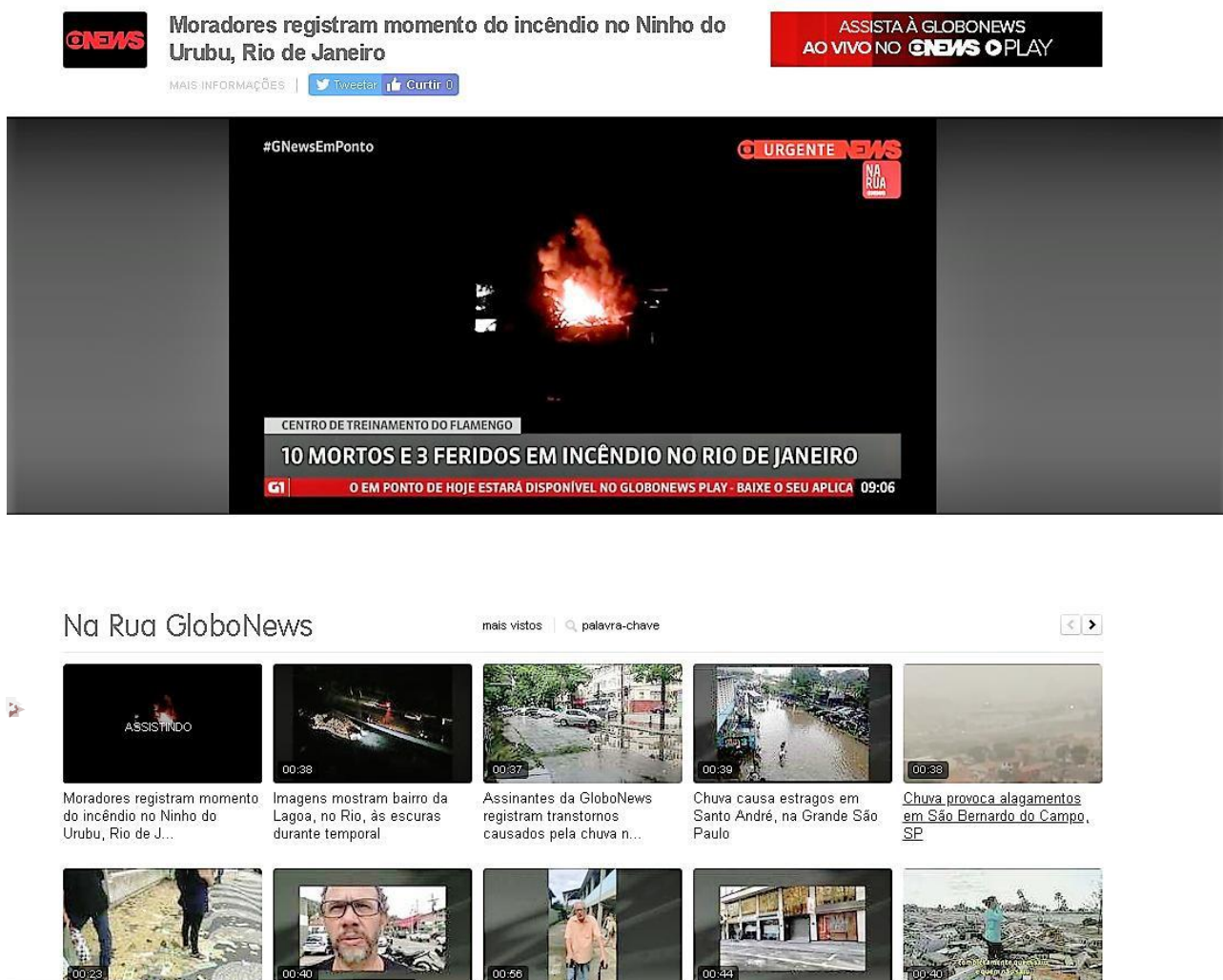
Figura 54 – Captura de tela indicando opção por assistir aos vídeos contendo as colaborações mais vistas e acesso ao “lead” das matérias



Fonte: a autora.

Se clicarmos duas vezes sobre imagem ou título da matéria, somos remetidos à tela de exibição da reportagem escolhida, que se inicia logo após a exibição de um anúncio publicitário, geralmente com duração de 30 segundos. Por cima da imagem do vídeo escolhido, fica escrito “Assistindo”.

Figura 55 – Captura de tela indicando exibição de vídeo de colaboração apropriada pela GloboNews



Fonte: a autora.

Ao observarmos os 233 vídeos contendo as colaborações enviadas pelos usuários do aplicativo, notamos que os temas escolhidos, apropriados pelo canal e transformados em notícias, são de cotidiano, gerais e internacionais, tais como: acidentes, alagamentos, fenômenos naturais nacionais e internacionais, denúncias sobre assuntos relacionados à saúde, ao transporte público ou segurança, manifestações políticas, terrorismo internacional, protestos, Copa do Mundo, festas populares (como Carnaval e Semana Santa, comemorações de fim de ano pelo Brasil e pelo mundo), tiroteios e rebeliões, entre outros assuntos.

Para alguns temas, houve mais participação e apropriação, da parte do canal de TV, das informações enviadas pelo cidadão comum, a saber: a crise da segurança no Estado do Espírito Santo em fevereiro de 2017; carnavais de 2017 e 2018; Copa do Mundo em 2018;

eleições para Presidente em 2018. Em muitos momentos, quando essas colaborações estavam sendo exibidas pelo canal, em pleno curso dos acontecimentos citados, notou-se que os apresentadores dos jornais da GloboNews falavam do aplicativo e que havia duas formas de apelo à participação do telespectador do canal: engajamento/ajuda e estimulada/convocada, enfim, demandas para os que estivessem nesses eventos baixassem o aplicativo, fizessem seus testemunhos, registros, e os enviassem à emissora. Falaremos desses níveis de participação mais à frente.

Definimos como *corpus* de pesquisa 12 matérias compostas de vídeos mais fotografia e 25 matérias que utilizaram apenas as fotografias enviadas pelos colaboradores como fonte de informação.

Quadro 1 – Matérias que se apropriaram de vídeos e fotos

(continua)

Data / jornal / colaborador	Legenda / título / chamada	“Lead”
09/04/2016; Boletim de notícias, feriado ou final de semana. Termo usado: colaborador Jeferson Barbosa.	Alunos ocupam 18 escolas estaduais em várias cidades do RJ. Tipo de foto: registro; sete fotos apropriadas.	As ações começaram há cerca de 20 dias em apoio aos professores, em greve, há mais de um mês.
17/10/2016; Edição 8 h (atualmente não existe essa edição). Termo usado: colaborador Mário Martins. Obs.: apresentadora faz propaganda do <i>app</i> .	Imagens enviadas através do aplicativo mostram estragos em Santa Catarina. Tipo de foto: flagrante/instante; sete fotos apropriadas.	A GloboNews recebeu, pelo aplicativo “Na Rua GloboNews”, vídeos e fotos enviadas por Mário Martins. As imagens mostram o momento em que uma grande onda atinge os carros e pessoas que estavam na Praia da Barra do Torneiro, Balneário Rincão.
01/01/2017; Boletim 3 h, madrugada. Termo usado: colaboradores e telespectador Léo Caldas e Fábio Henrique de Carvalho.	Colaboradores enviam vídeos pelo aplicativo Na Rua GloboNews e mostram fogos no réveillon. Tem duas fotos ao final do vídeo. Tipo de foto: registro; duas fotos apropriadas.	Telespectadores enviaram, pelo aplicativo Na Rua GloboNews, vídeos da queima de fogos durante a virada do ano pelo Brasil. Confira em vídeo imagens da festa em Florianópolis; em São Caetano do Sul, no ABC Paulista; na orla de Santos; na Praia de Icaraí em Niterói (RJ); na Esplanada dos Ministérios, em Brasília; em Araras (SP); em Camanducaia (MG) e em Brejo da Madre de Deus (PE).

Quadro 1 – Matérias que se apropriaram de vídeos e fotos

(continuação)

Data / jornal / colaborador	Legenda / título / chamada	“Lead”
21/01/2017; Edição 18h. Termo usado: colaboradoras Ana Bial e Julia Pontes.	Brasileiras mandam imagens da “Marcha das Mulheres” em Washington. Tipo de foto: registro; duas fotos apropriadas.	Brasileiras mandam imagens da “Marcha das Mulheres” em Washington pelo aplicativo Na Rua GloboNews. A manifestação contra o presidente dos EUA, Donald Trump, aconteceu no sábado (21).
06/02/2017; Edição 10 h. Termo usado: assinante. Obs.: não foi dado crédito a quem enviou as fotos.	“Temer autorizou o emprego de forças armadas”, diz secretário de Segurança. Tipo de foto: registro; oito fotos apropriadas.	Uma onda de violência atinge cidades da Grande Vitória depois da greve de policiais e bombeiros do Espírito Santo. O secretário de Segurança Pública do estado, André Garcia, fala sobre as medidas adotadas para conter a crise de segurança. Nesta segunda (6), Michel Temer autorizou o envio das Forças Armadas, que segundo André Garcia vai ajudar na retomada do patrulhamento na região metropolitana.
28/04/2017; Edição 10 h. Termo usado: colaborador Cristiano Santos.	Índios ameaçam com arco e flecha quem tenta furar bloqueio em estrada em SP. Tipo de foto: instante/flagrante; três fotos apropriadas.	Em São Paulo, alguns manifestantes bloquearam a estrada do Jaraguá, que dá acesso à rodovia Anhanguera.
11/06/2017; Edição 18 h. Termo usado: colaborador Daniel Campana.	Carreata beneficente recolhe doações na Zona Sul de São Paulo. Tipo de foto: registro; duas fotos apropriadas	Uma tradicional carreata percorreu dois bairros da zona sul de São Paulo recolhendo doações para instituições de caridade. Daniel Campana mandou vídeo e fotos dessa ação pelo aplicativo Na Rua GloboNews. Quinhentos carros antigos passaram pelos bairros de Indianópolis e Moema recolhendo doações. Foram cinco toneladas de alimentos, três de roupas, centenas de produtos de higiene e brinquedos.

Quadro 1 – Matérias que se apropriaram de vídeos e fotos

(continuação)

Data / jornal / colaborador	Legenda / título / chamada	“Lead”
<p>15/02/2018; Edição 13 h (atualmente não existe essa edição).</p> <p>Termo usado: colaborador Jorge Gustavo Menezes.</p> <p>Obs.: ao final da matéria, a apresentadora falou do <i>app</i> e da importância da participação e “ajuda dos colaboradores”, para que a GloboNews saiba o que o que se passa e acontece em “bairro e nas cidades” dos colaboradores. Assim sendo, convoca a todos a enviarem suas contribuições (engajamento).</p>	<p>Na Rua: Colaboradores mostram caos após temporal no Rio de Janeiro</p> <p>Tipo de foto: registro; quatro fotos apropriadas.</p>	<p>Aplicativo da GloboNews recebeu vários registros de como ficaram vários pontos da cidade por causa da chuva intensa.</p>
<p>06/06/2018; Edição 18 h.</p> <p>Termo usado: telespectador Rodrigo PJ.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores a participarem enviando colaborações.</p>	<p>Bandidos explodem agências bancárias em Ibiá/MG.</p> <p>Tipo de foto: registro; seis fotos apropriadas.</p>	<p>O telespectador Bruno Eduardo enviou pelo aplicativo Na Rua GloboNews um vídeo do momento em que agências bancárias da cidade de Ibiá foram atacadas a tiros. Já Rodrigo PJ enviou fotos desse ataque também pelo aplicativo.</p>
<p>15/06/2018; Edição 18 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Gustavo Siqueira.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores da GloboNews a enviarem fotos da Copa do Mundo.</p>	<p>Imagens mostram torcedores de Portugal e da Espanha no RJ.</p> <p>Tipo de foto: registro; uma foto apropriada.</p>	<p>O colaborador Roberto enviou, pelo aplicativo Na Rua GloboNews, um vídeo de torcedores de Portugal num restaurante na Ilha do Governador, no Rio. E Gustavo Siqueira, de volta Redonda/RJ, mandou uma foto com amigos com a camisa da Espanha.</p>
<p>26/11/2018; Edição 18 h.</p> <p>Termo usado: assinante.</p> <p>Obs.: não foi dado crédito a quem enviou as fotos.</p>	<p>Assinantes da GloboNews registram transtornos causados pela chuva no Rio de Janeiro.</p> <p>Tipo de foto: registro; uma foto apropriada.</p>	<p>Assinantes enviaram imagens por meio do aplicativo Na Rua GloboNews.</p>

Quadro 1 – Matérias que se apropriaram de vídeos e fotos

(conclusão)

Data / jornal / colaborador	Legenda / título / chamada	“Lead”
<p>10/02/2019; Edição 18 h.</p> <p>Termo usado: telespectadores e colaboradores Flávio Sorce, Lélis Renó, João Paulo, e Valéria Ramos.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores da GloboNews a enviarem fotos do Carnaval.</p>	<p>Telespectadores mostram carnaval pelo Brasil e pelo mundo.</p> <p>Tipo de foto: registro; quatro fotos apropriadas.</p>	<p>Colaboradores enviaram registros da folia através do aplicativo “Na Rua GloboNews”.</p>

Fonte: a autora.

Quadro 2 – Matérias que se apropriaram de fotos

(continua)

Data / jornal / colaborador	Título / legenda / chamada	“Lead”
<p>10/03/2016; Edição 10 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Betinho Casas Novas.</p>	<p>Crianças e adultos se juntaram para revitalizar uma área na estação Palmeiras do teleférico do Alemão.</p> <p>Tipo de foto: registro; quatro fotos apropriadas.</p>	<p>Moradores do complexo do Alemão, na zona norte do Rio, se reúnem para revitalizar área.</p>
<p>04/11/2016; Edição 13 h (atualmente não existe essa edição).</p> <p>Termo usado: colaborador Cláudio Passos.</p>	<p>Protestos de estudantes contra a PEC 241 para o trânsito em Belo Horizonte</p> <p>Tipo de foto: flagrante; uma foto apropriada.</p>	<p>Imagens enviadas pelo aplicativo Na Rua: Protesto mostra congestionamento em direção ao Aeroporto de Confins, em Belo Horizonte.</p>
<p>18/01/2017; Em Pauta.</p> <p>Termo usado: colaborador Alex Pedroso Paines.</p> <p>Obs.: não foi dado crédito a quem enviou as fotos.</p>	<p>Município de Itaqui, no Rio Grande do Sul, tem medicamentos vencidos.</p> <p>Tipo de foto: registro; seis fotos apropriadas.</p>	<p>O colaborador Alex Pedroso Paines usou o aplicativo Na Rua GloboNews para mandar uma denúncia: medicamentos vencidos no almoxarifado da Secretaria de Saúde do município de Itaqui, no Rio Grande do Sul.</p>

Quadro 2 – Matérias que se apropriaram de fotos

(continuação)

Data / jornal / colaborador	Título / legenda / chamada	“Lead”
<p>24/01/2017; Edição 16 h.</p> <p>Termo usado: colaboradores Vinicius Andrade e Luciana Dias Falcão.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores a participarem enviando colaborações.</p>	<p>Fotos mostram momento do início da rebelião em Bauru/SP.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; três fotos apropriadas.</p>	<p>As fotos de Vinicius Andrade e de Luciana Dias Falcão, enviadas por meio do aplicativo “Na Rua GloboNews”, mostram o momento do início da rebelião no Centro de Progressão Penitenciária 3, em Bauru, no interior de São Paulo.</p>
<p>30/01/2017; Edição 16 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Aleksandro Valadares Luiz.</p>	<p>Cerca de 3 mil pessoas dormem em fila em busca de emprego em MG.</p> <p>Tipo de foto: registro; quatro fotos apropriadas.</p>	<p>O colaborador do aplicativo Na Rua GloboNews Aleksandro Valadares Luiz passou pelo local e enviou algumas fotos. A primeira etapa era apenas para cadastramento.</p>
<p>10/03/2017; Edição 13 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Karina Pombro.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores a participarem enviando colaborações.</p>	<p>Pessoas dormem na frente de agência para garantir saque do FGTS nas primeiras horas do dia.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; duas fotos apropriadas.</p>	<p>A colaboradora Karina Pombro enviou fotos pelo aplicativo Na Rua GloboNews. Ela registrou as pessoas dormindo na fila de uma agência de São Brás, na capital paranaense.</p>
<p>25/03/2017; Edição 18 h.</p> <p>Termo usado: nenhum – apenas foi apresentado o nome Fernanda Cubiaco.</p>	<p>Voluntários fazem mutirão de limpeza na praia de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro.</p> <p>Tipo de foto: registro; sete fotos apropriadas.</p>	<p>Quinhentos voluntários fizeram um mutirão de limpeza na praia de Copacabana, zona Sul do Rio de Janeiro. Além da limpeza, os voluntários deram oficinas de educação ambiental e preservação para todos que passavam pelo local.</p>
<p>26/04/2017 Edição 8 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Jefferson Petrol.</p>	<p>Bandidos explodem dois carros-fortes e danificam hospital e rede de energia, em Petrolina.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; quatro fotos apropriadas.</p>	<p>O impacto da explosão danificou a rede de energia de um hospital. A empresa de transporte de valores não divulgou quanto os bandidos conseguiram levar. Colaborador Jefferson Petrol enviou pelo aplicativo “Na Rua GloboNews” fotos do momento da ação, que mostram o carro-forte completamente destruído.</p>
<p>05/05/2017; Estúdio i.</p> <p>Termo usado: assinante Paula Pires.</p> <p>Obs.: não foi dado crédito a quem enviou as fotos.</p>	<p>Bombeiros combatem incêndios em restaurante na BR-101, região metropolitana do Rio de Janeiro.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; uma foto apropriada.</p>	<p>Bombeiros tentam controlar um incêndio que atinge o Quiosque do Alemão, restaurante que fica na BR-101, na altura de Itaboraí, na região metropolitana do Rio de Janeiro.</p>

Quadro 2 – Matérias que se apropriaram de fotos

(continuação)

Data / jornal / colaborador	Título / legenda / chamada	“Lead”
<p>18/07/2017; Estúdio i.</p> <p>Termo usado: colaborador Fábio Miotto.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores a participarem enviando vídeos, fotos, áudios e textos.</p>	<p>Foto enviada pelo aplicativo Na Rua GloboNews mostra o frio no RS.</p> <p>Tipo de foto: registro; uma foto apropriada.</p>	<p>O colaborador Fábio Miotto mandou uma foto de uma paisagem congelada na manhã desta terça-feira (18) na cidade de Vista Alegre do Prata, no Rio Grande do Sul.</p>
<p>17/09/2017; programação ao vivo.</p> <p>Termo usado: assinante Eliana Pedroso.</p>	<p>Assinante envia fotos da saída do Rock in Rio na segunda noite do festival.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; três fotos apropriadas.</p>	<p>A assinante Eliana Pedroso enviou fotos pelo aplicativo Na Rua GloboNews de uma multidão de pessoas saindo da segunda noite do Rock in Rio 2017, neste sábado (17). Ela disse que, da saída do festival ao BRT, as pessoas levaram mais de uma hora.</p>
<p>15/01/2018; Edição 13 h (atualmente não existe esta edição).</p> <p>Termo usado: telespectador Luís Filipe Almeida.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores a participarem enviando colaborações.</p>	<p>Telespectador flagra acidente na BR-101 em Angra dos Reis no Rio de Janeiro.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; cinco fotos apropriadas.</p>	<p>A batida foi próxima ao bairro Gamboa do Belém e envolveu um ônibus e três carros. Uma pessoa se feriu sem gravidade. Fotos foram enviadas pelo telespectador Luís Felipe *Almeida através do aplicativo Na Rua GloboNews.</p>
<p>18/01/2018; Edição 13 h (atualmente não existe essa edição).</p> <p>Termo usado: assinante Morgan Trasmonte.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores a participarem enviando colaborações.</p>	<p>Na Rua: Buracos em asfalto acumulam água e preocupam moradores em Mairiporã (SP).</p> <p>Tipo de foto: registro; uma foto apropriada.</p>	<p>Assinante Morgan Trasmonte enviou foto pelo aplicativo da GloboNews e explica que buracos são feitos por caminhões de lixo da prefeitura. Vale lembrar que município é um dos que tem mais sofrido com a febre amarela.</p>
<p>02/02/2018; Edição 16 h.</p> <p>Termo usado: colaborador e telespectador Igor Zahir.</p> <p>Obs.: não foi dado crédito a quem enviou as fotos.</p>	<p>Grupo explode agência bancária e posto de atendimento em Taquaritinga.</p> <p>Tipo de foto: registro; três fotos apropriadas.</p>	<p>Ataques a agências bancárias vêm se tornando cada vez mais comuns no sertão de Pernambuco. Essa semana, moradores de Taquaritinga do Norte no Agreste, levaram um susto. O telespectador Igor Zahir mandou fotos para a GloboNews.</p>

Quadro 2 – Matérias que se apropriaram de fotos

(continuação)

Data / jornal / colaborador	Título / legenda / chamada	“Lead”
<p>07/02/2018; Edição 16 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Octávio Rodrigo.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> e convite a telespectadores a participarem enviando colaborações – para tanto, foi usado a palavra “ajudar”.</p>	<p>Queda de árvore interdita rua na Savassi em BH.</p> <p>Tipo de foto: registro; três fotos apropriadas.</p> <p>Obs.: repórter usa o termo “impressionante” para classificar a imagem.</p>	<p>Através do aplicativo Na Rua GloboNews, o colaborador Octávio Rodrigo enviou uma imagem impressionante da queda de uma árvore em Belo Horizonte. Queda da árvore de grande porte interditou uma rua no bairro Savassi.</p>
<p>10/02/2018; Edição 10 h.</p> <p>Termo usado: colaborador André Paranhos.</p> <p>Obs.: apresentadora convida telespectadores a enviarem fotos do Carnaval via <i>app</i> – convocação.</p>	<p>Colaborador mostra o “Bloco das Carmelitas”, no Rio.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; quatro fotos apropriadas.</p>	<p>André Paranhos mandou pelo aplicativo Na Rua GloboNews várias fotos do Bloco das Carmelitas, no Rio. O Bloco desfilou ontem e o André disse que só volta para casa depois do próximo desfile, que acontece na terça-feira.</p>
<p>13/02/2018; Edição 18 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Leonardo Machado.</p> <p>Obs.: apresentadora da propaganda do <i>app</i> convida telespectadores a enviarem colaborações (vídeos, fotos e áudios).</p>	<p>Posto de vigilância sem policiais é tomado por foliões no Rio.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; duas fotos.</p>	<p>A GloboNews recebeu mais uma contribuição enviada pelo aplicativo Na Rua, mas dessa vez é da parte feia da festa. O Leonardo Machado flagrou a torre de segurança montada no centro do Rio ocupada por foliões.</p>
<p>21/02/2018; Edição 13 h (atualmente não existe essa edição).</p> <p>Termo usado: telespectador Lauro Waltz.</p> <p>Obs.: propaganda do <i>app</i> demanda do telespectador participação – engajamento.</p>	<p>Na Rua: Criminosos usam máscaras de palhaço para explodir agência no ES.</p> <p>Tipo de foto: registro; duas fotos apropriadas.</p>	<p>Telespectador usou aplicativo da GloboNews para enviar fotos da fachada de uma agência bancária destruída em Vila Velha, na Grande Vitória.</p>
<p>23/02/2018; Edição 16 h.</p> <p>Termo usado: assinante Fernanda Guaraná.</p>	<p>Temporal volta a alagar rua em São Conrado, na Zona Sul do Rio.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; uma foto apropriada.</p>	<p>A assinante Fernanda Guaraná enviou pelo aplicativo Na Rua GloboNews foto da rua Julieta Niemeyer, em São Conrado. Segundo ela, a rua alaga a cada temporal. Fernanda disse que moradores passaram a madrugada sem poder dormir.</p>

Quadro 2 – Matérias que se apropriaram de fotos

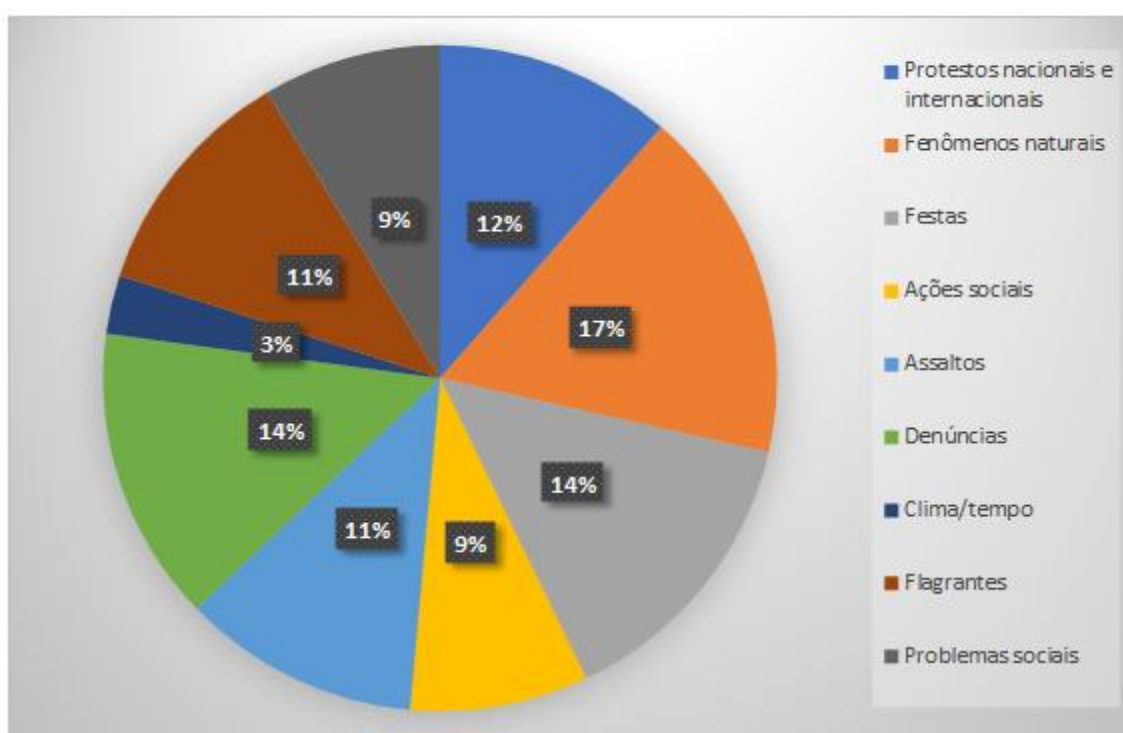
(conclusão)

Data / jornal / colaborador	Título / legenda / chamada	“Lead”
<p>08/03/2018; Edição 13 h (atualmente não existe essa edição).</p> <p>Termo usado: colaboradora e telespectadora Anderson Sousa.</p>	<p>Na Rua: Morador mostra lixo acumulado em rio de Mesquita (RJ).</p> <p>Tipo de foto: flagrante; duas fotos apropriadas.</p>	<p>Rio Sarapuí, que corta a cidade, está cheio de lixo. Nas palavras do telespectador, Anderson Sousa, uma “tragédia anunciada” em épocas de chuva.</p>
<p>04/06/2018; Edição 18 h.</p> <p>Termo usado: telespectador Rogério Tosta.</p> <p>Obs.: créditos também aparecem durante exibição da matéria, e apresentadora faz propaganda do <i>app</i>.</p>	<p>Ônibus é incendiado em Conceição das Alagoas/MG.</p> <p>Tipo de foto: instante; duas fotos apropriadas.</p>	<p>O telespectador Rogério Tosta enviou fotos do ônibus incendiado pelo aplicativo Na Rua GloboNews. Elas foram tiradas no bairro Jardim Uberaba, no município de Conceição das Alagoas, na região do Triângulo Mineiro.</p>
<p>11/07/2018; Edição 10 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Sidney Dutra.</p> <p>Obs.: apresentadora realiza propaganda do <i>app</i> demandando do telespectador participação sobre o que acontece em sua cidade – engajamento.</p>	<p>Fotos mostram número de lixeiras em área pública de Manaus.</p> <p>Tipo de foto: registro; quatro fotos apropriadas.</p>	<p>A GloboNews recebeu – pelo aplicativo Na Rua GloboNews – fotos curiosas do colaborador Sidnei Dutra, de Manaus. O lugar, segundo ele, é uma área pública de ginástica na cidade com muitas lixeiras.</p>
<p>11/07/2018; Edição 10 h.</p> <p>Termo usado: colaborador Daniel Vaz.</p>	<p>Na Rua GloboNews: assinante registra araras fazendo ninho em árvore no interior de SP.</p> <p>Tipo de foto: flagrante; duas fotos apropriadas.</p>	<p>O nosso colaborador Daniel Vaz – de Votuporanga – no interior de São Paulo, mandou a foto pelo aplicativo na Rua GloboNews.</p>
<p>28/10/2018; Edição 10 h.</p> <p>Termo usado: colaborador.</p> <p>Obs.: não foi dado crédito a quem enviou as fotos.</p>	<p>Colaborador flagra sujeira de propaganda eleitoral em São Gonçalo.</p> <p>Tipo de foto: registro; duas fotos apropriadas.</p>	<p>Pelo aplicativo Na Rua GloboNews, um colaborador enviou imagens da sujeira nas ruas.</p>
<p>24/11/2018; Edição 12 h (atualmente não existe essa edição).</p> <p>Termo usado: assinante Gustavo Teixeira.</p>	<p>Chuva causa estragos em Santo André, na Grande São Paulo.</p> <p>Tipo de foto: registro; três fotos apropriadas.</p>	<p>O assinante Gustavo Teixeira mandou imagens dos estragos que a chuva fez em Santo André, na Grande São Paulo. As fotos mostram vários pontos de alagamento. O Gustavo enviou.</p>

Fonte: a autora.

Os temas dessas colaborações, que compõem nosso *corpus*, giram em torno de: protestos nacionais e internacionais; estragos causados por fenômenos naturais; festas (Réveillon, Carnaval, Rock'n'Rio); ações sociais; assaltos; denúncias (mau uso do dinheiro público, má gestão de órgãos públicos e prefeituras); clima/tempo; flagrantes; problemas sociais (desemprego e crises de segurança). Para efeito de análise quantitativa e melhor visualização dos temas eleitos para serem apropriados pela GloboNews, utilizaremos em definições de gráficos os termos elencados.

Figura 56 – Gráfico de colaborações apropriadas por tema



Fonte: a autora.

Ao analisarmos o aplicativo de maneira geral, e especificamente o *corpus* delimitado para esta pesquisa, pudemos observar que o conteúdo colaborativo apropriado e selecionado para ir ao ar se encaixa nos moldes daquilo que entendemos por “seções/temática” no jornal impresso. Nesse contexto, percebemos que as matérias se alinham às seguintes seções: notícias locais/regionais, notícias nacionais, notícias internacionais e em uma espécie de coluna social (gênero jornalístico) quando a matéria aborda festas ou eventos como Carnaval, Réveillon, Copa do Mundo e *shows*. Este último tema, as festas, são, como já dissemos, um dos *motes* mais apropriados pela GloboNews. O que é uma coluna social? Segundo Pereira:

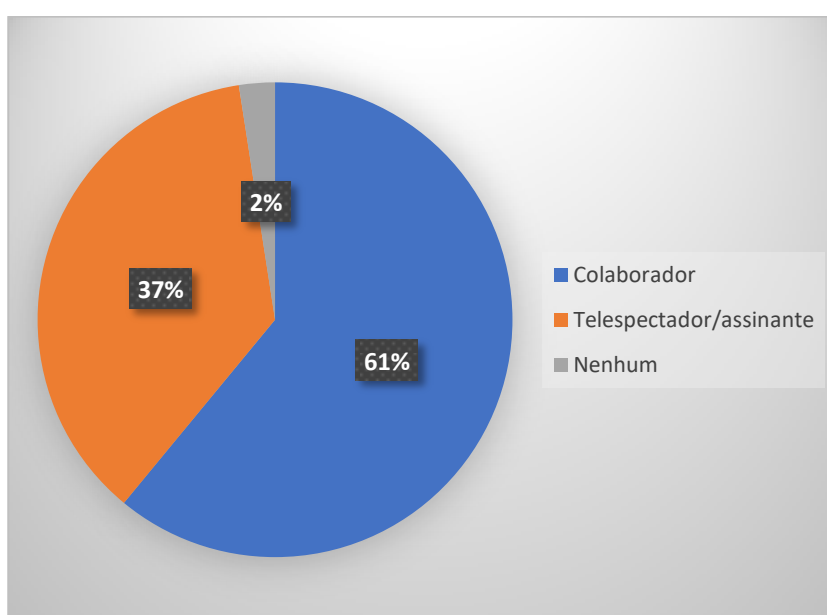
A coluna social é o gênero do jornalismo impresso que se dedica a relatar a vida em sociedade e os fatos do cotidiano através de notas. Em sua época áurea no Brasil, durante as décadas de 50 e 60, deteve-se em consagrar o estilo de vida das elites, buscando sempre descrever com detalhes os trajes e as festas suntuosas. Na atualidade, o gênero vem ampliando o leque de assuntos abordados, trazendo além da cobertura dos eventos sociais e a exposição da vida privada de famosos, comentários ligados aos acontecimentos advindos do cotidiano do espaço público – notícias de política, economia, esportes, cultura, problemas urbanos, entre outros (PEREIRA, 2012, p. 57-58).

Sem pretendermos aprofundar no tema “Coluna Social” observamos que há uma semelhança entre este gênero jornalístico acima citado e as matérias colaborativas exibidas durante a programação da GloboNews, que continham fotografias dos telespectadores em eventos comemorativos. Notamos que o colaborador quer ver e ser visto.

O colunismo atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor. Já que a maioria das pessoas está excluída do reduzido círculo dos colunáveis (poder/estrelato) dá-lhe a sensação de participar desse mundo através dos colunistas, trata-se de uma forma de participação artificial, abstrata (MELO *apud* TRAVANCAS, 2001, p. 118).

Em relação aos termos usados pelo canal televisivo para designar a participação dos usuários do aplicativo, nas 36 reportagens analisadas que tiveram fotografias apropriadas e exibidas, tivemos: 24 vezes de uso do termo “colaborador”; 10 vezes de uso dos termos “telespectador/assinante”; e duas reportagens sem designar quem enviou a fotografia de cunho informativo.

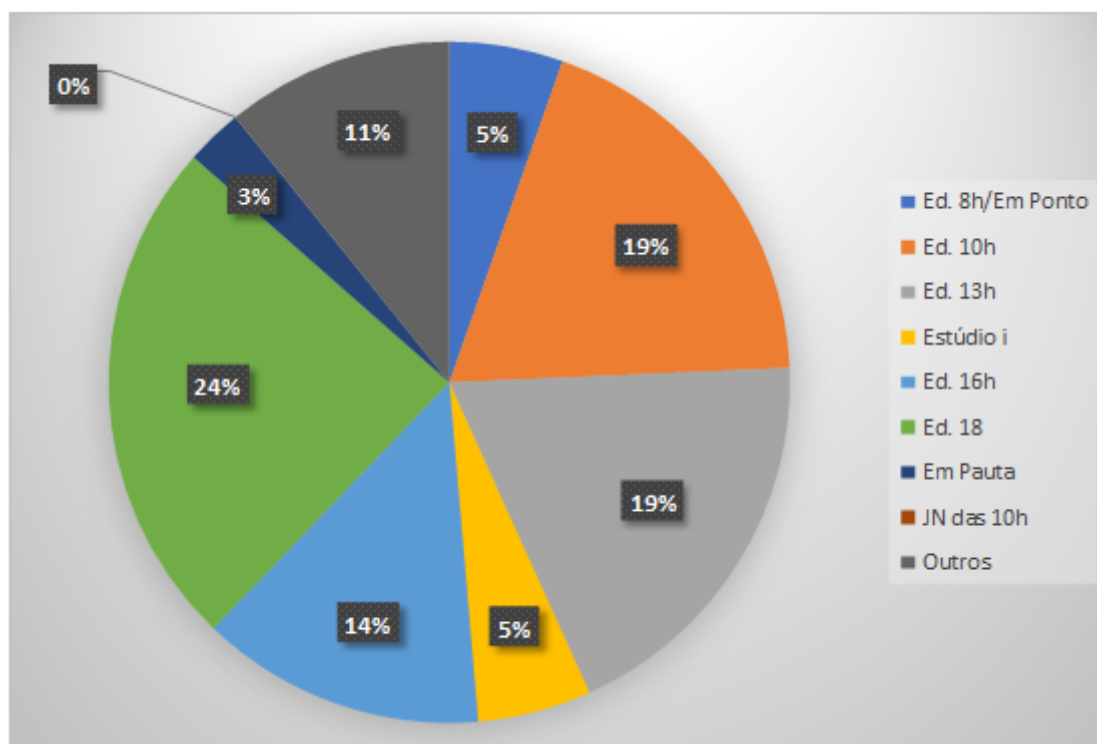
Figura 57 – Gráfico de termos usados nas matérias



Fonte: a autora.

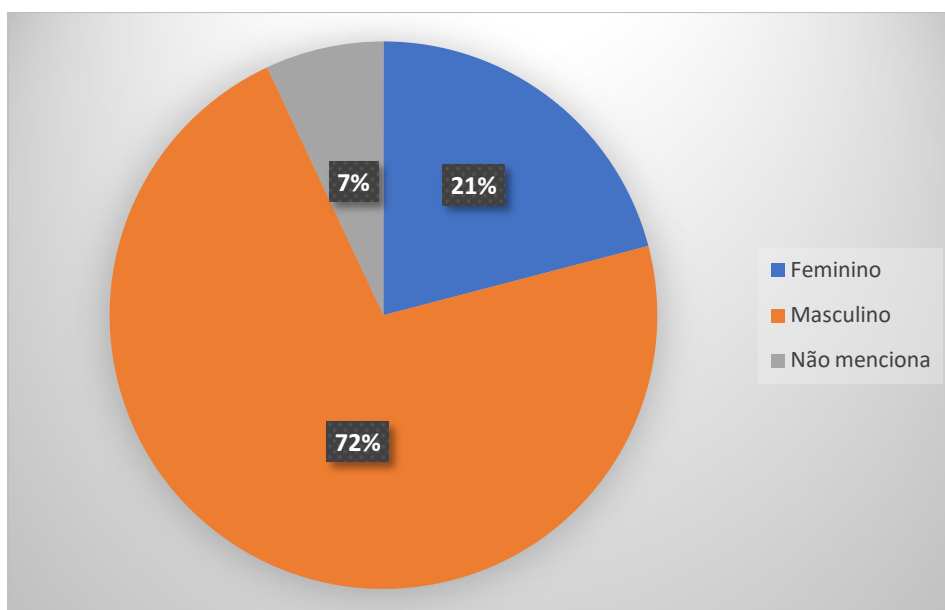
Ao observarmos as colaborações fotográficas apropriadas, notamos que a maioria das matérias foi exibida nos jornais diurnos, com destaque para as seguintes edições: Ed. 8h (atualmente, GloboNews Em Ponto); Ed. 10h; Ed. 13h (atualmente, o Jornal das Dez ocupa tal espaço até o início do Estúdio i); Ed. 16h; e Ed. 18h. Houve apenas uma apropriação exibida no “Em Pauta”, e nenhuma matéria contendo fotografias apropriadas dos colaboradores foi exibida nas edições de JN das 10h (noite), Ed. 0h e Ed. 1h.

Figura 58 – Gráfico de horários de exibição das matérias por jornal



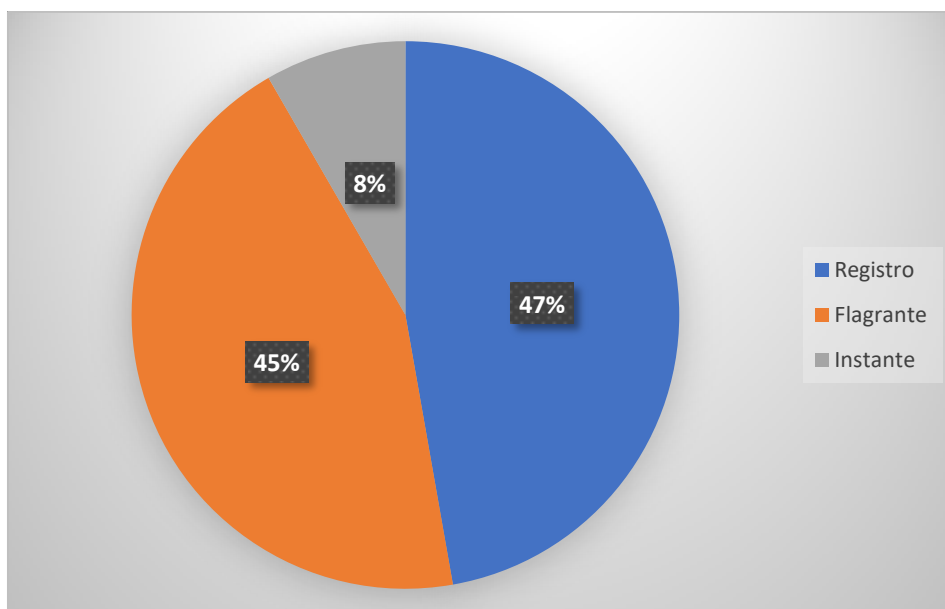
Obs.: embora as edições das 8 h, 12 h e 13 h não mais existam, foram compiladas; e ‘JN das 10h’ apresenta 0% (nenhuma ocorrência).

Fonte: a autora.

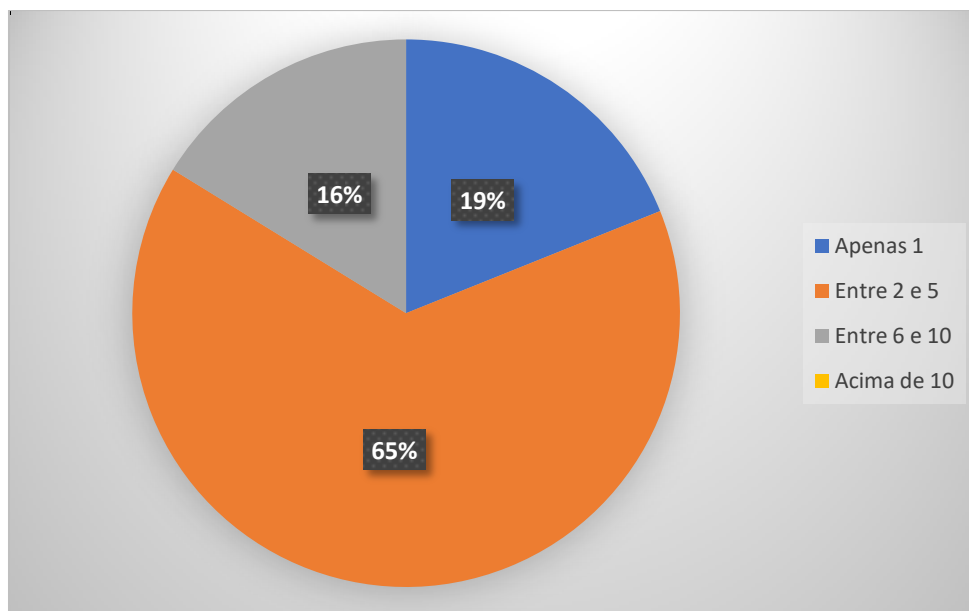
Figura 59 – Gráfico de fotografias apropriadas por gênero

Fonte: a autora.

Das 37 matérias exibidas pela GloboNews contendo fotografias apropriadas, apenas 9 foram do gênero feminino.

Figura 60 – Gráfico de fotografias apropriadas por tipo

Fonte: a autora.

Figura 61 – Gráfico de fotografias apropriadas por número de fotos em matéria

Obs.: ‘Acima de 10’ apresentou 0% (nenhuma ocorrência).

Fonte: a autora.

4.3.1 Graus de participação

Ao analisarmos o aplicativo “Na Rua” e seu modelo colaborativo, identificamos apenas dois graus de participação do cidadão: a participação “espontânea/engajada”; e a participação “estimulada/convocada”. O *app* “Na Rua” não remunera colaborações enviadas que foram apropriadas pela GloboNews; portanto, neste presente estudo, não há o que chamamos de participação “induzida”. Como dissemos, a participação espontânea/engajada normalmente é mais observada em conflitos e problemas relevantes de cunho social (rebeliões, fenômenos naturais, acidentes, tragédias, assaltos de grandes proporções), e a participação estimulada/convocada é mais observada quando há convocação à participação do cidadão por um veículo midiático a contribuir com cobertura já pautada; por sua vez, a participação induzida se dá quando a colaboração enviada, após apropriada, é remunerada por um canal midiático.

Um dos exemplos de participação do cidadão comum no grau intitulado *espontâneo/engajado*, observado no presente estudo, refere-se à crise de segurança no Estado do Espírito Santo, em fevereiro de 2017. Outros exemplos desse grau de participação também podem ser encontrados, em nosso *corpus* de pesquisa, em acontecimentos de ordem cotidiana,

tais como estragos causados por fenômenos naturais, assaltos de grandes proporções e denúncias de má administração de recursos públicos.

Em cobertura de acontecimentos nacionais ou internacionais relevantes, tais como a crise de segurança no Estado do Espírito Santo, percebemos que houve um maior número de fotografias apropriadas por matéria. Notamos que as imagens, nesses casos, são utilizadas ao longo da reportagem como recurso de captura do telespectador. Nessa reportagem em específico (ver matéria sobre a crise de segurança no Estado do Espírito Santo, exibida no dia 06/02/2017). Algumas fotografias estão logo abaixo no texto (FIGURAS 62 e 63); enquanto o âncora do jornal discorre sobre o fato ou entrevista o especialista, as fotografias colaborativas apropriadas são exibidas em sequência e se repetem ao longo da transmissão e análise da notícia.

Figura 62 – Captura de tela (1 de 2) indicando foto de matéria sobre crise de segurança no Estado do Espírito Santo (06/02/2017)



Fonte: a autora.

Figura 63 – Captura de tela (2 de 2) indicando foto de matéria sobre crise de segurança no Estado do Espírito Santo (06/02/2017)

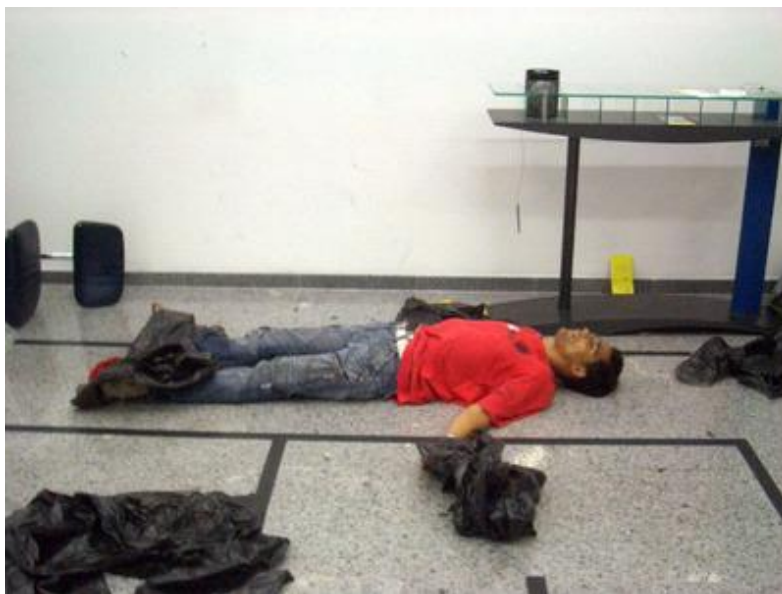


Fonte: a autora.

As fotografias enviadas pelo telespectador pelo *app* “Na Rua”, apropriadas e inseridas nas reportagens da GloboNews, em sua grande maioria, pertencem à categoria de “registro” (ver FIGURA 60) do acontecimento.

Com critérios e mecanismos de apropriação diferentes de outros canais colaborativos, como o “FotoRepórter”, do jornal *Estado de S. Paulo*, percebemos que o canal colaborativo da GloboNews em nenhum momento se valeu de fotografias de acontecimentos que chocassem seu público pelo caráter explícito das imagens. Imagens mostrando acidentes e corpos identificadas eram vistas com frequência no extinto canal colaborativo “FotoRepórter”, do *Estadão* (como também é conhecido *O Estado de S. Paulo*), como nos exemplos que se seguem.

Figura 64 – Assalto ao Banco do Brasil (Centro, São Paulo)



Fonte: CARLOS BARCELLOS; ESTADO DE S. PAULO (FotoRepórter).

Figura 65 – Assalto ao Banco do Brasil (Mooca, São Paulo)



Fonte: REGINALDO ALVES; ESTADO DE S. PAULO (FotoRepórter).

Figura 66 – Acidente do jogador Richarlyson



Fonte: LUCIANA CAMARGO; ESTADO DE S. PAULO (FotoRepórter).

Pudemos perceber que a GloboNews, ao receber colaborações de forma engajada através do aplicativo “Na Rua” e que retratam acontecimentos relevantes, transforma-as em notícia, porém, somente as exibe após transmissão da matéria feita pela equipe da própria emissora. A GloboNews utiliza esse “gancho” para aproveitar e convocar/estimular o cidadão comum a seguir participando e enviando suas colaborações. Pudemos vislumbrar também que as fotografias utilizadas nas matérias desse canal de TV, que possuem colaborações dos telespectadores/assinantes, não são usadas de forma apelativa, justamente o contrário: são usadas de forma a estimular a participação constante do usuário, convocando-o e engajando-o no processo de construção da notícia – e valendo-se do desejo do indivíduo em se ver ou ver sua pauta sendo transformada em notícia.

Passemos, agora, a exemplos de participação com grau intitulado *estimulado/convocado*. As matérias jornalísticas trazem apropriações de fotografias referentes aos carnavais dos anos de 2017 e 2018.

Figura 67 – Captura de tela (1 de 2) indicando foto de matéria sobre telespectadores no Carnaval, Brasil e mundo (10/02/2018)



Fonte: a autora.

Figura 68 – Captura de tela (2 de 2) indicando foto de matéria sobre telespectadores no Carnaval, Brasil e mundo (10/02/2018)



Fonte: a autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa sobre a produção de fotografias de cunho noticioso realizada por pessoas comuns e a apropriação dessas pelas mídias dominantes, percebemos diferentes modalidades de colaborações no que se refere às relações entre cidadão comum e veículos midiáticos. A primeira delas é a *participação espontânea/engajada*, tal como em matérias exibidas pela GloboNews sobre estragos causados por fenômenos naturais, greves e assaltos de grandes proporções. O exemplo mostrado foi sobre a crise de segurança no Estado do Espírito Santo no ano de 2018. A segunda modalidade, e que não foi percebida no nosso objeto empírico, refere-se à *participação induzida* (veículos tradicionais de comunicação disponibilizam e mantêm canais colaborativos de postagem de fotografias de cunho noticioso de forma remunerada). E a terceira delas, que é a participação *estimulada/convocada* (veículos midiáticos convocam o cidadão a participar e colaborar com sua informação acerca de determinado fato, já pautado em sua cobertura), tal como mostramos nas reportagens sobre o Carnaval no ano de 2018. A análise demonstrou, assim, que há, no canal colaborativo “Na Rua”, da GloboNews, apenas duas modalidades de participação do cidadão comum na produção e envio de informações: espontânea/engajada; e estimulada/convocada.

A modalidade mais percebida nesse canal colaborativo é a estimulada – pois, notamos que, sempre que possível, durante a exibição de um acontecimento/fato jornalístico, o apresentador/âncora do jornal faz a propaganda do aplicativo e convoca o cidadão/telespectador/assinante a participar enviando suas contribuições para uma cobertura específica. A outra modalidade identificada foi a espontânea/engajada – os assuntos/temas, dentro dessa modalidade, mais apropriados pela GloboNews foram as colaborações sobre estragos causados por fenômenos naturais, denúncias de mau uso do dinheiro público, acidentes, greves e conflitos sociais.

Como a participação e a colaboração enviada através do aplicativo “Na Rua” não são pactuadas entre as partes (usuário/colaborador x canal de TV) pela remuneração prévia à apropriação, nem como condição *sine qua non* para participação do usuário/colaborador, não consideramos, na análise, a modalidade de participação induzida.

Embora a porcentagem de colaborações com conteúdo informativo fotográfico seja de 5%, foi interessante identificar que a grande maioria das reportagens contendo colaborações do cidadão comum apropriadas continha mais de três fotografias, indicando, talvez, que a

matéria foi construída, em grande parte, tendo a imagem fotográfica como fio condutor da narrativa da reportagem.

Quais são as características dos colaboradores e colaborações? A análise do aplicativo mostrou que 72% das colaborações enviadas são realizadas por homens, e apenas 21% são colaborações enviadas por mulheres. Em relação aos temas, 86% das colaborações são assuntos relacionados ao cotidiano das cidades, tais como assaltos, fenômenos naturais, protestos, festas e ações sociais – portanto, podemos concluir que o espaço urbano é central e relevante tanto para os colaboradores que enviam a informação quanto para a GloboNews, que pauta a matéria para ir ao ar –; 14% são denúncias acerca de mau uso do dinheiro público, má gestão de órgãos públicos e prefeituras.

O colaborador, tanto do gênero feminino quanto do gênero masculino, é identificado e classificado pelo canal como “50+”, que significa pessoas acima dos 50 anos de idade. Isso nos mostra duas coisas: a primeira é que essa prática colaborativa já está disseminada nessa faixa etária, e a segunda é que esse tipo de participação colaborativa é feito em sua maioria esmagadora por pessoas em idade madura. Logo, podemos dizer que os jovens não são o público-alvo desse engajamento, dessas interações. Entretanto, podemos inferir que os cidadãos comuns de faixa etária jovem participam, colaboram e noticiam determinado fato de outras formas e noutras plataformas, por exemplo, em mídias sociais e em grupos do aplicativo WhatsApp, sem dependência da mídia dominante ou, ainda, talvez, sem o desejo de verem sua contribuição em canais jornalísticos de veículos mais tradicionais.

Compreendemos, após o presente estudo, que o testemunho do cidadão comum ganha um apelo muito forte, quase incontestável, no que tange à veracidade da informação, quando aliado à credibilidade de um veículo midiático tradicional. E ao trazerem para si, na tentativa de incorporar ou absorver essa prática participativa dentro do modelo tradicional de jornalismo, os grandes veículos midiáticos criaram canais participativos para que, de certa forma, pudessem gerar vínculos com esse público desejoso por produzir informações de cunho jornalístico, possibilitando, de certa forma, controle da fonte da informação e da própria informação recebida.

Os canais colaborativos criados pelas mídias tradicionais fazem, assim, uso da vontade do cidadão comum de se ver inserido, mesmo que modestamente engajado, no processo comunicacional. Entretanto, ainda que respondendo aos anseios e desejos do cidadão comum em colaborar, e também atendendo à necessidade de determinados veículos comunicacionais de serem onipresentes e onipotentes, muitos canais colaborativos criados, divulgados e estimulados tiveram vida relativamente curta. Foi o caso do “FotoRepórter”, do *Estadão*.

Sobre nosso objeto empírico de pesquisa especificamente, Anna Karina Bernardoni, curadora de conteúdo do aplicativo, quando questionada sobre o fato de haver um grande hiato nas apropriações das colaborações dos usuários do aplicativo “Na Rua” e suas exibições no canal em formato de matérias jornalísticas, indicou que a tendência é a extinção do aplicativo “Na Rua”. Ao longo dos últimos meses do desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que o canal de TV GloboNews não faz mais propaganda do aplicativo “Na Rua” durante sua programação, apesar de não ter sido encerrada a participação colaborativa do telespectador do canal. Tem sido divulgado e estimulado o envio de informações, fotografias e vídeos através do aplicativo de comunicação WhatsApp; já notávamos esse movimento, há algum tempo, agora mais claro diante da ausência da exibição e publicação pelo canal de colaborações enviadas pelo “Na Rua”.

Qual seria o motivo desse declínio? Em princípio acreditamos que seja por aspectos relacionados aos custos, pois outros canais colaborativos da mídia dominante, tais como o “FotoRepórter”, do *Estadão*, também foram extintos por contingenciamento de recursos e corte de equipe responsável por canal colaborativo. Outra questão possível é a percepção da grande mídia de que a prática colaborativa no jornalismo já está difundida, não havendo mais como controlar e direcionar a produção e participação engajando o público apenas com um veículo de imprensa. Hoje, a imagem e a informação, circulam livremente através das *hashtags* em redes sociais e aplicativos de comunicação. Embora ainda seja a mídia tradicional uma instância legitimadora da veracidade de informação (e que luta para continuar assim), transformando-a em notícia, não lhe é mais possível ter domínio e controle sobre a informação produzida e veiculada na cultura midiática e digital.

Seria possível dizer que a participação colaborativa na produção da informação realizada pelo indivíduo comum através desses canais colaborativos criados pelas mídias tradicionais de comunicação é de fato uma prática cidadã e democrática? Concluímos que se os veículos tradicionais de comunicação possuem claro interesse em receber contribuições colaborativas vindas do cidadão comum, e em controlar o conteúdo, selecionando, editando e padronizando-o dentro de suas normas e linhas editoriais, há também o lado do colaborador, que, mesmo não rompendo o contrato tácito de respeito às regras, linha editorial e critérios de noticiabilidade do dono do canal colaborativo, pode ter seu olhar sobre o que é notícia apropriado e exibido pelo veículo em questão.

Ainda que de forma controlada, o cidadão comum atualmente participa, sim, da lógica comunicacional dentro do modelo tradicional do jornalismo, mesmo de maneira cooptada e pouco autônoma. Entretanto, a produção de informação de cunho noticioso por parte de

indivíduos não especializados, ou seja, a prática do jornalismo colaborativo, já demonstra sinais de não precisar mais estar atrelada a um canal da mídia dominante para existir. Um indício claro dessa tendência é o crescente uso de aplicativos de comunicação e redes sociais como suporte para publicação das informações de valor noticioso produzidas pelo cidadão comum. Hoje, grande parcela da mídia tradicional recebe suas informações colaborativas através do aplicativo WhatsApp ou as procura nas redes sociais através de *hashtags*.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. (Homo Sacier III).
- BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. *Australian Journalism Review*, 23(2), p. 91-103, 2001.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castanon Guimarães. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENZAZZI, Lauriano Atílio. Informação, técnica e estética: os valores da imagem fotojornalística. *XXXIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação*, Caxias do Sul, 2 a 6 set. 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. *We Media: how audiences are shaping the future of news and information*. The Media Center at The American Press Institute: 2003. Disponível em: http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf. Acesso em: 11 mar. 2019.
- BRONX DOCUMENTARY CENTER. Representation: a portrait of President Abraham Lincoln. Disponível em: http://www.alteredimagesbdc.org/?fbclid=IwAR2b64D1ndLOSm_D-ZbsGZMW6fXNqhWWkTXLzdUUnQdh04nWsviDQkvVa8Q#/lincoln/. Acesso em: 8 mar. 2019.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CANAVILHAS, João (org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Livros LabCom Covilhã, UBI, LabCom, Livros LabCom: 2014.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. *I Congresso Ibérico de Comunicação*. S.d. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.html>. Acesso: 11 mar. 2019.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- CORRÊA, Elizabeth Saad; MADUREIRA, Francisco. Jornalista cidadão ou fonte de informação: estudo exploratório do papel do público no jornalismo participativo dos grandes portais brasileiros. *Communication Studies / Estudos em Comunicação*, n. 7, v. 1, maio 2010.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle: conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

ESTRIN, James. Roger Fenton: the First Great War Photographer. *The New York Times*, 18 jan. 2018. Disponível em: <https://lens.blogs.nytimes.com/2018/01/18/roger-fenton-the-first-great-war-photographer/>. Acesso em: 11 mar. 2019

FERREIRA, Jorge Carlos Felz Ferreira. *A Imagem na Web: Fotojornalismo e Internet*.

FONSECA, Virgínea; LINDEMANN, Cristiane. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 34, dez. 2007.

FONTCUBERTA, Joan. *A câmera de Pandora: a fotografi@ depois da fotografia*. Tradução de Maria Alzira Brum Lemos. São Paulo: G. Gilli, 2012.

FONTCUBERTA, Joan. *O beijo de Judas: fotografia e verdade*. Tradução de Maria Alzira Brum Lemos. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

FRÓES, Fabiana Pereira. *O laboratório Globo News TV 2.0: “Entre aspas” e a interatividade*. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1746/1/FFr%c3%b3es.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2019.

GLOBO. Envie vídeos, fotos e textos pelo aplicativo ‘Na Rua GloboNews’. *G1*, 21 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-news/noticia/envie-videos-fotos-e-textos-atraves-do-aplicativo-na-rua-globonews.shtml>. Acesso em: 7 mar. 2019.

GONÇALVES, Sandra. Por uma fotografia “menor” no fotojornalismo diário contemporâneo. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-compós*, Brasília, v. 12, n. 2, maio/ago. 2009.

GREAT FIRE OF HAMBURG. In: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Great_fire_of_Hamburg. Acesso em: 8 mar. 2019.

HARDT, Michael. *A sociedade mundial de controle*. 1996.

JOHN WEEDY’S COLLECTION OF ILLUSTRATED LONDON NEWS. The Illustrated

London News 1842. Disponível em: https://www.iln.org.uk/iln_years/year/1842.htm. Acesso em: 8 mar. 2019.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LE MOS, André. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. *Razón y palabra*, Guadalupe, out./nov. 2004. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibermob.pdf>. Acesso: 11 mar. 2019.

LE MOS, André. Anjos interativos e retribalização do mundo. *Sobre interatividade e interfaces digitais*, Salvador, 1997. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LIMA JR., Walter Teixeira. Pesquisa aplicada na descoberta de novas tecnologias de produção e distribuição de conteúdos jornalísticos. *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, UERJ, 5 a 9 set. 2005.

LIMA JR., Walter Teixeira. Precusores do jornalismo on-line. *V Congresso Nacional de História da Mídia*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, São Paulo, 31 maio a 2 jun. 2007.

LIMA JR., Walter Teixeira. Primórdios das fontes digitais na produção do jornalismo tradicional. *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Santos, 29 ago. a 2 set. 2007.

MAIA, Andréa Karinne Albuquerque. O momento decisivo no fotojornalismo atual: a importância da méfis na atuação do fotógrafo. *Revista Estudos da Comunicação*, Curitiba, v. 14, n. 33, p. 107-122, jan./abr. 2013.

MARCONDES, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.

MARTINS, Marcos *et al.* *Dispositivo fotografia e contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Nau; PPD ESDI/UERJ, 2013.

MARTINS, Marcos. Imagem polida, imagem poluída: artifício e evidência na linguagem visual contemporânea. *Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, Rio de Janeiro, n. 29, set./dez. 2009. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/111102120447lugarcomum_29_completa.pdf. Acesso: 11 mar. 2019.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

MORETZOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

MUNHOZ, Paulo César Valle. *Fotojornalismo, Internet e Participação: os usos da fotografia em weblogs e veículos de pauta aberta*. Salvador, 2005.

MUNHOZ, Paulo César Vialle. *Fotojornalismo, internet e participação: os usos da fotografia em weblogs e veículos de pauta aberta*. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MYDANS, Seth. Mianmar se vê face a face com uma revolução tecnológica. *Uol*, 4 dez. 2007. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/herald/2007/10/04/ult2680u572.jhtm>. Acesso em: 11 mar. 2019.

NEGROPONTE, Nicholas. *Being Digital's front cover*. New York: Alfred A. Knopf, Inc.

OVERMUNDO. Site institucional. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2019.

- PAES, Maria Helena; DUARTE, Geni Rosa; VANNUCHI, Camilo. *Êxodos: Programa Educacional: Leituras, narrativas e novas formas de solidariedade no mundo contemporâneo*. Bei Comunicação, 2000.
- PALACIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória. *Revista PJ:Br*, São Paulo, 4, 2º semestre/2004.
- PEIXOTO, João Guilherme de Melo Peixoto. Publicação e circulação no fotojornalismo contemporâneo: do arquivamento à disponibilização.
- PEIXOTO, João Guilherme de Melo; AFONSO JR., José. Produção e pós produção no fotojornalismo contemporâneo: o que muda com o digital?
- RECUERO, Carlos Leonardo. Fotojornalismo: a história, a prática e a técnica. *In: Fotografia*. 2000. Disponível em: <http://atlas.ucpel.tche.br/~crecuero/artigo5.htm>.
- RITCHIN, Fred. Entrevista: Fred Ritchin. Entrevista concedida a Francisco Quinteiro Pires. *Zum revista de fotografia*, n. 6, 2014.
- RUDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SALLET, Beatriz. O fotojornalismo reconfigurado pelos processos midiáticos da web. *I Colóquio Semiótica das Mídias*, UFPB, 19 set. 2012.
- SALOMÃO, Bruck. A narrativa como valor notícia. *Observatório de Imprensa*, 10 ago. 2004. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-narrativa-como-valor-noticia/>. Acesso em: 11 mar. 2019.
- SHENTON, Helen. The conservation of Roger Fenton's album of Crimean photographs. Disponível em: <http://www.vam.ac.uk/content/journals/conservation-journal/issue-06/the-conservation-of-roger-fentons-album-of-crimean-photographs/>. Acesso em: 11 mar. 2019
- SILVA JR., José Afonso da; QUEIROGA Eduardo. Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência. *Brazilian Journalism Research*, v. 6, n. 2, 2010.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras contemporâneas, 2000.
- SZANIECKI, Bárbara *et al.* *Dispositivo fotografia e contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Nau; PPD ESDI/UERJ, 2013.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- THOMPSON, John B. A nova visibilidade. *Matrizes*, n. 2, abr. 2008.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- WOLTON, Dominique. *E depois da internet?: para uma teoria crítica do novos médias*. Lisboa: Difel, 2000.

APÊNDICE 1 – Transcrição de entrevista

Transcrição de entrevista realizada com Anna Karina Bernardoni (Editora Supervisora Executiva de programas da GloboNews) e Juan Manuel Guadelis Crisafulli (Globo Universidades), em 26/12/2018, às 15:50 h, por telefone – 21m06s de duração.

Anna Karina – Oi, Fabi, Anna Karina, tudo bem?

Fabiana – Oi, Anna Karina, obrigada pela gentileza! Obrigada pela gentileza também, Juan! É... Ana, é... Estas perguntinhas são para começar a fazer o estudo do meu objeto empírico, né, eu já estou na fase de analisar o objeto. Como você sabe, o Juan já deve ter te dito, eu não vou estender, pois sei que você tem 10 minutinhos; meu objeto é o aplicativo, é mania de jornalista fazer nariz de cera, então, eu já vou entrar nas perguntas, querida, e agradeço mais uma vez.

Juan – Mas, Fabi, exatamente... Faz uma breve introdução de sua pesquisa, para ela ficar no contexto outra vez.

AK – [Responde em cima do Juan]. Tá, mas só me explica uma coisa... Isso.

F – Tá... Olha... [Interrupção].

AK – Você está estudando... Deixa eu te perguntar pra te ajudar... Você está estudando só o aplicativo “Na Rua” ou você está estudando aplicativos que trazem a participação do... Do espectador.

F – Do cidadão comum.

AK – Oi?

F – Eu to... É... O termo que eu uso é cidadão comum enquanto produtor de informação fotográfica. Então...

AK – Ah... Tu foca fotografia... Tá.

F – Exato. Só fotografia. É... Exato. Então, na realidade, meu objeto teórico é jornalismo participativo, é um termo novo, é diferente de jornalismo cidadão, né? Que é mais voltado para questões sociais, mas é o jornalismo participativo – e o produtor da informação. É... Então, meu objeto teórico é esse. Eu... É... Só um minuto... Eu, é... Comecei já na minha... Eu tenho uma pós-graduação nesta área, e, na época, meu objeto de pesquisa foi o primeiro canal participativo que existiu no Brasil de participação do cidadão comum enquanto produtor de

fotografia... No *Estadão*... Foi o “Você”... “VocêRepórter”.³⁰ Não, agora eu fiquei nervosa, desculpa, é que já... Já me confundi.

AK – Não, é isso mesmo. É que esse era do *O Globo*... “VocêRepórter”. Mas é parecido.

F – Isso. É... E aí eu analisei as fotografias que eram postadas... É... Tive o apoio na época do criador, né? Entrevistei... Eu fiz uma entrevista com ela por... Por... Com ele... Por *e-mail*, né? Mandei as perguntas, e ele respondeu. E... Ah... Chegamos a uma determinada conclusão. Na realidade, o que mais me interessa mesmo é a participação tanto do cidadão comum na produção da informação quanto a apropriação destas imagens, né? É... De... No caso, fotografias, né? Por um determinado... É... Veículo da mídia tradicional. E aí, querendo mesmo entender essa mudança e a apropriação destas imagens – no caso, não estou falando sobre texto – por estes jornais, no meu caso. Então, iniciei com o jornal impresso e vi nesta oportunidade do aplicativo uma oportunidade de fazer um mestrado e continuar minha pesquisa na participação do cidadão comum enquanto produtor de notícia fotográfica. Meu interesse é saber justamente isso... Quantas são as imagens enviadas... Quantas são, então... Para poder fazer essa... Esse... Essa análise do grau de participação. Então, assim, antigamente a gente via que três, quatro, cinco, dez, quinze, vinte mil imagens eram enviadas e apenas uma fotografia diária era selecionada pelo veículo impresso. Eu, já no início, comecei o mestrado e tive que interromper; eu, no início, é... É... Eu observei que as fotografias... Vocês se apropriavam no jornal das 10 h, não... No GloboNews... A grande maioria das fotos apropriadas, elas eram exibidas no jornal das 10 h da manhã. Essa foi uma primeira análise que eu fiz, assim, e comecei a perceber que a grande maioria eram vídeos... Textos, quase nenhum... E fotografias, é, numa menor quantidade do que vídeos, né? Então, a gente tá construindo o objeto empírico agora, e é daí que vem a minha necessidade de saber quantas fotografias são enviadas, quantas fotografias são capturadas, né? Quantas fotografias são apropriadas e exibidas na televisão, e, para que eu consiga fazer uma análise cada vez mais aprofundada, é necessário eu começar a construir este objeto empírico para que eu possa... Para que possam surgir novas perguntas, entende?

AK – Entendi. Bom, Fabi, vamos por partes aqui. É... O aplicativo, ele, surgiu já faz quatro anos, e aí você recebeu um número aí que a gente já tem 70 mil *downloads*, a gente tinha, assim, no primeiro e segundo ano, foi, bombou muito, tinha muito *download*, e aí a gente viu

³⁰ Nesse momento, eu tentava me referir ao primeiro canal colaborativo criado no Brasil, o “FotoRepórter”, do *Estadão*. O canal colaborativo, criado pelo fotojornalista Cadão, foi meu objeto empírico de pesquisa para trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Especialista em Comunicação Pública pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em parceria com a escola da Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

que não só a quantidade aumentava, como também amplitude. Então, a gente, a ideia do aplicativo o tempo todo foi chegar onde a gente não está.

F – Exato!

AK – O que é isso? É no olhar que a pessoa tem, seja em São Paulo, seja lá no interior do sertão, ou sei lá... Ou daí.

F – Perfeito. É essa mesmo... É.

AK – Ou... Ou... Ou, em Miami, quando tem um vendaval lá, quando tem, a gente... A nossa ideia é estar onde a gente não estaria com uma equipe formal, etc., e tal. Então, a gente partiu deste princípio, e o nosso objetivo, num começo, né, do trabalho, foi a quantidade de *downloads*, então, inclusive nossa... Nosso chamado para as pessoas era esse. Sempre.

F – [...]. Sim.

AK – [...]. O olhar que você tem para trazer a informação, sempre aqui dentro e lá fora, pensando que as pessoas trazem a informação e não trazem notícia.

F – Sem dúvida.

AK – Por quê? Porque quem transforma a informação em notícia é a gente.

F – É o jornalista.

AK – Por “n” motivos... É... Por “n” motivos... Por critério, pela checagem, por etc. e tal. E aí o aplicativo surgiu preocupado com estas premissas. Portanto... Você é inscrita no aplicativo, né?

F – Sou.

AK – Então, você tem que dar quase seu... Sua alma para se inscrever... E aí... Eu... Eu, jornalista da GloboNews, tenho acesso a quase tudo, porque eu sei, eu consigo falar com você, quase imediatamente, que você me mandou a notícia. Eu consigo falar por *e-mail*, eu abro um *chat* com você;³¹ você me responde, você recebe o *post*; então, eu tenho aí, diferentemente do WhatsApp, uma segurança muito maior. Foi por isso que a gente implantou o aplicativo.

F – Perfeito.

AK – Dito isso, a gente passa para a segunda etapa, que é... À medida que as pessoas foram mandando notícias, primeiro, começando timidamente com texto etc., com aquela coisa que a gente tem aqui dentro do WhatsApp (do *app* “Na Rua”), com críticas, elogios e tal, e quando

³¹ Aqui ela menciona o *chat* (a comunicação é feita através do *chat* pelo aplicativo).

a gente começou a colocar efetivamente no “ar” com maior constância, quê que veio? Veio o público da GloboNews.

F – Isso.

AK – Tanto que os colaboradores, ao contrário daquilo que a gente pensou no começo, eles não são pessoas de 15 a 22 anos, tem aí uma parcela pequena de pessoas que têm esta idade, que aqui eu tenho tipo 10%, posso até te passar isso, que é um levantamento que não está atualizado – este levantamento é de julho.

F – Perfeito.

AK – Baseado em 2017... Então, e aí, nosso público mais velho, que é o cara que assiste à GloboNews, que é 50 pra cima, é quase a metade – 40%.

F – Nossa.

AK – Então, o que essas pessoas querem? Elas querem ver na GloboNews o que elas entendem por notícia.

F – Perfeito.

AK – Entendeu? Então, é esse... Esse é o princípio do “Na Rua”... Do olhar, com olhar do jeito delas. E aí, a gente introduz na GloboNews a questão do jornalismo colaborativo.

F – Sim.

AK – Tá? Aí, bom, partindo do princípio que estamos em televisão, o que interessa para a televisão? A imagem.

F – Sim.

AK – Então, a gente bate muito, apesar de a chamada dizer mande sua informação, sua foto, sua imagem, a gente bate no mande sua imagem... Mande sua *selfie*, seu testemunho... Por quê? Porque na televisão isso tem um peso gigantesco...

F – Sem dúvida.

AK – Porque colocar uma foto... De uma enchente ou colocar o vídeo da enchente que o cara fez da janela da casa dele, a força da informação é muito maior, para nós da GloboNews ou de qualquer emissora de TV, é maior a imagem do que a foto. Tá? Daí, como o teu... Teu... Teu... Tua proposta é a foto, quando você entra no aplicativo, você vê que ele é totalmente intuitivo: ele vai te induzir a fazer um vídeo ou a subir o teu vídeo.

F – Sim.

AK – Depois, vem a foto, a informação e tal. O texto obrigatoriamente você vai ter que colocar em qualquer mídia, porque você tem quase que passar o “*lead*” da sua informação ali na hora de preencher o cadastro para mandar, né?

F – Sim.

AK – Então, realmente, o que a gente tem mais é uma questão de ter vídeos e não fotos, as pessoas foram aprendendo ao longo dos anos que o que realmente iria entrar no ar seriam os vídeos, tá?

F – Os vídeos, sim.

AK – Portanto, eu tenho aqui... Até abri agora na... Um tipo de... Do dia 23 para cá... Só para te dar um exemplo... Eu não tenho esta contagem automática, tá? Eu to contando isso aqui no dedo para você... Um, dois, três... [Pausa na contagem, provavelmente contou silenciosamente, pausa de 5 segundos]... Treze participações de fotos, tá?

F – Sim.

AK – E aí, das mais diversas... Mulheres, privilégios... Até desordem na cidade... Nó... O tempo em Vila Velha... Um monte de coisas aqui... De explosão, incêndio em prédio... Eu tenho, destes treze, eu tenho seis que têm... Não só foto, como vídeo também.

F – Entendi.

AK – Tá? Então, a chance de essa informação entrar, ao invés de a gente usar a foto, e entrar o vídeo, é maior... Quando é que a gente usa muito a foto? Quando é uma coisa absolutamente extraordinária ou quando a gente tá com uma equipe na rua cobrindo aquele fato, e aí tem um olhar de alguém de um lugar que a gente... [Corta bruscamente]. Caiu o viaduto em São Paulo, então, eu tenho uma foto do carro embaixo, e meu repórter está a não sei quantos metros, e descobri que ele não pode “entrar”. Certamente entrará como colaboração do “Na Rua” a foto.

F – Entendi.

AK – Entendeu? Então, estes critérios são critérios nossos aqui, editoriais, como o repórter tá na rua fazendo uma foto, ele vai... Vai entrar a foto do repórter... Porque é inédito, é relevante.

F – Entendi, perfeito. É... E... E...

AK – E aí, a gente tem também, sempre, essa premissa de que, mesmo que a gente esteja lá na cobertura, se um colaborador do “Na Rua” manda um vídeo, uma foto ou alguma coisa para a gente que seja importante e tenha o olhar dele, isso vai entrar imediatamente, depois da nossa cobertura.

F – Sim... Eu reparei isso também.

AK – Tá?

F – E... E deixa eu te fazer uma pergunta. Os dados... Esses dados realmente não... Não... Não poderão ser divididos comigo, por exemplo, o número de quantas fotografias... E... Não sei se o Juan me passou esta informação é... Das 71 mil imagens enviadas desde a abertura até o dia de ontem ou é... Eu não entendi muito bem...

AK – Olha só, 71 mil.

J – Setenta e um mil *downloads*... [Do aplicativo].

AK – E não de imagens.

F – Ah, tá... *Downloads* do aplicativo.

AK – Setenta e um mil usuários.

F – Entendi... E fotografias recebidas – vocês não poderiam me passar esta informação?

AK – Na verdade, assim, eu não tenho... É um levantamento fechado.

F – Entendi.

AK – Eu tenho por ano do percentual, que foi isso que ela... Que foi aquilo que o pessoal te passou... Que acho que são 10%... Porque o que eu lembro do *e-mail*...

J – Não... Esta informação não chegou para mim.

AK – Não chegou... Então, eu não tenho esse levantamento fechado para te dar, até porque a gente tem isso. Às vezes, vem o vídeo junto com a foto.

F – Entendi... Entendi.

AK – Entendeu? E eu não tenho para te dizer o número de fotos, eu teria que... Talvez eu até consiga isso, mas eu não consiga te dar hoje.

F – Não, sem problema.

AK – A gente não tem por datas, o que eu teria que fazer é pegar alguém aqui para contar. Tipo, nos últimos seis meses, foram 70 mil fotos... E também eu tenho foto... Às vezes, tem uma pessoa que, de duas em duas horas, me manda uma foto dele mesmo falando “O messias virá”.

F – [Risos]. Olha!

AK – Entendeu?

F – Entendi. Ótima essa informação.

AK – [Risos]. Essa não é uma foto relevante para a gente, né?

F – Sem dúvida.

AK – Então, assim... É... Eu não... Essa contagem que eu iria te dar não é uma contagem que seja muito legal... Às vezes, vem um documento... Vem um documento... Que o cara tirou a foto do vídeo da TV da Record, entendeu?

F – Entendi, entendi.

AK – Não é um material que eu possa usar como notícia.

F – Entendi. Mas as... As fotografias exibidas durante a programação/jornais GloboNews... Essas você teria? Quantas fotos foram exibidas até hoje? Não, também não, né? Isso aí também...

AK – Não, Fabi, não tenho.

J – Mas é interessante te explicar por que não.

AK – É.

J – Deixa que... Eu interrompo aqui.

AK – Tá... Uhum.

J – Existem dinâmicas próprias da... Da GloboNews, que não nos permite fazer esta contagem. E eu vou te explicar por que, Fabi.

F – Tá.

J – Vamos supor que a foto chegou às 7 h da manhã e foi ao ar às 7 h da manhã.

F – Sim.

J – Depois, entrou estúdio I, e não foi mais... Mas, depois, entrou no jornal das 17 h. Não tem jornal das 17 h... Só das 18 h, da Leilane, ou 16 h... E, aí, de noite pode entrar outra vez.

F – Verdade.

J – As fotos podem ser utilizadas uma, duas, três, quatro ou doze vezes.

F – É verdade, é verdade.

J – Né, verdade? Então, essa contagem é um pouco complexa.

F – Concordo.

J – É... Até falar quantas vezes, se entrou uma única... Tipo, até quantas vezes uma única foto entrou sem importar a repetição é difícil também. É... Porque o que acontece... O fluxo da dinâmica de trabalho dentro da redação é como outro qualquer lugar do mundo, como em qualquer outra redação do mundo: existe... Um... Um... Vamos dizer, um lugar aonde chegam todos os fatos que serão apurados, e, nesse lugar, também têm as fotos e os vídeos enviados pelo *app* “Na Rua”, entendeu?

F – Entendi.

J – E... De onde vem... Fazer a triagem de onde vem cada informação é um pouco complexo, pela dinâmica da redação propriamente.

F – Entendi, entendi.

AK – Exatamente. Então, é esse controle – eu não tenho. É... Até mesmo porque é difícil computar. Às vezes, eu entro sempre com o selo “Na Rua”, aí vai ter um jornal que não vai usar o selo “Na Rua”, entendeu? Então, assim, é... Porque colocou dentro de uma lapada...³² Cê... Cê domina este vocabulário, né? A lapada, que são várias fotos, várias imagens...

F – Uhum.

AK – E ali ele não colocou, porque especificamente passou, e o pessoal não viu que aquilo ali era “Na Rua” e não colocou. Então, eu não tenho como fazer este controle, justamente por causa disso.

F – Então, deixa eu te fazer uma pergunta... Agora, para eu ter uma maior certeza, quando eu for analisar as imagens, os vídeos, que vocês postam³³ da exibição das imagens ou vídeos do *app* no portal... Vocês, lá na aba do aplicativo, vocês postam pequenos vídeos, onde existe a participação do cidadão; isso corresponde ao que é exibido ou é apenas uma amostra?

AK – Você está falando do *site* da GloboNews?

F – É... Aí tem uma aba chamada aplicativo “Na Rua” GloboNews, e vocês... [Algo é falado, mas não é possível entender]. Oi?

AK – Tudo que entra ali é o que foi ao ar.

F – Ótimo.

AK – Só entra ali o que foi ao ar. Às vezes, no fim de semana, repete no sábado e no domingo. Então, você vai ver que não tá no sábado e no domingo, tá num dos dois dias só. [Conteúdo não aparece duas vezes, portanto].

F – Perfeito.

AK – Por isso que não tem uma métrica, porque é a natureza da GloboNews. Se você me perguntar, a matéria do Murilo Salviano... As imagens que ele fez da matéria dele entraram quantas vezes? Eu não vou conseguir te dar esta métrica também, porque pode entrar hoje, amanhã, no jornal da meia-noite, no jornal das seis da manhã, entendeu?

F – Entendi, mas, por exemplo, aquilo que o Juan falou... De uma imagem ou de um vídeo [colaborativo] que é exibido várias vezes ao longo da programação dos jornais da GloboNews... Todas as vezes que essa imagem ou esse vídeo foram transmitidos³⁴ na TV, eles estão lá na no *site*? No portal?

AK – Não naquela aba. Naquela aba só vai entrar uma vez.

³² Lapada: resumo de fatos com um *clip* de imagens, podendo ou não ser narrado em *off* e com trilha.

³³ Queria dizer essa palavra que se apropriam e publicam nos jornais da GloboNews e, depois, disponibilizam no portal da GloboNews na aba do “Na Rua”.

³⁴ Quis dizer enviados por colaborador, apropriados e publicizados pela GloboNews.

F – Tá, perfeito.

AK – É porque, aí que o pessoal da... Do *site* faz... Entrou uma colaboração do “Na Rua”, mesmo que ela se repita vinte vezes, ela vai estar ali só uma vez.

F – Só uma vez. Perfeito. Ótimo.

F – Repete seu nome para mim, querida. Eu tava muito nervosa e muito chorosa, eu não guardei seu nome.

AK – Não... E, aí... Olha só... É o que eu posso te dizer, é que a gente, teoricamente, a gente consegue colocar tudo nesta plataforma, então, o que você vai precisar... Na aba do G1... O que você precisar você vai ter que assistir um a um. O levantamento que eu tenho é de *downloads*, é de... O máximo que eu posso te dizer é: no último mês, tiveram 52 fotografias, mas aí eu teria que abrir uma a uma das participações e te dizer. Essa...

F – Não, sem problema.

AK – Essa vale... Essa não vale... Então, essa não é... Eu vou te dar uma métrica mentirosa, se eu for só pelo dado... Chegaram 100 fotos... Não são fotos que a gente se apropriaria para pôr no ar...

F – Não tem um conteúdo jornalístico, né? É uma foto qualquer.

AK – Isso. Os vídeos mais facilmente; mas as fotos, difícil.

F – Perfeito. E você é a idealizadora do aplicativo?

AK – Adoraria! [Risos].

F – [Risos].

AK – Não, eu coordeno hoje o aplicativo pela parte de conteúdo, tá?

F – Tá.

AK – Eu sou uma das curadoras daqui do conteúdo do aplicativo, só do aplicativo. Não sou eu a pessoa que permite, quem dá *ok* para entrar no espelho, para ir ao ar. Eu faço a curadoria e passo para os editores-chefes.

F – Perfeito. Ótima informação também, muito obrigada! Então, a idealização foi de um grupo de jornalistas ou da própria Globo?

AK – Foi da GloboNews, né? Foi um projeto da GloboNews que surgiu com a ideia de ter o jornalismo colaborativo, faz quatro anos, e teve uns seis meses de projeto piloto, que a gente trabalhou com comunidades, com líderes comunitários do Rio, São Paulo... Líderes comunitários e estudantes. Rio, São Paulo... No Recife... E a gente teve, se você olhar nas

primeiras colaborações... Basicamente são estes líderes comunitários, que eram pessoas que já lidavam com mídia, com internet, com conteúdo de informação.

F – Ótimo.

AK – Então, a gente fez esses seis meses de... Até para descobrir, ah, quais os tipos de Androides que ainda não conseguem baixar este tipo de aplicativo, etc., etc. Como qualquer aplicativo.

F – Legal.

AK – E aí, depois do sexto mês, a gente abriu para todos os colaboradores.

F – Perfeito, perfeito.

J – Anninha, fala para ela qual seu cargo dentro da empresa.

AK – Eu sou editora-supervisora executiva de programas da GloboNews, tá? **F** – Você poderia repe-... Me dizer seu nome completo, para eu já colocar na... **AK** – Tá, tá... É Anna, com dois enes, Karina, com cá... Bernardoni.

F – Sem n duplo.

AK – Não, só Anna que é duplo.

F – Tá, perfeito. Anna, muito obrigada, querida, pela atenção! Obrigada mesmo.

AK – Qualquer outra dúvida, na hora que você começar a escrever... Assim, lembrei do meu TCC, que é bem mais simples que o seu problema... Você passa para o Juan, que o que a gente puder ajudar... Têm coisas que a gente realmente não vai conseguir.

F – Claro.

AK – Mas o quê... Até pela própria natureza do nosso trabalho...

F – Sem dúvida.

AK – Mas você sabe... Você tá escrevendo aí... A gente tá dentro de uma empresa, precisa de autorização, mas, qualquer outra coisa, você fala com o Juan, e ele fala comigo.

F – Tá bom, querida, obrigada de novo, e desculpa qualquer coisa.

AK – Boa sorte.

F – Amém.

AK – Qualquer coisa, fala com a gente de novo.

F – Tá bom.

AK – Beijo grande.

F – Beijão, obrigada, querida.

AK – Tá bom, beijos, Juan, a gente se fala.

J – Alô, Fabiana.

F – Oi Juan, muito obrigada.

Fim da entrevista.

APÊNDICE 2 – Jornais ativos em 2019 e suas temáticas

Figura 69 – Jornal GloboNews – Edição da Meia-noite. O que foi destaque ao longo do dia e o que será manchete amanhã



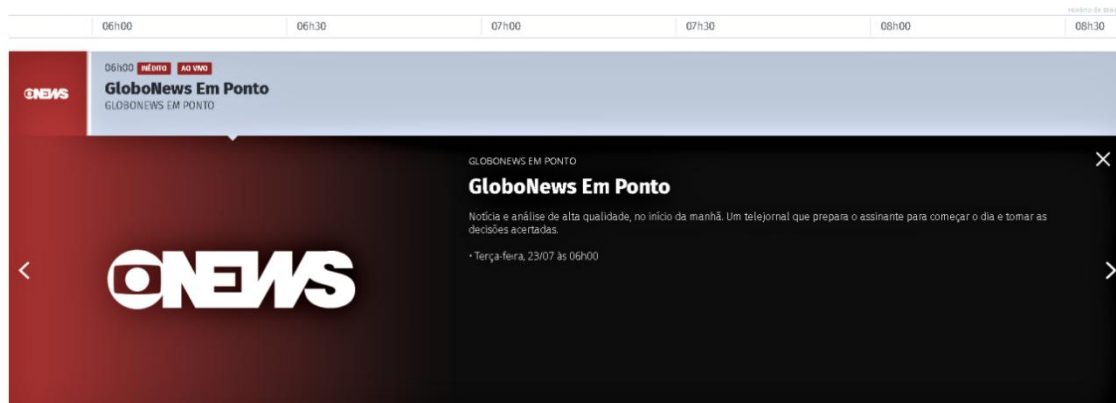
Fonte: a autora.

Figura 70 – Jornal GloboNews – Edição de 01h. As principais notícias do Brasil e do Mundo



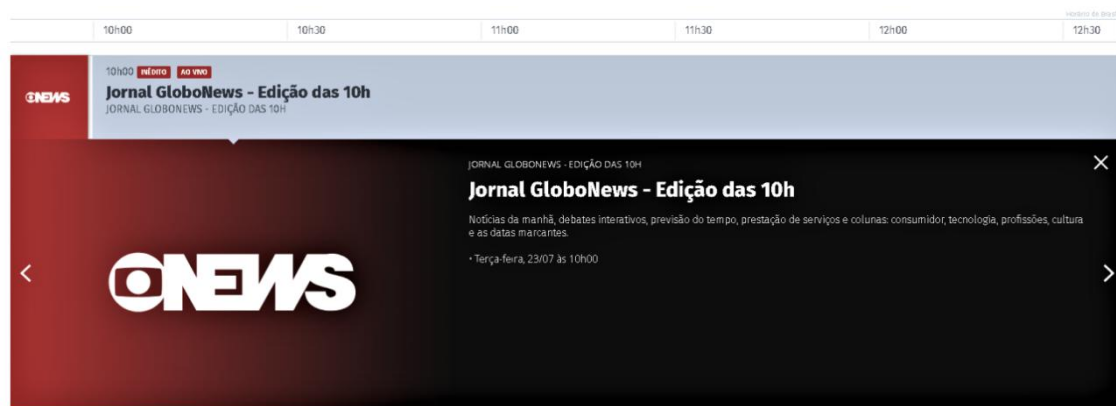
Fonte: a autora.

Figura 71 – Jornal GloboNews Em Ponto. Notícias e análises de alta qualidade, no início da manhã. Um telejornal que prepara o assinante para começar o dia e tomar as decisões acertadas



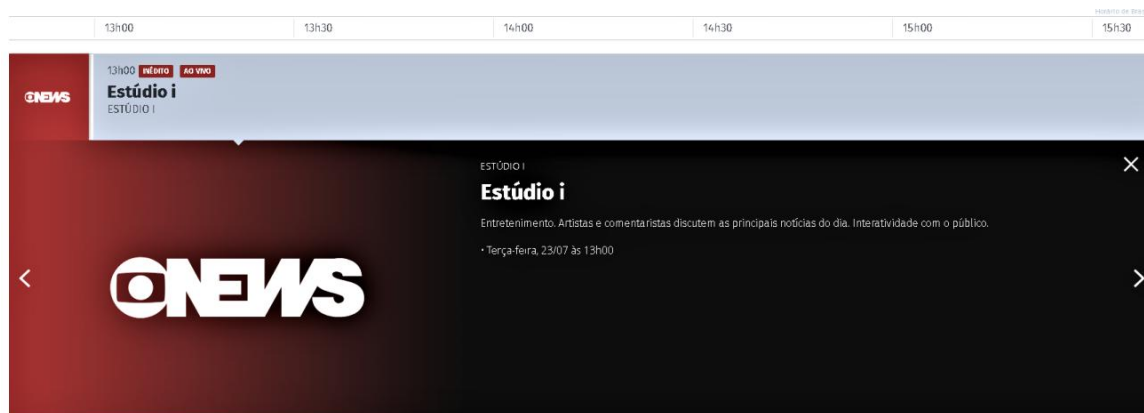
Fonte: a autora.

Figura 72 – Jornal GloboNews – Edição das 10h. Notícias da manhã, debates interativos, previsão do tempo, prestação de serviços e colunas: consumidor, tecnologia, profissões, cultura e as datas marcantes



Fonte: a autora.

Figura 73 – Estúdio i. Entretenimento. Artistas e comentaristas discutem as principais notícias do dia. Interatividade com o público



Fonte: a autora.

Figura 74 – Jornal GloboNews – Edição das 16h. As principais notícias do Brasil e do mundo



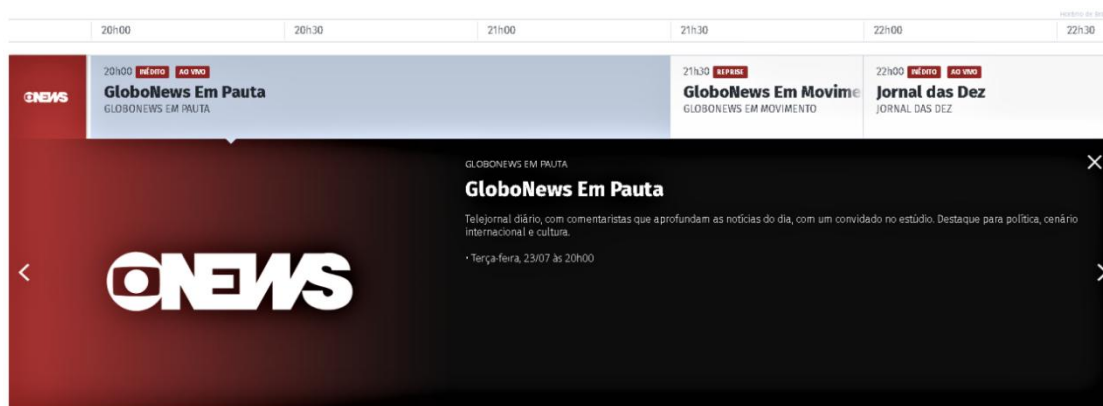
Fonte: a autora.

Figura 75 – Jornal GloboNews – Edição das 18h. Cobertura completa de tudo o que foi destaque ao longo do dia, no Brasil e no Mundo



Fonte: a autora.

Figura 76 – GloboNews Em Pauta. Telejornal diário, com comentaristas que aprofundam as notícias do dia, com um convidado no estúdio. Destaque para a política, cenário internacional e cultura



Fonte: a autora.

Figura 77 – Jornal das Dez. Os bastidores e a[s] informações exclusivas da política, economia e do noticiário internacional. O jornal traz análises do seu time de comentaristas e repórteres



Fonte: a autora.